

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM COMUNICAÇÃO
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO

VÂNIA MÁRCIA DE PAULA

NARRATIVAS DO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO *INSTAGRAM*
DE GELEDÉS E ALMA PRETA JORNALISMO

SÃO PAULO, SP
2026

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM COMUNICAÇÃO
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO

NARRATIVAS DO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO *INSTAGRAM*
DE GELEDÉS E ALMA PRETA JORNALISMO

VÂNIA MÁRCIA DE PAULA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Comunicação da Universidade
Paulista (UNIP) como requisito para obtenção do
título de doutora em comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Montuori Fernandes

Área de concentração: Comunicação e Cultura
Midiática

SÃO PAULO, SP
2026

Paula, Vânia Márcia de.

Narrativas do letramento racial crítico no *Instagram* de Geledés e Alma Preta Jornalismo / Vânia Márcia de Paula. - 2026.

133 f. : il. color.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2026.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Montuori Fernandes.

1. Literacia midiática. 2. Ecologia midiática. 3. Análise de conteúdo de Bardin. 4. Mídias negras. I. Fernandes, Carla Montuori (orientadora). II. Título.

VÂNIA MÁRCIA DE PAULA

**NARRATIVAS DO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO *INSTAGRAM*
DE GELEDÉS E ALMA PRETA JORNALISMO**

Tese apresentada ao Programa e Pós-Graduação
Stricto Sensu em Comunicação da Universidade
Paulista (UNIP) para fins de obtenção do título de
doutora em comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Montuori Fernandes

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Orientadora Carla Montuori Fernandes - Universidade Paulista (UNIP)

Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva - Universidade Paulista (UNIP)

Prof. Dr. Gustavo Souza da Silva - Universidade Paulista (UNIP)

Prof. Dr. Thiago Rodrigues - Centro Universitário Assunção

Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira - Universidade Federal de Juiz de Fora

DEDICATÓRIA

À minha mãe Aparecida, em memória,

Mulher preta retinta, linda e vaidosa, costureira de mãos firmes, artesã de alma criativa e cozinheira de coração generoso. Sozinha criou 8 dos 12 filhos que trouxe ao mundo, enquanto meu pai, mecânico e provedor único, estava sempre ausente, trabalhando viajando pelos cantões de Minas, desbravando estradas e consertando máquinas. Comandava a casa com a força do matriarcado negro - aquele poder natural das mulheres pretas que, mesmo relegadas ao cuidado, se erguem como rainhas incontestes, guiando a família com autoridade amorosa e inabalável.

À sua maneira silenciosa, porém indomável, você me ensinou resistência e resiliência: nunca me acomodar no lugar que nos impuseram, sempre galgando degraus até o doutorado. Por você, aprendi que o conhecimento nos retira do silêncio e da invisibilidade esperados para nós, nos colocando num lugar de onde podemos olhar o entorno com olhar crítico e ampliar a voz negra.

Esta tese é sua vitória também.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Carla Montuori Fernandes, minha orientadora, expresso minha gratidão mais profunda por me acolher como orientanda, pela compreensão incondicional e pela orientação cuidadosa e humana que me acompanhou em cada etapa desta tese. Sua escuta sensível, paciência acolhedora e sabedoria transformaram não apenas este trabalho, mas minha jornada como pesquisadora negra na Comunicação. Você me fez acreditar mais nas pessoas: mesmo de longe, e sem nem saber disso, acietou meu coração quando meu marido enfrentou inesperadamente uma recidiva de tumor, com a calma e o entendimento de quem já passou por essa experiência tão marcante.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNIP, pela estrutura e cuidado com seus doutorandos.

À Profa. Issaaf Santos Karhawir, pelas aulas que definiram rumos; e ao Prof. Dr. Jorge Miklos, pela leveza do doutorado.

Ao amigo Pedro Farnese, Padrinho de Doutorado, aquele que acreditou no meu potencial e responsabilidade e me incentivou a abraçar essa oportunidade tão importante. Sua confiança e escuta foram meu combustível.

Ao Geledés - Instituto da Mulher Negra e Alma Preta Jornalismo, objetos deste estudo, pelo trabalho pioneiro em comunicação por e para pessoas pretas, respeitando subjetividades e transformando redes em resistência.

Ao meu marido José Correia, suporte incomparável nesta jornada, pelo sustento emocional que segurou os dias e noites de leituras, redação da tese e codificação dos 226 *posts*. Sem seu apoio, compreensão e amor, não seria possível concluir esta tese.

Agradeço ao Prof. Manoel Almeida, cujo olhar cuidadoso e experiente contribuiu de maneira decisiva para a revisão de detalhes desta tese. Sua intervenção e esforço de revisão transformou os minutos finais, antes tensos, em um processo confortável de redação, liberando-me para me dedicar plenamente à finalização do conteúdo.

À Capes, pelo apoio financeiro que viabilizou esta pesquisa.

Finalmente, à força ancestral das mulheres pretas que me trouxeram até aqui - esta conquista é coletiva.

EPÍGRAFE

*"O racismo não é apenas uma questão de cor da pele,
mas de poder estrutural que nega humanidade."
(Angela Davis)*

RESUMO

Esta tese analisa como o Geledés - Instituto da Mulher Negra e a Alma Preta Jornalismo constroem o Letramento Racial Crítico (LRC) no *Instagram*. O objetivo geral consiste em investigar as estratégias discursivas dessas mídias para a promoção da consciência crítica contra o racismo estrutural e algorítmico. Metodologicamente, realizou-se uma análise de conteúdo temática de 226 postagens fundamentada na técnica de Bardin, operacionalizada por uma Matriz Analítica Multidimensional (TRC x *Literacia* x LRC) e pelas cinco premissas (P1-P5). Os resultados revelam uma Ecologia Midiática Negra caracterizada por elevada densidade semântica (sobredeterminação de 171,6%) e alicerçada no diagnóstico do racismo estruturante (43%). Identificou-se uma divisão de trabalho simbólico sinérgica: o Geledés exerce autoridade normativa e institucional em escala global, enquanto a Alma Preta opera por meio de denúncias locais e territoriais em sincronia algorítmica. A pesquisa demonstra que o letramento se organiza em uma jornada de seis estágios interdependentes, diagnóstico, mediação, crítica, epistemologia, *práxis* e integração, que converte a leitura crítica em incidência política, com chamadas à ação (CTAs) presentes em 83,7% do *corpus*. Conclui-se que essa estrutura de aprendizagem a soberania informativa e a autonomia intelectual do seguidor. Tal processo ocorre pela reconfiguração da lente analítica, pelo fortalecimento do saber próprio e pela ativação da capacidade de mudança social. Assim, evidencia-se que as organizações operam, de forma interdependente, o Letramento Racial Crítico Sistêmico e Midiático.

Palavras-chave: *literacia* midiática; ecologia midiática; análise de conteúdo de Bardin; mídias negras.

ABSTRACT

This thesis analyzes how Geledés - Instituto da Mulher Negra and Alma Preta Jornalismo construct Critical Racial Literacy (CRL) on Instagram. The general objective is to investigate the discursive strategies of these media outlets for promoting critical awareness against structural and algorithmic racism. Methodologically, a thematic content analysis of 226 posts was conducted, based on Bardin's technique, operationalized by a Multidimensional Analytical Matrix (CRT x Literacy x CRL) and the five assumptions (P1-P5). The results revealed a Black Media Ecology characterized by high semantic density (overdetermination of 171.6%) and grounded in the diagnosis of structural racism (43%). A synergistic symbolic division of labor was identified: Geledés exerts normative and institutional authority on a global scale, while Alma Preta operates through local and territorial denunciations in algorithmic synchronicity. The research demonstrates that literacy is organized into a journey of six interdependent stages—diagnosis, mediation, critique, epistemology, praxis, and integration—that transforms critical reading into political advocacy, with calls to action (CTAs) present in 83.7% of the corpus. It concludes that this pedagogical architecture promotes informational sovereignty and cognitive emancipation of the follower/reader through the reconfiguration of the analytical lens, the strengthening of epistemic self-concept, and the activation of transformative agency, evidencing that the selected organizations operate, in an interdependent manner, Critical Systemic and Media Literacy.

Keywords: media literacy; media ecology; Bardin content analysis; Black media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Princípios do Letramento Racial de Twine e Steinbugler (2006).....	57
Figura 2 – Fundamentos de Letramento Racial Crítico (LRC) de Ferreira (2014, 2015)	58
Figura 3 – Post G07 Geledés (2024): Mesa-redonda: promovendo a representação racial na tomada de decisões globais: o papel da ONU	87
Figura 4 – Post A40 Alma Preta (2024): “1 negra morta a cada 4 horas” - letalidade policial viralizada (Mbembe, 2018)	88
Figura 5 – Post G01 Geledés (2024): Ilê Aiyê na COP16 como resistência institucionalizada	90
Figura 6 – Post A01 Alma Preta (2024): Gonzalez em UFMG celebrando	90
Figura 7 – Post G02 Geledés (2024): “Seminário Gênero e Políticas: ultraconservadorismo” - ONU + raça-gênero global	93
Figura 8 – Post A95 Alma Preta (2024): Violência obstétrica e interseccionalidade - interseções periféricas concretas	94
Figura 9 – Post A22 Alma Preta (2024): “Primeira infância negra - raça+classe+infância”	94
Figura 10 – Post G04 Geledés (2024): Norma eurocêntrica confrontada na COP16	97
Figura 11 – Post G09 Geledés (2024) - Bárbara, mulher trans, negra e empregada doméstica. Como este corpo adentra as casas?.....	97
Figura 12 – Post A09 Alma Preta (2024 - Afro fashion Day celebra 10 anos com destaque na moda e música negra em Salvador	98
Figura 13 – Post G13 Geledés (2024): Podcast “Essa Geração” propõe pedagogia antirracista global	101
Figura 14 – Post A21 Alma Preta (2024): Escolas periféricas contra o eurocentrismo epistêmico	102
Figura 15 – Post G15 Geledés (2024): G20 + afrodescendente + interseccionalidade - cruzamentos institucionais	104
Figura 16 – Post A19 Alma Preta (2024): Vulnerabilidade econômica + violência doméstica	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Manifestações Contemporâneas do Racismo e suas Interseções Digitais	27
Quadro 2 – Fundamentos do Letramento Racial.....	38
Quadro 3 – Matriz Analítica TRC X Literacia X LRC	41
Quadro 4 – Síntese das Variáveis Contextuais Inferenciais (Condições de Produção)	48
Quadro 5 – Índícios das premissas orientadoras P1-P5	50
Quadro 6 – Categorias unificadas da Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico	63
Quadro 7 – Categorias Principais Híbridas (Pré-análise Bardin, 2016).....	67
Quadro 8 – Categorias e subcategorias temáticas em Geledés e Alma Preta.....	69
Quadro 9 – Subcategorias emergentes e coocorrências (exploração exaustiva Bardin, 2016).....	71
Quadro 10 – Categorias e subcategorias temáticas validadas pelas premissas PI-P5	73
Quadro 11 – Categorias híbridas, coocorrências e estratégias.....	79
Quadro 12 – Categorias híbridas, coocorrências e estratégias validadas por P1-P5.....	81
Quadro 13 – Subcategorias emergentes e coocorrências (Bardin, 2016).....	84
Quadro 14 – Validação Sistêmica P2/P4/P5: Disputa pela Verdade.....	92
Quadro 15 – Validação Sistêmica P1/P3/P5: Tecnologia de Filtragem.....	96
Quadro 16 – Validação Sistêmica P1/P3: Esvaziamento da Neutralidade.....	99
Quadro 17 – Validação Sistêmica P5: Soberania do Olhar Distribuída.....	103
Quadro 18 – Validação Sistêmica P4/P5: Ecologia Policrônica	107
Quadro 19 – Arquitetura do Letramento Racial Crítico Sistêmico	111

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AMI	Alfabetização Midiática e Informacional
API	Interface de Programação de Aplicações
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRT	<i>Critical Race Theory</i>
CTA	<i>Call to action</i> (chamada para ação)
IALS	<i>International Adult Literacy Survey</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEE	Instituto Europeu de Estatísticas Educacionais (INEE)
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LRC	Letramento Racial Crítico
LRCSM	Letramento Racial Crítico Sistêmico e Midiático
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OECD	Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
Pnad	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
TRC	Teoria Racial Crítica
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UPPs	Unidades de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 INTERSECCIONALIDADE, IDENTIDADE RACIAL E RACISMOS MÚLTIPLOS .	17
2.1 INTERSECCIONALIDADE: COMPREENDENDO RAÇA, GÊNERO E CLASSE	19
2.2 IDENTIDADES RACIAIS E IDENTIDADE NEGRA: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA	22
2.3 RACISMOS MÚLTIPLOS E SUAS MANIFESTAÇÕES	24
3 EVOLUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO	28
3.1 FUNDAMENTOS CONCEITUAIS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E LITERACIA MIDIÁTICA.....	28
3.2 LITERACIA: DIMENSÕES CRÍTICAS E SOCIAIS.....	33
3.3 DA TEORIA RACIAL CRÍTICA AO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO	36
3.3.1 Teoria Racial Crítica (TRC)	36
3.3.2 Do Letramento Racial ao Crítico	37
3.3.3 Matriz analítica TRC X Literacia X LRC	40
4 PERFIS INSTITUCIONAIS COMO UNIDADES DE CONTEXTO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	42
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PERFIS INSTITUCIONAIS E AS VARIÁVEIS CONTEXTUAIS TEÓRICAS.....	43
4.1.1 Perfil e Resistência: Geledés e Alma Preta	44
4.1.2 Condições de produção: Geledés x Alma Preta	45
4.1.3 Formulação dos premissas da análise da pesquisa (P1-P5)	48
5 ANÁLISE DE CONTEÚDO TEMÁTICA COMPARATIVA DE GELEDÉS E ALMA PRETA JORNALISMO NO INSTAGRAM	53
5.1 PERCURSO METODOLÓGICO	54
5.1.1 Seleção e delimitação do corpus	55
5.1.2 Procedimentos de codificação	56
5.1.3 Construção das categorias analíticas híbridas	57
5.1.4 Descrição das categorias analíticas e subcategorias	61
5.1.4.1 Codificação categorial sequencial (Q7-Q10).....	65
5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS POSTAGENS DE GELEDÉS E ALMA PRETA.	75
5.2.1 Arquitetura categorial e dispositivos de validação (P1-P5 e Matriz analítica TRCxLiteracia x LRC)	76
5.2.1.1 Interpretação sistêmica dos quadros: do mapeamento à práxis	78
5.2.2 Análise qualitativa e interpretação das categorias	86
5.2.2.1 Racismo Estruturante contemporâneo: arquitetura viva e necropolítica.....	86
5.2.2.2 Intervenção Antirracista transformadora: da consciência à incidência	89
5.2.2.3 Mediação interseccional: eixos sobrepostos	92
5.2.2.4 Crítica à Branquitude Normativa: invisibilidade do privilégio	96

5.2.2.5 Epistemologia Racial Situada: saberes negros como referência.....	100
5.2.2.6 Leitura Interdisciplinar de Códigos Raciais.....	104
5.2.2.7 Validação da Premissa 5: a sinergia na Ecologia Midiática Negra.....	107
5.3 SÍNTESE ANALÍTICA: A OPERACIONALIZAÇÃO DO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO SISTÊMICO	108
5.3.1 Jornada rumo ao Letramento Racial Crítico: fluxos e estágios da consciência.....	112
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICE A – AMOSTRA DE 27/49 POSTS COLETADOS DO INSTAGRAM DE GELEDÉS	129
APÊNDICE B – AMOSTRA DE 34/177 POSTS COLETADOS DO INSTAGRAM DA ALMA PRETA JORNALISMO	131

1 INTRODUÇÃO

No alvorecer da sociologia moderna, entre o final do século XIX e o início do XX, a comunicação emergiu como um objeto central para a compreensão da subjetividade coletiva. Tönnies (1887) inaugura, ao diferenciar comunidade presencial (*Gemeinschaft*) de sociedade impessoal à distância (*Gesellschaft*), identificando imprensa como primeira infraestrutura societal. Tarde (1901) diferencia a "multidão" física do "público" mediado, argumentando que a imprensa criava uma coesão mental à distância.

Essa perspectiva de racionalização foi aprofundada por Weber (1904), que identificou redações como burocracias racionais e o jornalismo como uma engrenagem do desencantamento do mundo. Park (1923) utilizou a "ecologia humana" da Chicago School para modelar os jornais como organismos urbanos. Sua análise previa quatro fases: competição, conflito, acomodação e assimilação. Nesse modelo, a notícia atuava como mecanismo de controle social. Posteriormente, Lasswell (1948) consolidou essa visão ao sistematizar as funções comunicacionais. Para ele, a imprensa era uma instituição social com papéis políticos e de vigilância do ambiente.

Apesar desse vigor inicial, o cenário intelectual do pós-Segunda Guerra Mundial testemunhou um hiato na sociologia da comunicação, influenciada pelo funcionalismo clássico e pelo determinismo econômico. Nesse período, a sociologia dominante passou a tratar a cultura e a comunicação como variáveis dependentes ou fenômenos secundários frente às estruturas materiais. No entanto, enquanto a teoria silenciava, a compreensão da subjetividade coletiva expandia-se drasticamente na prática social com a ascensão do rádio e da televisão. Ao romperem as barreiras da alfabetização e da distância física, esses meios de difusão (*broadcasting*) permitiram a experiência da simultaneidade despacializada (Thompson, 1998), possibilitando que milhões de indivíduos experimentassem os mesmos eventos simultaneamente.

Rádio e TV construíram identidade nacional via oralidade e imagem (Williams, 2017) e tornaram-se os principais vetores de construção de uma identidade nacional e de uma "agenda comum". Esse processo moldou o imaginário social e as percepções sobre raça e classe através de representações, muitas vezes estereotipadas, que passavam a habitar o espaço doméstico.

Esse cenário de hegemonia unidirecional começou a ser confrontado por exceções críticas, como os Estudos Culturais Britânicos que, a partir da década de

1970, reposicionaram a raça e a ideologia no centro da disputa simbólica, questionando como os sentidos são produzidos e decodificados pelas audiências. Contudo, foi apenas com a crise dos paradigmas de difusão e a ascensão da Era da Informação, nos anos 1990, que o fenômeno comunicacional reassumiu o protagonismo teórico.

Autores como Manuel Castells (1999) propuseram a "sociedade em rede" como uma nova morfologia social, transformando a visibilidade do poder e permitindo a emergência de vozes historicamente silenciadas pelos monopólios de difusão. John B. Thompson (1998) analisou a midiaticização como uma transformação profunda nessa visibilidade, enquanto Nick Couldry (2003) expandiu o debate ao denunciar a "mitologia do centro midiático", questionando a autoridade simbólica que as instituições de mídia exercem sobre a realidade social.

Sob esse contexto de midiaticização tardia, conforme define Stig Hjarvard (2012), a comunicação deixa de ser um "setor" isolado e passa a ser um princípio organizador da sociedade, estruturando o cotidiano e reorganizando instituições como a família, a educação e a política. No Brasil, essa lógica se entrelaça com a história de racismo estrutural e com a desigualdade de acesso, transformando as plataformas digitais em arenas de disputa em torno de memória, cidadania e reconhecimento. Nesse cenário, mídias negras como o Geledés Instituto da Mulher Negra e o Alma Preta Jornalismo ganham relevância como infraestruturas de resistência, tensionando o legado de exclusão da população negra nos meios tradicionais e enfrentando as lógicas algorítmicas opacas e potencialmente discriminatórias.

A digitalização da comunicação altera também o fazer científico e profissional, exigindo a articulação de competências de análise de dados e leitura crítica de plataformas (Sáez, 2020). Se, por um lado, o ambiente online amplia a "autocomunicação de massa" (Castells, 2013) e possibilita a emergência de vozes silenciadas, por outro, é marcado pela circulação estratégica de desinformação e pela viralização de estereótipos raciais e campanhas organizadas de ódio. A desinformação funciona, assim, como uma tecnologia de poder e estratégia de manutenção de projetos hegemônicos (Pinheiro; Brito, 2014), o que reforça a urgência de iniciativas comprometidas com contranarrativas críticas e pedagogias antirracistas no espaço digital.

O *Instagram* é escolhido como foco desta tese por sua centralidade na ecologia midiática brasileira. Trata-se da terceira rede social mais utilizada no país, com cerca de 144 milhões de usuários ativos, predominantemente jovens urbanos,

que consomem notícias, entretenimento e debates políticos na mesma interface (We Are Social; Meltwater, 2025).

A plataforma opera sob a lógica do capitalismo afetivo (Illouz, 2011), em que o engajamento emocional se configura como a principal moeda de troca dos algoritmos. O design visual do Instagram favorece a síntese e a estetização das experiências por meio de fotos e vídeos curtos. No entanto, a plataforma é mediada por algoritmos que potencializam o capitalismo de vigilância. Esse sistema transforma a atenção e o comportamento dos usuários em mercadoria. Além disso, a inteligência artificial funciona como um dispositivo de poder, organizando subjetividades e práticas de consumo (Laplagne, 2022; Sarandy, 2025)

Nesse contexto, mídias negras selecionadas subvertem essas ferramentas para atuarem como infraestruturas de resistência por meio de agência simbólica e ressignificação visual, utilizando a interseccionalidade como lente analítica. Mais do que meros perfis informativos, o Geledés e o Alma Preta constroem bases sólidas para a circulação de sentidos dissidentes: o Geledés, por exemplo, mobiliza carrosséis temporais que conectam passado e presente, enquanto o Alma Preta investe em infográficos que traduzem dados complexos em linguagem acessível. Em comum, ambas utilizam a interseccionalidade (Crenshaw, 2013) como lente analítica, articulando memória afrodiaspórica e denúncia jornalística sob a tríade "raça-gênero-classe" para ocupar espaços historicamente negados à população negra nos meios tradicionais.

Embora estudos recentes privilegiem redes como o X (antigo Twitter) e enfoques descritivos, ainda há escassez de análises empíricas sobre como práticas pedagógicas se materializam no cotidiano visual das plataformas. Neste trabalho, a literacia midiática, articulada ao letramento racial crítico, é entendida como um conjunto de competências que permite desconstruir narrativas hegemônicas e reconhecer o racismo em suas dimensões estrutural e algorítmica.

A pesquisa é guiada pela seguinte questão: como Geledés e Alma Preta operacionalizam o letramento racial crítico no Instagram no enfrentamento do racismo estrutural e algorítmico? O objetivo geral é analisar como as narrativas desses perfis contribuem para a promoção da justiça social e do reconhecimento. Os objetivos específicos buscam: (i) identificar estratégias discursivas e recursos multimídia empregados; (ii) examinar as conexões entre memória histórica e denúncia social; e (iii) mapear práticas comunicacionais que operam pedagogicamente no enfrentamento do racismo estrutural em ambientes digitais.

Parte-se da hipótese de que o Geledés e o Alma Preta desenvolvem estratégias comunicacionais complementares - a valorização da memória afrodiaspórica e a denúncia jornalística, respectivamente - que operam como dispositivos de letramento racial crítico. Acredita-se que essa atuação pedagógica potencializa a formação de consciências críticas e a desconstrução de imaginários coloniais, utilizando a estética visual do Instagram para contornar ou tensionar as barreiras impostas pelo racismo algorítmico.

Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa interpretativista, baseada na Análise de Conteúdo Temática (Bardin, 2016), adaptada às especificidades da comunicação visual e multimodal das plataformas digitais. O *corpus* é composto pelas publicações de novembro de 2024, mês da Consciência Negra, selecionado por sua densidade simbólica e política. Durante esse período, o debate público em torno de racismo, memória da escravidão, políticas de cotas, violência policial e ações afirmativas tende a se intensificar, atravessando escolas, meios de comunicação, instituições culturais e redes sociais.

No *Instagram*, isso se traduz em maior produção de conteúdos antirracistas, mas também em aumento de ataques racistas, tentativas de deslegitimação de datas e símbolos do movimento negro e circulação de desinformação. Observar como Geledés e Alma Preta atuam nesse contexto permite captar, em alta densidade, modos concretos de fazer educação política em meio à disputa algorítmica.

As postagens foram organizadas em três eixos interpretativos: estratégias narrativas, função pedagógica e desafios algorítmicos, conforme Matriz TRC×Literacia×LRC (Quadro 3). Essa matriz permite uma investigação detalhada dos sentidos e práticas presentes no cotidiano dessas mídias, em diálogo com a complexidade política da comunicação antirracista digital.

A tese organiza-se em cinco capítulos que articulam fundamentação teórica e análise empírica. Inicia-se com a base conceitual da interseccionalidade (Crenshaw, 2013), avança-se pela trajetória do letramento racial e pela apresentação institucional do Geledés e do Alma Preta, e culmina na análise comparativa dos dados. Espera-se, assim, oferecer fundamentos teóricos e práticos para o enfrentamento do racismo algorítmico, destacando o *Instagram* como ferramenta de mobilização para o letramento racial crítico digital.

2 INTERSECCIONALIDADE, IDENTIDADE RACIAL E RACISMOS MÚLTIPLOS

Este capítulo desloca a formulação norte-americana do *Critical Race Literacy* para a América Latina, reconstruindo categorias teóricas (Twine; Steinbugler, 2006) pela *práxis* de Geledés/Alma Preta. Não é aplicação, mas tradução epistemológica situada.

A análise das narrativas de letramento racial crítico nos perfis do Geledés e Alma Preta Jornalismo exige uma articulação teórica que transcenda a superfície do fenômeno midiático, mergulhando nas camadas profundas de poder, resistência e subjetivação. Este capítulo estabelece o arcabouço conceitual necessário para decodificar como as múltiplas dimensões de opressão e resistência se entrelaçam no ambiente digital, particularmente no *Instagram*, em que algoritmos e narrativas humanas disputam o controle simbólico.

Longe de uma leitura meramente descritiva, propõe-se aqui uma imersão crítica nas categorias de interseccionalidade, construção da identidade negra e nas metamorfoses do racismo contemporâneo, incluindo suas formas digitais, que migram do mundo físico para o virtual e são perpetuadas por curadorias algorítmicas enviesadas.

Entre essas práticas, destaca-se aquilo que usuárias e usuários passaram a nomear como *shadowban*: um conjunto de técnicas de limitação discreta e não notificada do alcance de conteúdos ou perfis, que reduz sua visibilidade em buscas, *hashtags* e *feeds* sem bloquear explicitamente a conta ou remover o material. Embora estudos apontem o *shadowban* como forma de censura leve e secreta, especialmente aplicada a conteúdos considerados “de fronteira” essa recusa em nomear a prática, mesmo diante de múltiplos relatos e de indícios empíricos de redução sistemática de visibilidade, reforça a ideia de opacidade algorítmica e de um descompasso entre a experiência vivida por usuários e as versões oficiais sobre como funcionam os sistemas de recomendação e moderação (Are, 2022).

Esses elementos não são apenas temas isolados, base estrutural do discurso que sustenta as práticas comunicacionais antirracistas analisadas, revelando o *Instagram* como arena de luta por visibilidade e saberes negros decoloniais.

Delimitou-se a interseccionalidade como instrumento analítico primordial, capaz de desvelar as teias invisíveis de dominação. Essa abordagem permite

apreender as formas imbricadas de opressão que atravessam as identidades sociais, revelando como o cruzamento de raça, gênero, classe e sexualidade dita as trajetórias de exclusão e afirmação nas plataformas digitais.

Tal perspectiva é imprescindível para compreender as interseções de poder que moldam o *Instagram* como um campo de batalha simbólico, ambiente em que o *shadowban* de perfis negros, denúncias recorrentes de mídias como Alma Preta sobre quedas abruptas de alcance em *posts* antirracistas, exemplifica o racismo algorítmico em ação.

Na sequência, discorre-se sobre a construção social da identidade negra, situando as lutas por reconhecimento dentro de processos históricos e culturais que ganham novas performances no contexto virtual, como *lives* e *reels* que performatizam a negritude. Por fim, investigam-se as manifestações do racismo, estrutural, institucional e cotidiano, que agora ganham contornos de opressão tecnológica, demandando uma crítica que integre teoria e *práxis* midiática.

Ao mobilizar essa fundamentação, parte-se do entendimento de que as narrativas produzidas por mídias negras não configuram meras expressões isoladas de desabafo ou se limitam a expressões reativas. Elas são vivências situadas em estruturas sociais que moldam identidades, operando como ferramentas de letramento racial crítico que educam audiências para decodificar e resistir ao racismo digital, incluindo mecanismos como o *shadowban*.

Essa abordagem teórica não só fundamenta a análise empírica dos *posts* selecionados, mas também contribui para um campo emergente de estudos sobre comunicação negra no Brasil.

2.1 INTERSECCIONALIDADE: COMPREENDENDO RAÇA, GÊNERO E CLASSE

Nesta subseção, opera-se com o conceito de interseccionalidade como arcabouço teórico e metodológico obrigatório para analisar indivíduos e grupos historicamente marginalizados, especialmente no ecossistema digital em que vulnerabilidades interseccionais se amplificam por *designs* proprietários e algoritmos opacos.

A análise ancora-se nas contribuições basilares de Kimberlé Crenshaw (2002, 2013), que consolidou a compreensão de que categorias identitárias, raça, gênero,

classe, sexualidade, não operam de forma isolada ou hierárquica, mas geram vulnerabilidades indissociáveis, cumulativas e não redutíveis.

Crenshaw (2002, 2013) demonstra, por meio de casos emblemáticos como o de violência doméstica contra mulheres negras ignorada por abrigos feministas (foco em gênero) e movimentos antirracistas (foco em raça), que sistemas de opressão produzem “avenidas de tráfego” interseccionais em que a discriminação incide de múltiplas direções simultaneamente, sem que uma categoria absorva ou priorize as demais.

No contexto do *Instagram*, essa teoria permite decodificar porque Geledés foca majoritariamente na mulher negra periférica: ela ocupa o centro de uma intersecção de vulnerabilidades que a mídia tradicional, e os algoritmos atuais, via *shadowban* seletivo em *posts* sobre violência obstétrica racializada, fragmenta ou invisibiliza, como em carrosséis sobre maternidade negra sob estresse estatal e econômico.

Embora o termo “interseccionalidade” tenha sido cunhado por Crenshaw (2013), sua genealogia revela raízes anteriores e necessárias em intelectuais negras feministas como Audre Lorde (1984), com sua crítica à “pirâmide do privilégio” que mascara solidariedades interseccionais, e Angela Davis (2016), que em *Mulheres, Raça e Classe* liga prisões em massa a eixos raciais, de gênero e classe no capitalismo tardio.

Essas precursoras enfatizam que opressões não são aditivas, mas sinérgicas, produzindo experiências únicas de subjugação. No entanto, é na obra de Lélia Gonzalez (2020) que encontramos a tradução fundamental e situada para a realidade brasileira, adaptada ao contexto latino-americano de “amefricanidade”. Gonzalez (2020) desvela como o colonialismo ibérico e o patriarcado escravocrata se fundem na experiência da mulher negra latina, cunhando termos como “pretinha” e “negrona” para capturar essa interseção visceral de raça, gênero e classe colonial.

Sua obra é o pilar epistemológico para entender a incidência política de organizações como o Geledés, fundado em 1988 como instituto da mulher negra; a interseccionalidade de Gonzalez (2020) é uma teoria da ação militante e comunicativa, que não apenas descreve a dor interseccional, mas convoca a organização política contra a herança colonial que ainda dita quem pode falar, ser amplificado ou silenciado

nos meios de comunicação, um silenciamento que persiste nos algoritmos do Instagram via *shadowban* e priorização de conteúdos “neutros”.

A articulação entre a “matriz de dominação” de Collins (2000), articulada em dimensões estrutural (instituições), disciplinar (controle corporal) e hegemônica (consenso cultural), e a reinterpretação epistemológica de Akotirene (2018) reforça que racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado formam um sistema inseparável, totalizante e reprodutivo.

Collins e Sirma Bilge (2020), em sua obra *Intersectionality*, aprofundam essa matriz ao enfatizar sua dimensão global, relacional e anti-neoliberal, criticando apropriações contemporâneas, como a diversidade corporativa performática, que diluem o potencial transformador do conceito em consumismo individualista e agendas brancas de “inclusão”.

Para Akotirene (2018), o conceito de interseccionalidade deve ser protegido do esvaziamento acadêmico e cooptado por narrativas hegemônicas, resgatando sua origem como arma de disputa epistemológica negra.

Nas mídias negras analisadas, esse arcabouço se traduz em uma *práxis* comunicativa concreta e multiescalar: quando a Alma Preta Jornalismo denuncia a violência policial em favelas periféricas via *reels* e *stories*, ela não o faz apenas sob o viés da raça, mas interseccionalmente, classe operária, território estigmatizado, gênero masculinizado pela letalidade estatal, como em séries sobre “mulheres periféricas em luto” que conectam chacinas a feminicídios raciais.

Essa operacionalização empírica revela a potência analítica da interseccionalidade para o letramento racial crítico digital. Os perfis do Geledés, por exemplo, utilizam infográficos interativos sobre “interseccionalidade na pandemia” para mostrar como mulheres negras foram desproporcionalmente afetadas por desemprego, sobrecarga doméstica e mortalidade por Covid-19, hackeando algoritmos via chamadas à ação (CTAs) que impulsionam engajamento orgânico contra o *shadowban*.

A interseccionalidade expressa, portanto, que o racismo algorítmico, perpetuado por variáveis técnicas como engajamento racializado, moderação automatizada enviesada e *shadowban* invisível, é uma extensão contemporânea da matriz de dominação de Collins (2000), na qual plataformas digitais reproduzem

hierarquias sociais seculares ao priorizar conteúdos de alto “valor econômico” (branquitude aspiracional).

Contranarrativas como as do Geledés e Alma Preta denunciam essa opressão tecnológica e a subvertem por meio de estratégias de visibilidade coletiva, *lives* interseccionais, desafios de *hashtags* e colaborações periféricas, demandando uma crítica que integre teoria decolonial, análise de dados e ativismo digital para dismantelar essas teias algorítmicas.

2.2 IDENTIDADES RACIAIS E IDENTIDADE NEGRA: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

No panorama das identidades raciais, a identidade negra destaca-se por sua densidade política, transformadora e contestatória. Ela não se apresenta como um dado biológico estático, mas como contraposição às narrativas dominantes e aos algoritmos que perpetuam invisibilidades estruturais.

Para compreender a profundidade desse movimento, é imperativo enfrentar o legado de Freyre (1933). Em *Casa-Grande & Senzala*, a celebração da mestiçagem operou como uma estratégia de pacificação social que consolidou o mito da democracia racial. Sob o pretexto de uma harmonia luso-tropical, essa narrativa invisibilizou o conflito e a violência, relegando o negro a uma posição de subalternidade “aceitável” e “cordial”, o que dificulta, até hoje, o reconhecimento do racismo como estrutura fundante da sociedade brasileira.

A desconstrução desse mito é o ponto de partida para o pensamento crítico nacional. Fernandes (2021), em sua sociologia crítica, demonstra que a abolição foi um processo de “integração marginal”, no qual a pessoa negra foi lançada em uma sociedade de classes que já possuía os mecanismos prontos para excluí-la, empurrando-a para as periferias físicas e simbólicas do poder.

Nascimento (1978) radicaliza essa análise ao conceituar o genocídio do negro brasileiro como um fenômeno multidimensional: não se trata apenas do extermínio físico, mas de um projeto de embranquecimento nacional que visa o apagamento estético, cultural e psicológico da negritude. Somando-se a essa ruptura, Moura (1977, 1988) introduz a perspectiva da “rebelião negra” como motor da história. Para ele, o negro brasileiro atua como um sujeito que tensiona o sistema através da *práxis*, transformando a resistência em uma categoria permanente de existência.

Enquanto a história brasileira opera pelo apagamento, a diáspora fornece o suporte psíquico para a reconstrução da identidade negra. Nesse sentido, a identidade negra hoje deve ser compreendida para além da definição conceitual, focando em sua operacionalização prática nas redes.

Em consonância com Hall (2023), Gomes (2002, 2017) e Sodré (2007), as identidades culturais não são algo pronto, mas pontos de apego temporários produzidos por práticas discursivas. No ambiente digital, essa identidade configura-se como processo relacional, negociado sob as tensões do racismo estrutural, onde o sujeito negro converte trauma histórico em agência e invisibilidade algorítmica em autonomia visual.

Essa construção dinâmica encontra seus pilares fundamentais em Du Bois (2015) e Fanon (2020). No *Instagram*, o conceito de “dupla consciência” (*double-consciousness*) de Du Bois ganha ressonância performativa. Trata-se da cisão da subjetividade de quem é compelido a ver-se através de um “véu” racial, percebendo-se simultaneamente por sua própria cultura e pelo olhar depreciativo do mundo branco.

Esse véu, que historicamente separou mundos, hoje é tensionado por perfis como o do Geledés, que operacionalizam essa teoria ao expor a contradição entre o “ser para os outros”, onde imperam os estereótipos da “mulata exportação” ou da servidão, e o “ser para si”, centrado na afirmação profissional e na sororidade quilombola. Através de carrosséis e depoimentos, a vulnerabilidade dessa consciência dividida é transformada em ferramenta pedagógica, permitindo que a coletividade negra se reconheça no espelho digital fora dos moldes coloniais.

A dimensão material e corporal dessa disputa é sustentada por Fanon (2020). Em *Pele negra, máscaras brancas*, ele demonstra como o racismo opera a “epidermização da inferioridade”, inscrevendo o trauma colonial no corpo: o negro é “fixado” pelo olhar do outro, transformado em objeto; a busca por “máscaras brancas” gera alienação, e sua desmontagem é condição para reconstruir a humanidade negada.

Nas plataformas digitais, onde algoritmos privilegiam estéticas branqueadas, as mídias negras agem como espaços de reconfiguração visual. Quando *stories* e *reels* denunciam chacinas e violências policiais em tempo real, a câmera do celular

torna-se dispositivo de reinscrição simbólica do corpo, humanizando o sujeito e viralizando a soberania negra, ao romper a passividade da máscara fanoniana.

Essa mediação teórica é fortalecida pela “reconquista da autonomia identitária” de Munanga (2019), contra o projeto de branqueamento e o critério da “cor do poste”, que deslegitima políticas afirmativas pela ambiguidade racial. Essa prática ganha contornos nas estéticas periféricas e linguagens híbridas de Sodré (2007, 2019) como estratégias de subversão; mídias como o Alma Preta ocupam o digital resgatando matrizes de oralidade que subvertem a ordem logoc ntrica ocidental.

Conforme Gomes (2002, 2017), a identidade negra   uma constru o pedagógica constituída no confronto; ao afirmarem-se negros, os sujeitos rompem com a norma racista internalizada. Esse movimento   ampliado pela amefricanidade de Gonzalez (1988), que desloca a negritude da marginalidade para a centralidade epistemológica, afirmando que o “pretugu s” e a cultura amefricana são os verdadeiros pilares da civiliza o brasileira.

Sodré (2019) nos ensina que a comunica o negra   performática e baseada em matrizes de oralidade que subvertem a ordem logoc ntrica ocidental. Ao resgatar essa memória, mídias como o Alma Preta ocupam o digital como territórios de grande impacto.

Toda essa engrenagem de contesta o culmina na disputa pelos regimes de representa o de Hall (1997, 2023). Em *Representation*, a imagem organiza rela es de poder, fixando o negro em lugares binários (herói/vilão, exótico/perigoso). No entanto, a articula o entre Du Bois (2015), Fanon (2020), Munanga (2019), Gonzalez (1988), Gomes (2002, 2017), Sodré (2007, 2019) e Hall (1997, 2023), seguindo Bardin (2016), mostra como as mídias negras digitais derrubam essas oposi es. Compreende-se, portanto, que a identidade negra   um campo de batalha simbólica e política, no qual cada postagem e narrativa constituem atos de soberania frente às opressões mediadas pelas plataformas.

2.3 RACISMOS MÚLTIPLOS E SUAS MANIFESTA ES

Esta subse o sistematiza as múltiplas formas de racismo que operam em espaços digitais e contextos sociais amplos, identificando suas manifesta es

concretas, mecanismos de reprodução e estratégias de contestação observadas em práticas ativistas.

O racismo configura-se como fenômeno interseccional, permeado por dimensões como raça, gênero, classe, territorialidade e sexualidade, produzindo exclusões sistemáticas nos níveis interpessoal, institucional e estrutural. Essa análise teórico-conceitual dialoga diretamente com as discussões anteriores sobre mídias negras, posicionando-as como arenas privilegiadas de contranarrativas, visibilidade e empoderamento identitário no cenário brasileiro contemporâneo.

A abordagem adota uma perspectiva integrada, combinando contribuições teóricas clássicas com produções acadêmicas recentes, que capturam as especificidades do racismo digital no Brasil contemporâneo, o que permite articular evidências empíricas de ativismo racial em plataformas digitais às matrizes conceituais de Almeida (2018) e Silva (2023), delimitando o escopo às dinâmicas observadas nas mídias negras brasileiras.

Para análise detalhada, é necessária a delimitação entre racismo, preconceito e discriminação racial. Segundo Almeida (2018, p. 25), o preconceito racial constitui um juízo prévio, fundamentado em estereótipos sobre grupos racializados, que não necessariamente se traduzem em ações práticas. A discriminação racial representa a materialização concreta desse preconceito em práticas que favorecem ou prejudicam grupos específicos, gerando impactos mensuráveis em acesso e oportunidades.

O racismo configura-se como sistema integrado de crenças e políticas que perpetuam hierarquias raciais (Delgado; Stefancic, 2017) e historicamente, fundamenta-se na doutrina da superioridade étnica, nacional, linguística ou religiosa (Lopes, 2014), alicerce do projeto colonial europeu. No Brasil, marcado pelo escravismo prolongado, opera como rede complexa de relações que desfavorecem sistematicamente grupos racializados (Almeida, 2018), organizando-se nos três níveis interdependentes, a saber:

- a) **Racismo individual:** atitudes, comportamentos e discursos preconceituosos no âmbito interpessoal, reproduzindo estereótipos e comprometendo a dignidade;
- b) **Racismo institucional:** normas, procedimentos e políticas em instituições que produzem discriminação sistemática, limitando acesso e ascensão;

- c) **Racismo estrutural**: lógica transversal que naturaliza desigualdades nas esferas política, econômica e cultural, perpetuando privilégios hegemônicos.

Silva (2023) qualifica o racismo estrutural como sistema amplo de dominação que racializa acesso a direitos, inclusive em plataformas digitais em que algoritmos reproduzem desigualdades históricas.

A partir do mapeamento de 226 *posts* das mídias negras selecionadas (2024), o Quadro 1 organiza as manifestações contemporâneas do racismo estrutural e suas intersecções digitais de ramificações. Essa nomenclatura reafirma que a estrutura racializada (Almeida, 2018) se especializa em mecanismos específicos de opressão, exigindo, por conseguinte, táticas diferenciadas de enfrentamento nas mídias negras.

Quadro 1 – Manifestações Contemporâneas do Racismo e suas Interseções Digitais

Manifestação	Descrição Principal	Autores Principais	Interseção Digital (Mecanismo)
Racismo Cultural	Estigmatização e exotização de culturas africanas/indígenas via apropriação simbólica.	Mbembe (2018); Silva (2018)	Ressignificação e contranarrativas em formatos de vídeo curto (<i>reels</i>).
Racismo Ambiental / Necropolítica	Exposição desproporcional a riscos e gestão da morte em territórios racializados.	Almeida (2018); Mbembe (2018)	Monitoramento sociotécnico e denúncia de desassistência em rede.
Racismo Recreativo	Humor depreciativo que utiliza a desumanização como entretenimento lúdico.	Barbosa e Silva Júnior (2025); Moreira (2019)	Viralização de <i>memes</i> e economia da atenção baseada no escárnio racial.
Racismo Religioso	Demonização e intolerância contra territórios e saberes de matriz africana.	Nogueira (2020)	Discursos de ódio coordenados e ataques em transmissões ao vivo (<i>lives</i>).
Racismo Linguístico	Hierarquização e deslegitimação de sotaques e variantes dialetais negras.	Nascimento (2019); Brandão (2025)	Vieses de reconhecimento em sistemas de IA e moderação de áudio.
Racismo Econômico	Barreiras sistêmicas ao crédito, consumo e estabilidade financeira de grupos negros.	Guimarães <i>et al.</i> (2022)	Segmentação discriminatória de anúncios e exclusão em sistemas de <i>scoring</i> .
Racismo Educacional	Reprodução de vieses coloniais em materiais didáticos e ambientes de EAD.	Cavazzani e Oliveira (2025)	Algoritmos de seleção e filtros epistêmicos em motores de busca acadêmica.
Racismo Reprodutivo / Obstétrico	Negligência médica e desumanização no cuidado à saúde da mulher negra.	Santana <i>et al.</i> (2024); Gomes (2025)	Difusão de relatos de violência para incidência em políticas públicas via redes.
Racismo no Mercado de Trabalho	Segregação ocupacional, teto racial e barreiras em lideranças.	Silva <i>et al.</i> (2021); Lopes <i>et al.</i> (2024)	Vieses de automação em softwares de recrutamento e triagem de currículos.
Racismo Policial	Letalidade seletiva e vigilância ostensiva sobre corpos negros.	Silva (2024); French (2017)	Espetacularização da violência e denúncia via provas digitais e registros de usuários.
Racismo Digital	Interações interpessoais marcadas por agressões e exclusão em ambientes virtuais.	Menin (2024); Silva (2025)	Práticas de silenciamento e <i>cyberbullying</i> em comunidades e grupos de chat.
Racismo Algorítmico	Estruturas de código que automatizam e amplificam disparidades históricas.	Noble (2018); Araújo e Araújo (2024)	Configuração de "bolhas" que suprimem vozes e temas contra-hegemônicos.

Fonte: elaborada pela autora com base em análise de 226 *posts* de mídias negras Geledés e Alma Preta (2024), adaptada de Almeida (2018) e Silva (2023).

Nota: classificação empírica desta pesquisa, baseada em 226 *posts* de mídias negras Geledés/Alma Preta (2024), inspirada em Almeida (2018).

O Quadro 1 sistematiza 12 manifestações identificadas em 226 *posts* das mídias negras Geledés e Alma Preta (2024). Essa categorização revela uma rede de setores interconectados, ressaltando que a atuação de Geledés e Alma Preta (2024) responde a uma estrutura que opera simultaneamente nas esferas simbólica, material e institucional, agora mediada por lógicas algorítmicas. Estão organizadas em três padrões analíticos desta pesquisa, quais sejam:

- a) **Dinâmicas de Disseminação Digital:** o racismo recreativo e digital ganha velocidade viral (*memes*, *threads*), enquanto o algorítmico opera de forma opaca e técnica (vieses em IA) e o religioso/anônimo prolifera em comentários moderados frouxamente. Essa assimetria técnica favorece tanto opressões quanto contranarrativas em mídias negras (Barbosa; Silva Júnior, 2025; Noble, 2018);
- b) **Vulnerabilidades Interseccionais:** mulheres negras acumulam racismo obstétrico-reprodutivo com barreiras econômicas e de mercado de trabalho; periferias somam ambiental-policial com educacional. O Quadro 1 demonstra como essas sobreposições não são acidentais, mas estruturais, exigindo abordagens integradas de resistência (Santana *et al.*, 2024; Almeida, 2018);
- c) **Vetores de Contestação e Agência:** cada manifestação apresenta vulnerabilidades específicas para intervenção digital, viralização de denúncias no policial, ressignificação cultural via *reels* (Silva, 2024).

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua) do IBGE (2025) e Atlas da Violência, dados de 2023 (Ipea, 2023) confirmam essa capilaridade sistêmica: taxa de desocupação de 7,5% para pretos e 7,0% para pardos (vs. 4,9% brancos) no 4º trimestre de 2024, com informalidade de 41,9% (pretos) e 43,5% (pardos), contra 32,6% (brancos); 78% das vítimas letais policiais são negras. Essas desigualdades estruturais amplificam-se nas curadorias algorítmicas das redes sociais.

A articulação conceitual aqui estabelecida justifica a transição para o *Capítulo 3, Evolução da Alfabetização ao Letramento Racial Crítico*. Ao mapear as manifestações do racismo como pré-condições estruturais, fundamenta-se a análise da *literacia* racial crítica como ferramenta de descolonização digital. Nesse contexto, ela deixa de ser uma mera progressão pedagógica para se tornar um imperativo estratégico nas práticas discursivas de resistência das mídias negras no Brasil.

3 EVOLUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

3.1 FUNDAMENTOS CONCEITUAIS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E LITERACIA MUDIÁTICA

A sistematização das doze manifestações do racismo estrutural apresentadas na seção 2.3 demonstra que o ecossistema digital brasileiro não constitui um espaço neutro de troca informacional, mas, de fato, é um território profundamente atravessado por hierarquias históricas, opacidades algorítmicas e assimetrias de poder que reproduzem sistematicamente as exclusões mapeadas.

A experiência negra no Brasil contemporâneo, caracterizada pela disseminação viral de estigmas por meio do racismo recreativo em *memes* depreciativos, pelas vulnerabilidades interseccionais que acumulam racismo obstétrico-reprodutivo com barreiras econômicas no caso das mulheres negras, e pelos vetores de silenciamento algorítmico que suprimem vozes contra-hegemônicas, demonstra que competências técnicas isoladas, como aquelas definidas pela alfabetização digital tradicional, revelam-se estruturalmente insuficientes para enfrentar tais dinâmicas de exclusão digital estrutural.

O termo letramento, adotado na análise, é uma tradução da palavra inglesa *literacy*, formada por *littera* (letra em latim) e o sufixo substantivador *-cy*, e distingue claramente os conceitos de “escrita”, “alfabetização” e “letramento”. Refere-se, portanto, à condição de ser *literate*, ou seja, de ser ‘letrado’, entende-se como saber ler e escrever de forma crítica e socialmente situada (Kato, 1986; Kleiman, 2005; Soares, 1998, 2003).

É preciso destacar que o termo letramento emerge de demandas sociais, culturais e econômicas que exigiram novas formas de compreender a escrita para além do aspecto meramente técnico, valorizando os contextos em que ela é empregada. Sua introdução no Brasil ocorreu por volta da década de 1980, paralelamente a processos semelhantes em outros países, como o conceito de *illettrisme* na França e *literacia* em Portugal, que buscam definir práticas sociais relacionadas à leitura e escrita derivadas do processo de aprendizagem dessas habilidades (Soares, 1998).

Esta seção estabelece a progressão conceitual que articula alfabetização, letramento e *literacia* midiática como alicerces teóricos para a compreensão das

práticas discursivas desenvolvidas pelas mídias negras brasileiras no *Instagram*. Geledés e Alma Preta Jornalismo exemplificam empiricamente essa evolução ao transformar limitações técnicas em agência política estratégica, confrontando as violências específicas identificadas no Quadro 1, do racismo cultural que exotiza manifestações afro-brasileiras ao racismo policial materializado na letalidade seletiva contra corpos negros, passando pelo racismo algorítmico que configura bolhas de exclusão digital.

A alfabetização digital convencional enfatiza competências operacionais básicas, navegação em interfaces, criação de *stories*, uso de *hashtags*, *upload* de conteúdos, mas opera às cegas diante das opressões sistêmicas que estruturam o funcionamento das plataformas.

Kleiman (1995) define a alfabetização como um processo técnico e individual voltado à decodificação alfabética, limitado à aquisição autônoma dos códigos escritos da língua, enquanto Mamede e Zimmermann (2005) caracterizam-na como o domínio de conhecimentos e habilidades relacionadas à leitura e escrita de forma individualizada.

Contudo, essas concepções revelam limitações críticas no contexto brasileiro das redes sociais, em que algoritmos enviesados garantem menor alcance orgânico para perfis negros (Noble, 2018). Assim, vídeos de letalidade policial contra jovens negros sofrem *shadowban* sistemático apesar de seu potencial viral e narrativas eurocêntricas dominam *feeds* de recomendação em detrimento de contranarrativas produzidas por mídias negras.

No *Instagram* especificamente, a fluência técnica não decodifica o racismo recreativo que viraliza *memes* depreciativos nem o racismo algorítmico que suprime *hashtags* de mobilização negra, evidenciando a necessidade de superação conceitual para o letramento.

Introduzido no Brasil por Mary Kato (1986), o letramento transcende radicalmente a alfabetização ao incorporar práticas sociais da escrita para objetivos específicos e contextos determinados (Kleiman, 1995, p. 19). Sua emergência na década de 1980 responde diretamente ao processo de redemocratização brasileira, que demandava não apenas criticidade, mas também funcionalidade das práticas de leitura e escrita em contextos sociais ampliados (Soares, 1998, 2003).

Kato (1986) estabelece a funcionalidade social da escrita como eixo central, Kleiman (1995) conceitua o letramento como práticas sociais que utilizam a escrita

enquanto sistema simbólico e tecnologia em contextos específicos, Tfouni (2002) analisa a influência do sistema de escrita vigente nas sociedades letradas, já Soares (1998, 2017) sintetiza o letramento como prática efetiva da escrita que vai além da mera decodificação técnica para englobar sua utilização em situações cotidianas que refletem aspectos socioculturais profundos.

A OECD (2019, p. 27) define *reading literacy* como “compreender, usar, avaliar, refletir sobre e envolver-se com textos para alcançar objetivos, desenvolver conhecimento e participar da sociedade” abrangendo dimensões interativas, que concebem a escrita como meio de diálogo e negociação de significados, e socioculturais, que consideram a escrita como construtora de identidades, valores e relações de poder.

Portanto, o letramento capacita a participação ativa na cultura escrita dominante, mobilizando leitura e escrita de acordo com demandas socioculturais específicas, constituindo-se como pré-condição essencial para a *literacia* midiática contemporânea. Esta última integra alfabetização técnica e letramento crítico na capacidade de decodificar e produzir sentidos multimodais em ecossistemas digitais complexos caracterizados por algoritmos proprietários, economias de atenção e dinâmicas de viralização assimétrica.

A trajetória da *literacia* midiática no Brasil não é um fenômeno isolado, mas uma evolução cronológica que reflete as mudanças nas dinâmicas de poder e comunicação. Esse percurso inicia-se com a contribuição de Mary Kato (1986), cujo foco no letramento textual nos anos 1980 estabeleceu as bases para a compreensão da competência linguística como ferramenta de acesso à cidadania.

Na década de 1990, essa perspectiva amplia-se com Moraes (1996), que, ao introduzir a Educomunicação, desloca o eixo do ensino técnico para o campo das mediações críticas entre educação e cultura de massa, e por Borges (2014), que transpõe essas competências para o cenário da informação digital. Tal linhagem teórica permite compreender que o letramento é um processo contínuo de adaptação aos regimes de representação de cada época.

Ademais, três paradigmas teóricos principais estruturam o campo da *literacia* midiática: a abordagem crítica de Kellner e Share (2007), que enfatiza a análise de poder e representação nos fluxos midiáticos; a perspectiva pragmática de Livingstone (2011), focada em competências práticas de navegação multiplataforma; e a

dimensão emocional proposta por Ferrés e Piscitelli (2015), que incorpora inteligência afetiva para lidar com manipulações emocionais características das redes sociais.

Aplicada às mídias negras brasileiras, essa *literacia* midiática manifesta-se de maneira situada e estratégica: Geledés e Alma Preta utilizam-na sistematicamente contra o racismo recreativo que viraliza *memes* depreciativos, contra o racismo digital materializado em práticas de *cyberbullying* e silenciamento em comentários, e especialmente contra o racismo algorítmico que configura bolhas de exclusão, decodificando algoritmos proprietários e produzindo narrativas éticas resistentes que desafiam economias de atenção baseadas no escárnio racial (Jenkins *et al.*, 2015).

Essa progressão conceitual pode ser aplicada diretamente aos 226 *posts* analisados no *Instagram* das mídias Geledés e Alma Preta Jornalismo em 2024: a alfabetização corresponde ao domínio técnico das interfaces do *Instagram*, criação de *stories*, uso de filtros, agendamento de *posts*; o letramento manifesta-se nas práticas sociais de legendagem contextualizada e criação de *hashtags* situadas que negociam significados específicos e a *literacia* midiática concretiza-se na decodificação multimodal de *reels* que confrontam diretamente *memes* racistas depreciativos, na análise crítica de *stories* que denunciam letalidade policial seletiva, e na estratégia de *hashtags* que rompem bolhas algorítmicas de exclusão.

Geledés e Alma Preta demonstram assim *literacia* midiática como resistência situada, que confronta especificamente o racismo cultural por meio de *reels* que ressignificam a apropriação simbólica de elementos afro-brasileiros, o racismo policial por intermédio de vídeos que denunciam letalidade seletiva contra jovens negros das periferias, e o racismo algorítmico via *hashtags* contra-hegemônicas, que desafiam configurações proprietárias de bolhas de exclusão digital.

Essa progressão conceitual fundamenta metodologicamente a codificação dos 226 *posts* que será desenvolvida no Capítulo 4, articulando-se diretamente às categorias empíricas “Racismo múltiplos” sistematizadas na seção 2.3.

A análise empírica operacionalizará três dimensões principais da *literacia* midiática nas mídias negras, a saber: a decodificação algorítmica que identifica vieses estruturais nos mecanismos proprietários das plataformas; a produção de narrativas contra-hegemônicas que ressignificam estigmas raciais viralizados e as estratégias de circulação que promovem viralização interseccional de denúncias e contranarrativas.

A próxima seção examinará a *literacia* racial crítica como ápice natural dessa progressão conceitual, preparando o terreno para a análise empírica detalhada das

práticas discursivas concretas desenvolvidas pelas mídias negras brasileiras no contexto específico do *Instagram* em 2024.

3.2 LITERACIA: DIMENSÕES CRÍTICAS E SOCIAIS

Esta seção examina a *literacia* midiática como arcabouço teórico-metodológico para analisar movimentos negros no *Instagram*. Aborda a diferenciação do letramento, evolução histórico-internacional, paradigmas teóricos, sete dimensões analíticas e articulação com Teoria Racial Crítica (TRC) para análise empírica do Capítulo 4.

A *literacia* diferencia-se do letramento (seção 3.1) por incorporar competências multimodais para ecossistemas comunicacionais saturados. Enquanto o letramento concentra-se em práticas sociais de escrita, a *literacia* amplia para análise crítica de imagens, sons, algoritmos proprietários e narrativas visuais em tempo real, transcendendo o textual para dimensões audiovisuais e algorítmicas. Essa escolha terminológica reflete pluralidade conceitual internacional: *media literacy* (EUA), *literacia dos media* (Portugal), *competência midiática* (Espanha), *alfabetização midiática* (Unesco) (Pinna, 2018).

McLuhan (1994, p. 23) oferece uma chave teórica de caráter estrutural ao afirmar que “o meio é a mensagem”, não no sentido de descrever plataformas digitais específicas, inexistentes à época, mas de evidenciar que as propriedades materiais e formais dos meios condicionam a escala, o ritmo e as formas da interação humana.

Atualizado para o contexto das plataformas digitais, esse princípio permite compreender o *Instagram* como um ambiente sociotécnico em que arquiteturas algorítmicas de recomendação, métricas de engajamento e regimes de visibilidade não apenas veiculam conteúdos, mas moldam práticas comunicacionais, hierarquias simbólicas e disputas políticas, distinguindo-se radicalmente da lógica linear da televisão analisada por Soares (2000).

A *literacia* adapta-se continuamente às transformações comunicacionais. No Brasil, como já citado anteriormente, Kato (1986) estabelece letramento crítico como base para educomunicação intervencionista de Soares (2000), enfatizando intervenção nas dinâmicas locais. Internacionalmente, Benavente *et al.* (1996) consolidam cidadania crítica na Europa, Kirsch *et al.* (1993) enfatizam decisão informada nos EUA e surveys IALS padronizam métricas globais de *literacia* adulta.

Nos anos 2000, Correia (2002) analisa democracia midiática europeia; Aufderheide (1997, p. 23) sistematiza *media literacy* americana; Soares (2000) publica a Carta UNESCO sobre educomunicação brasileira. Na década de 2010, Buckingham (2003) e Livingstone (2011) detalham competências para navegação digital; Borges (2014) desenvolve análise criativa alinhada ao Currículo MIL UNESCO. Nos 2020s, Carvalho Júnior *et al.* (2024, p. 12) sistematizam estratégias contra desinformação racializada; INEE (2024) e Jenkins *et al.* (2015) respondem a emergências educacionais e cultura participativa.

Livingstone (2005, 2011, 2019) enfatiza navegação em desinformação algorítmica, prática que Geledés e Alma Preta executam verificando fontes e ampliando conteúdos negros autênticos. Kellner e Share (2007; 2008) politizam como contracultura democrática contra assimetrias de poder (Aufderheide, 1999). Esses perfis confrontam hegemonia midiática branca via pedagogia coletiva no *Instagram*, gerando narrativas contra-hegemônicas que empoderam comunidades negras frente a estruturas raciais dominantes.

A literacia midiática adapta-se às transformações comunicacionais, estruturadas por três abordagens principais: A crítica (Kellner; Share, 2007; Hall, 1980) analisa poder por decodificação oposicional, identificando posições hegemônica, negociada e oposicional em narrativas raciais de algoritmos e *memes*. A pragmática (Buckingham, 2003; Livingstone, 2005, 2011) desenvolve competências operacionais: acesso a ecossistemas fragmentados, análise de narrativas multimodais (*stories, reels*), avaliação de credibilidade e criação em suportes híbridos. A afetiva (Ferrés; Piscitelli, 2015, p. 45) integra inteligência emocional contra manipulações de engajamento: nas mídias negras brasileiras, estabelece "gramática do acolhimento", conceito desta pesquisa, que organiza denúncias em agência política.

As sete dimensões de Ferrés (2007; UNESCO, 2024) operacionalizam essa tríade. Semiótica, tecnológica e ideológica analisam narrativas algorítmicas (crítica); estética, ética e política constroem competências multimodais (pragmática); a dimensão emocional organiza a "gramática do acolhimento" (afetiva).

Livingstone (2005, 2011, 2019) analisa navegação em desinformação algorítmica, prática observada em Geledés e Alma Preta na verificação de fontes e ampliação de conteúdos negros. Kellner e Share (2007, 2008) identificam contracultura democrática contra assimetrias de poder (Aufderheide, 1999), com esses perfis confrontando hegemonia midiática branca via pedagogia digital coletiva

no *Instagram*. Para melhor compreensão, explica-se brevemente as sete dimensões de Ferrés (2007):

- a) Semiótica: interpreta signos visuais/sonoros em *memes*, *reels*, *stories*, filtrando estereótipos raciais (Buckingham, 2003; Livingstone, 2005);
- b) Tecnológica: compreende algoritmos estruturando visibilidade assimétrica, confrontando restrições de alcance no *Instagram* brasileiro,
- c) Ideológica: detecta agendas ocultas naturalizando desigualdades, desconstruindo discursos meritocráticos (Hall, 1980, p. 136);
- d) Estética: constrói persuasão visual antirracista, evocando pertencimento racializado via design, tipografia e composição (Kress; van Leeuwen, 2006; Manovich, 2013);
- e) Ética: assegura veracidade via *fact-checking* coletivo contra desinformação racializada (Wardle; Derakhshan, 2017);
- f) Política: mobiliza coletividades digitais rompendo bolhas algorítmicas (Jenkins, 2006; Castells, 2012);
- g) Emocional: desenvolve resiliência afetiva frente a violências simbólicas, transformando luto coletivo em ação política sustentada (Mouffe, 2005; Papacharissi, 2015).

Esta pesquisa preenche lacuna brasileiro/latino-americana ao articular *literacia* clássica com resistência racial frente a mediações algorítmicas. Nacionalmente, evolui de Kato (1986) → Soares (2000) → Borges (2014) → Carvalho Júnior *et al.* (2024).

Internacionalmente, a Unesco (2024) consolida sete pilares globais; Jenkins (2006, 2015) redefine consumidores passivos como cocriadores, atores que produzem/consomem simultaneamente em suportes híbridos, desafiando economias proprietárias. Já no Brasil, “infraestrutura política” designa uso estratégico de *stories*, *reels* e recursos digitais por organizações negras para romper bolhas algorítmicas e alcançar públicos além das redes militantes (Buckingham, 2003; Livingstone, 2011).

Esta matriz multidimensional orienta a análise do Capítulo 4, vinculando *literacia* às categorias da seção 2.3: semiótica (racismo recreativo), tecnológica (racismo algorítmico), ideológica (racismo cultural) e política (racismo policial).

A Teoria Racial Crítica (TRC), fundamentada por Ladson-Billings (1998, p. 9) como "ferramenta para desconstrução de estruturas opressivas, reconstrução da agência humana e construção de equidade", atua como eixo interseccional deste

estudo. Integrando a decodificação oposicional de Hall (1980), ela operacionaliza o letramento racial midiático crítico, permitindo o exame sistemático dos 226 *posts* do *Instagram* de Geledés e Alma Preta. Essa articulação teórica-metodológica assegura uma análise situada, que identifica posições hegemônicas, negociadas e oposicionais nas narrativas digitais, revelando como essas mídias negras transformam vulnerabilidades raciais e agem como espaços de agência simbólica frente ao racismo algorítmico estrutural.

3.3 DA TEORIA RACIAL CRÍTICA AO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

Após explorar detalhadamente as sete dimensões universais da *literacia* midiática apresentadas na seção 3.2, esta seção avança na especificação do letramento racial crítico, conceito que será detalhado enquanto filtro político-analítico estruturado para a análise do racismo estrutural presente nos ambientes digitais.

A abordagem proposta integra organicamente a Teoria Racial Crítica (TRC / *Critical Race Theory* - CRT), o conceito de letramento racial crítico e suas principais extensões, construindo um arcabouço teórico-metodológico que servirá de base para a codificação sistemática dos 226 *posts* coletados no *Instagram*, cuja análise empírica será desenvolvida no Capítulo 5.

3.3.1 Teoria Racial Crítica (TRC)

A Teoria Racial Crítica tem origem nos Estados Unidos, mais especificamente no final da década de 1970, emergindo no campo do Direito como uma crítica contundente à suposta neutralidade racial das instituições jurídicas. Derrick Bell (1980), em suas análises pioneiras publicadas a partir de 1980, demonstrou de forma consistente que os avanços formais conquistados no âmbito dos direitos civis não conseguiram eliminar as desigualdades raciais estruturais, mas apenas as reconfiguraram em novas formas mais sutis e igualmente opressivas.

Kimberle Crenshaw, a partir de seu artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex* (1989), desempenhou papel central na sistematização do campo ao formular o conceito de interseccionalidade, evidenciando como as categorias de raça, gênero e classe se articulam em opressões múltiplas e sobrepostas.

No campo educacional, Ladson-Billings (1998, p. 9) realiza uma adaptação da TRC, ao transpô-la do restrito campo jurídico para a análise das desigualdades pedagógicas e sociais, oferecendo uma definição que se tornou referência clássica:

[...] importante ferramenta intelectual e social para a desconstrução, reconstrução e construção: desconstrução das estruturas e discursos opressivos, a reconstrução da agência humana, e construção da equidade e relações de poder socialmente justas (Ladson-Billings, 1998, p. 9).

Nesta pesquisa, a TRC opera como eixo interseccional estruturante, permitindo politizar as dimensões semiótica, tecnológica e ideológica da *literacia* midiática frente às hierarquias raciais reproduzidas e amplificadas por plataformas digitais e algoritmos proprietários. Trata-se de uma tradução analítica situada, sensível às especificidades da racialização brasileira, mediada pela produção teórica nacional (Ladson-Billings, 1998; Ferreira, 2014).

3.3.2 Do Letramento Racial ao Crítico

Embora frequentemente utilizados como sinônimos, letramento racial e letramento racial crítico designam níveis analíticos distintos. O letramento racial refere-se ao conjunto de conhecimentos e competências voltados à compreensão de raça, etnia e diferenças culturais, com ênfase na identificação de discriminação, preconceito e desigualdades raciais no cotidiano (Twine, 2004; Schucman, 2022). Essa abordagem privilegia o reconhecimento dos privilégios da branquitude, sem necessariamente avançar para intervenções estruturais.

Formulado por France Winddance Twine (2003) e adaptado ao contexto brasileiro por Lia Vainer Schucman (2012), o letramento racial constitui um processo de reeducação antirracista que reconhece a branquitude como norma social invisível, porém operante. Twine e Steinbugler (2006, p. 344) sistematizam esse construto em seis fundamentos analíticos e pedagógicos, conforme Quadro 2:

Quadro 2 – Fundamentos do Letramento Racial

Categoria	Definição Operacional	Impacto no Letramento
Valor Simbólico/ Material da Branquitude	Reconhecimento da branquitude como norma invisível que confere privilégios concretos (recursos, mobilidade) e simbólicos (autoridade, legitimidade).	Desnaturalização: expõe a vantagem sistêmica e retira a branquitude do lugar de “universalidade”.
Racismo como Problema Contemporâneo	Compreensão do racismo como fenômeno vigente e dinâmico, que se reinventa em contextos atuais e exige vigilância constante.	Atualização Crítica: rompe com a ideia de que o racismo é apenas histórico, exigindo postura ética no presente.
Dupla Consciência (Du Bois)	Capacidade de alternar entre a visão racializada dominante e a perspectiva subalternizada/negra.	Decodificação de Narrativas: permite ao sujeito ler as entrelinhas hegemônicas enquanto constrói contranarrativas.
Decodificação de Códigos Raciais	Identificação de sinais sutis de racialização em discursos, imagens, práticas diárias e interações mediadas.	Alfabetização Visual/Textual: torna visível o que é projetado para ser implícito ou subliminar.
Tradução de Práticas Racializadas	Reinterpretação de situações de opressão para construir respostas críticas e resistência.	Práxis: transforma a percepção passiva em ação crítica e resposta estratégica.
Mediação Interseccional	Análise da articulação entre raça, classe, gênero e heteronormatividade em contextos específicos.	Complexidade Analítica: evita leituras reducionistas, compreendendo as camadas sobrepostas de subalternidade.

Fonte: elaborada pela autora, baseada em Twine e Steinbugler (2006).

No Brasil, Ferreira (2014) consolidou o Letramento Racial Crítico (LRC) como formulação pioneira, ao ancorá-lo na Teoria Racial Crítica e adaptá-lo às especificidades da sociedade brasileira. O LRC se configura como um processo político-pedagógico orientado à intervenção nas estruturas de poder racializadas, articulando teoria antirracista, práticas educativas e ação coletiva.

Ferreira (2014, p. 243) operacionaliza esse avanço conceitual por meio de cinco categorias analíticas fundamentais, a saber:

- a) Intercentricidade de raça e racismo: raça não é periferia das desigualdades, mas eixo estruturante central, inseparável do racismo. Toda análise social deve partir da racialização como motor primário de opressões no Brasil;
- b) Desafio à ideologia dominante: questionamento da neutralidade racial, meritocracia e branquitude como normas invisíveis;

- c) Compromisso com a justiça social: orientação prática para ações antirracistas transformadoras; exige ações antirracistas concretas e mensuráveis. Não basta compreender o racismo; é obrigatório intervir institucionalmente (políticas públicas), culturalmente (currículos) e pessoalmente (posicionamentos cotidianos), orientando para mudanças estruturais reais;
- d) Perspectiva interdisciplinar: integração múltiplas disciplinas - direito (legislação racial), educação (currículo antirracista), comunicação (discurso racializado), psicologia (identidade racial), sociologia (estruturas raciais) - em uma abordagem holística na análise racial. Evitar reducionismos disciplinares, compreendendo a raça como fenômeno complexo que exige análise convergente.
- e) Centralidade do conhecimento experiencial: prioridade às narrativas autobiográficas e vivências de pessoas racializadas como epistemologia legítima contra o saber oficial/universitário. Experiências de pessoas negras (microagressões, discriminações) ganham *status* de fonte primária, desafiando a hegemonia do conhecimento produzido por vozes brancas/dominantes.

A operacionalização do LRC estrutura-se em ciclo reflexivo, cujo processo envolve: identificação da intercentricidade; questionamento da ideologia dominante; compromisso com a justiça social; articulação interdisciplinar e legitimação do conhecimento experiencial (Ferreira, 2014, 2015).

O LRC distingue-se, assim, por articular teoria e prática em um projeto político-pedagógico voltado à transformação estrutural, deslocando o foco da conscientização passiva para a intervenção sistemática (Ferreira, 2015; Almeida, 2018; Silva, 2022). Em trajetória posterior, Ferreira (2022) aprofunda essa perspectiva ao enfatizar o papel da educação reflexiva na desconstrução de privilégios racialmente naturalizados, inclusive em contextos mediados por tecnologias digitais.

Pesquisas recentes ampliam o escopo do LRC para além da educação formal. Moraes (2024) destaca seu papel emancipatório no ensino superior. Barros (2024) e Oliveira e Aguiar (2025) articulam o conceito à interseccionalidade e à pedagogia crítica. Enquanto Moreira (2024), Nascimento e Silva (2023) e Santos, Santos e El Kadri (2021) o transpõem para o ambiente digital, analisam a reprodução e a contestação de desigualdades raciais em algoritmos e discursos midiáticos.

Nesse cenário, o letramento racial midiático emerge como uma extensão do LRC voltada à identificação da naturalização de preconceitos em ecossistemas digitais, permitindo dismantelar narrativas brancocêntricas e enfrentar o racismo algorítmico (Nascimento; Silva, 2023). Mídias negras, como Geledés e Alma Preta Jornalismo, materializam essa aplicação no *Instagram*. Transformam o consumo de conteúdos em resistência coletiva, seja pela análise interseccional em representações midiáticas, seja pela denúncia da violência racial por meio de investigações jornalísticas.

Essa estrutura posiciona o LRC como um dispositivo capaz de operar nos três registros de Ladson-Billings (1998): a desconstrução de narrativas opressivas, a reconstrução da agência humana e a construção de equidade nas relações de poder.

No âmbito desta pesquisa, o LRC articula-se à *literacia* midiática (Seção 3.2), fundamentando o conceito original de letramento racial crítico. Permite não apenas diagnosticar hierarquias algorítmicas, mas também operacionalizar práticas de reexistência que transformam o *Instagram* em infraestrutura política de empoderamento negro.

3.3.3 Matriz analítica TRC X *Literacia* X LRC

Da integração entre a Teoria Racial Crítica (Ladson-Billings, 1998), os fundamentos do letramento racial (Twine; Steinbugler, 2006), as dimensões da *literacia* midiática (Ferrés, 2007) e os princípios do Letramento Racial Crítico (Ferreira, 2014, 2015), resulta, como contribuição original desta tese, a Matriz Analítica TRC × *Literacia* × LRC (Quadro 3).

Quadro 3 – Matriz Analítica TRC X *Literacia* X LRC

Categoria Heurística	Dimensões Ferrés (adaptação analítica)	Eixos Integrados (articulação teórica)	Manifestação / Alvo	Exemplo em Mídias Negras
Desconstrução Semiótica	Semiótica	<i>Literacia</i> (Ferrés, 2007) + LRC (Ferreira, 2014)	Racismo recreativo	Geledés (campanhas publicitárias)
Reconstrução Tecnológica	Tecnológica	Twine/Steinbugler (2006) + LRC (Ferreira, 2015)	Racismo algorítmico	Desafio a algoritmos do <i>Instagram</i> (ações de denúncia, visibilização e crítica)
Construção/ Equidade Ideológica/Ética	Ideológica/ Ética	TRC (Ladson-Billings, 1998) + Experiencial	Racismo cultural	Epistemologias negras vs. eurocentrismo
Agência Humana Política/ Emocional	Política/ Emocional	Conhecimento Experiencial + Agência (Ferreira, 2014, 2015)	Racismo policial/letalidade	Alma Preta (<i>lives</i> e ações colaborativas)

Fonte: elaborada pela autora, 2026.

Nota: instrumento heurístico propositivo, integrando as 4 dimensões da *literacia* midiática (Ferrés, 2007). Não exaustivo ao *corpus* empírico.

Vale salientar que, dentre as sete dimensões da *literacia* midiática propostas por Ferrés (2007), foram mobilizadas quatro - semiótica, tecnológica, ideológica/ética e política/emocional, as quais não são homogêneas, pois operam em níveis distintos da prática comunicacional, tais como discurso, técnica, ideologia e experiência, conforme discutido na Seção 3.2.

Embora não aplicada de forma exaustiva ao *corpus*, priorizando a codificação temática qualitativa, a matriz subsidia a análise empírica e oferece um modelo analítico replicável para pesquisas futuras sobre letramento racial crítico em contextos midiáticos.

Os tópicos discutidos neste capítulo, notadamente a Matriz Analítica TRC × *Literacia* × LRC (Quadro 3), contribuem para o estudo de Geledés e Alma Preta ao fornecer categorias heurísticas que enriquecem a compreensão teórica do letramento racial crítico (LRC) em contextos midiáticos, sem prejuízo da análise empírica autônoma.

O Capítulo 4 apresenta os perfis institucionais e as estratégias digitais de Geledés e Alma Preta Jornalismo. No Capítulo 5, a análise dos 226 *posts* permitirá

observar como o arcabouço teórico aqui desenvolvido se materializa, ou é tensionado, nas práticas comunicacionais dessas mídias negras, operacionalizando o letramento racial midiático crítico nas plataformas digitais contemporâneas, consolidando a proposta analítica desta tese.

4 PERFIS INSTITUCIONAIS COMO UNIDADES DE CONTEXTO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A Análise de Conteúdo Temática, conforme proposta por Laurence Bardin (2016), pressupõe que a interpretação dos dados textuais excede a descrição interna do *corpus* e se articula necessariamente às condições de produção discursiva que estruturam os próprios enunciados analisados. Nesse sentido, a construção das inferências analíticas demanda a consideração sistemática quem produz o discurso, em quais condições institucionais, onde circulam os conteúdos e quais escolhas enunciativas e multimodais são mobilizadas.

Dessa forma, esta seção não desenvolve a categorização direta do *corpus*, mas delimita comparativamente os perfis institucionais de Geledés - Instituto da Mulher Negra e Alma Preta Jornalismo como unidades de contexto, definindo variáveis contextuais inferenciais que sustentam a formulação de premissas orientadores da análise categorial do Capítulo 5.

Ao caracterizar trajetórias históricas, estruturas organizacionais, focos de atuação, modelos de financiamento e estratégias comunicacionais, busca-se estabelecer as condições socioinstitucionais que moldam os regimes de enunciação observáveis no *corpus*. Essas informações não constituem categorias de análise de conteúdo, mas fornecem o arcabouço interpretativo necessário para compreender como diferentes posições institucionais tendem a se materializar em padrões discursivos específicos, passíveis de codificação segundo os procedimentos metodológicos propostos por Bardin (2016).

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PERFIS INSTITUCIONAIS E AS VARIÁVEIS CONTEXTUAIS TEÓRICAS

Este capítulo examina os perfis institucionais, trajetórias e atuações digitais das mídias negras Alma Preta Jornalismo e Geledés, posicionando-as na interseção entre comunicação e vivências negras, com ênfase em temas tratados, estratégias narrativas e promoção do letramento racial crítico. O conceito de mídias negras, teorizado por Pinto (2006), refere-se a veículos produzidos por e para pessoas negras, focados na luta antirracista e na construção de narrativas próprias, enquanto Pinheiro

(2019) as define como meios gerenciados por negros para combater o racismo em suas múltiplas formas, articulando lutas identitárias.

Araújo (2024) distingue essas mídias da imprensa convencional por centralizarem o negro como protagonista em todas as narrativas, rejeitando estereótipos e neutralidade jornalística para produzir contranarrativas contra-hegemônicas que desafiam o racismo estrutural. Como espaços simbólicos afetivos, elas denunciam apagamentos históricos, silenciamentos e naturalizações racistas, reafirmando a ancestralidade e pluralidade negra. Sua trajetória, desde o século XIX até o digital, consolida-as como instrumentos de resistência, conscientização e empoderamento comunitário.

Para contextualização deste capítulo, apresenta-se brevemente o perfil de atuação do Geledés - Instituto da Mulher Negra e da Alma Preta Jornalismo, duas mídias negras de referência no jornalismo antirracista brasileiro. Antes de avançarmos na análise de suas estratégias narrativas e contribuições para o letramento racial crítico, essa introdução delinea suas trajetórias históricas, missões interseccionais e atuações digitais, situando-as como agentes de resistência contra o racismo estrutural na comunicação contemporânea. Tal panorama fundamenta a compreensão de como essas plataformas constroem contranarrativas negras em disputa com a mídia hegemônica.

4.1.1 Perfil e Resistência: Geledés e Alma Preta

Geledés - Instituto da Mulher Negra foi fundado em 1988 em São Paulo por dez mulheres negras, lideradas por Sueli Carneiro, para combater racismo e sexismo estruturais. Inspirado nas sociedades iorubás, é pioneiro como primeira ONG de feminismo negro no Brasil, com direção exclusivamente negra-feminina. Atua em advocacy, educação, pesquisa, saúde e comunicação, promovendo letramento racial/gênero contra discriminações interseccionais como racismo religioso, genocídio juvenil e lesbofobia.

Seu portal e *Instagram* (179 mil seguidores em 2025) disseminam denúncias, campanhas e conteúdos educativos sobre feminismo negro, combatendo violações de direitos humanos via planos de aula e dossiês. A identidade visual africana reforça resistência simbólica, enquanto parcerias com CNPq, universidades e Coalizão Negra

por Direitos sustentam pesquisas sobre racismo estrutural, preenchendo lacunas entre academia e ativismo de base.

Internacionalmente, colabora com ONU/COP29 (justiça racial/ambiental), Brazil Foundation e Instituto RME+Google.org para capacitação em tecnologia, influenciando políticas como Lei de Cotas e Estatuto da Igualdade Racial. Essas alianças diversificam recursos, formam lideranças jovens e expandem redes digitais de solidariedade, consolidando o Geledés como referência global em empoderamento negro-feminino e desconstrução de privilégios raciais.

Alma Preta Jornalismo surgiu em 2015 em Bauru (SP), vinculada à UNESP, durante efervescência por cotas raciais e debates sobre racismo acadêmico. Nascida como resposta à sub-representação negra na mídia hegemônica, evoluiu de agência universitária para plataforma multimídia nacional, unindo jornalismo antirracista, feminismo negro e valorização periférica. Sua missão é informar pela perspectiva racial negra, denunciando racismo estrutural e apoiando movimentos sociais, com visão de sociedade menos desigual via cobertura objetiva e interseccional (raça, gênero, classe, território).

Com equipe de 13 profissionais em SP, Recife e Salvador, adota gestão colaborativa, apuração rigorosa e pautas em editorias como Cotidiano, Política, Cultura, África/Diáspora, Quilombo e Alma Pretinha (infância negra). Produz reportagens especiais, colunas e conteúdos multimídia no *Instagram* (727 mil seguidores em 2025), promovendo letramento racial midiático e contranarrativas contra estigmas. Lançou em 2023 o Manual de Redação: O jornalismo antirracista, com retrospectiva da imprensa negra e critérios éticos para pautas raciais.

Garante sustentabilidade via financiamento coletivo, editais e parcerias como Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (infância negra), Lew'Lara\TBWA ("Corredor em Perigo" sobre racismo no esporte) e Aláfia Lab ("É tudo mentira?" contra desinformação). Atua em educação quilombola, capacitações e revisões de Planos de Educação, influenciando políticas públicas. Finalista do Prêmio +Admirados Jornalistas Negros (2025), indicam de forma consistente como referência em narrativas plurais, fortalecendo identidade negra e disputando hegemonia midiática.

4.1.2 Condições de produção: Geledés x Alma Preta

Esta seção corresponde à fase de “Pré-análise” (Bardin, 2016, p. 137-145), mapeando condições de produção antes da análise categorial sistemática do Capítulo 5. Trata-se de uma fase descritiva, que permite mapear como variáveis contextuais, como trajetória histórica, estrutura organizacional, foco temático e temporalidade de produção, influenciam a materialização preliminar do discurso nos perfis observados.

Bardin (2016) exige identificar as condições de produção, quem fala (*locus* enunciativo), como fala (formas discursivas) e onde circula (arenas de circulação), antes da exploração sistemática do material empírico.

A observação exploratória do *corpus*, composta por 226 *posts* do *Instagram*, sendo 49 *posts* do Geledés - Instituto da Mulher Negra e 177 *posts* da Alma Preta Jornalismo, coletados durante o mês de novembro de 2024, mês da Consciência Negra, período de “estresse máximo da variável”, pico de demanda temática que submete as organizações a condições extremas de produção. A escolha metodológica de novembro justifica-se pela visibilidade da pauta racial e pela possibilidade de observar resiliência estrutural e capacidade de resposta institucional.

Infere-se que as mídias negras estão operando uma “Contra-Agenda Temporal”. Enquanto a mídia hegemônica decide quando o racismo é notícia (geralmente em tragédias), essa ecologia garante que o letramento racial seja ininterrupto.

O Geledés garante a diacronia (a linha do tempo histórica, o “ontem” que explica o hoje), enquanto a Alma Preta garante a sincronia (o “agora”, a resposta ao algoritmo). Juntas, elas desafiam o controle hegemônico da agenda racial.

O Geledés - Instituto da Mulher Negra foi fundado em 30 de abril de 1988, em São Paulo, por Sueli Carneiro. Sua emergência ocorreu no contexto da redemocratização brasileira (1985-88) e na reorganização da sociedade civil, em um momento de pressão para que a Assembleia Nacional Constituinte incorporasse demandas da população negra. Ao longo de 36 anos, consolidou-se como intelectualidade coletiva feminista-negra, com incidência direta em políticas públicas, sistema judiciário e organismos internacionais como a ONU Mulheres. Sua autoridade discursiva fundamenta-se em capital simbólico histórico-jurídico, garantindo legitimidade normativa e pedagógica.

Conforme a formulação de Pierre Bourdieu (1992), o capital simbólico aqui observado não se limita ao prestígio institucional, mas configura-se como um poder de consagração e de visão de mundo. No caso do Geledés, essa autoridade manifesta-se na capacidade de instituir “doutrinas” e diretrizes normativas que orientam o letramento racial e as pautas políticas do movimento de mulheres negras, operando como um árbitro de legitimidade no campo.

A Alma Preta Jornalismo, fundada em 2015 em Bauru-SP, representa o fenômeno das mídias nativas digitais. Sua fundação se dá em um contexto de consolidação das políticas públicas de ações afirmativas e expansão da presença digital de ativistas negros. Sua autoridade discursiva constrói-se a partir de proximidade periférica e agilidade jornalística, conectando comunidades quilombolas e periferias à esfera pública digital, destacando a importância da narrativa contextual e da denúncia social.

O Quadro 4 condensa as variáveis contextuais que estruturam os regimes discursivos de Geledés e Alma Preta, mapeando diferenças sistemáticas em *locus* enunciativo: (jurídico-institucional vs. narrativo-editorial), arenas de circulação (Estado vs. algorítmica), tom (assertivo vs. dialógico), autoridade (histórica vs. testemunhal), multimodalidade (textos densos vs. *reels* virais), temporalidade (planejada vs. responsiva) e função (pedagógica vs. contranarrativa).

Quadro 4 – Síntese das Variáveis Contextuais Inferenciais (Condições de Produção)

Variável contextual	Geledés - Instituto da Mulher Negra (<i>locus</i> institucional-político)	Alma Preta Jornalismo (<i>locus</i> narrativo-editorial)
Locus de enunciação	Organização feminista negra com inserção jurídico-institucional e histórico de incidência estatal	Agência de jornalismo negro digital, nativa de plataforma e orientada à esfera pública
Condições institucionais de produção	Estrutura programática centralizada, com direção executiva feminina exclusiva e atuação de longo prazo	Estrutura editorial colaborativa e descentralizada, com produção contínua e resposta rápida a eventos
Arena predominante de circulação	Arenas institucionais nacionais e internacionais (Estado, sistema de justiça, fóruns multilaterais)	Esfera pública digital, territórios periféricos e circulação algorítmica em redes sociais
Tom enunciativo predominante	Assertivo-imperativo, normativo e pedagógico, com ênfase em prescrição de direitos	Acolhedor-periférico, dialógico e narrativo, com ênfase em denúncia, escuta e engajamento
Forma de autoridade discursiva	Capital simbólico fundado em autoridade histórica, jurídica e doutrinária do feminismo negro	Capital simbólico fundado em autoridade narrativa, investigativa e testemunhal
Estratégias multimodais recorrentes	Textos densos, imagens de memória, referências históricas e documentos normativos	Vídeos curtos, infográficos, recursos audiovisuais, <i>hashtags</i> e estéticas virais
Temporalidade comunicacional	Produção planejada, com baixa volatilidade e forte ancoragem histórica	Produção contínua, responsiva e sensível à agenda imediata e aos ciclos noticiosos
Função discursiva dominante	Pedagogia política institucional e incidência normativa	Amplificação de contranarrativas e disputa simbólica no debate público

Fonte: elaborada pela autora, 2026.

Nota: variáveis teóricas para Análise Prévia (Bardin, 2016). Índícios descritivos preliminares; categorização sistemática no Capítulo 5.

4.1.3 Formulação das premissas orientadoras da análise da pesquisa (P1-P5)

A formulação das premissas orientadoras da análises da pesquisa decorre de uma observação sistemática das características estruturais das duas organizações analisadas. Antes da coleta de dados, foi necessário mapear as Variáveis Contextuais (Quadro 4) que definem o ponto de partida de cada perfil, o que permitiu estabelecer cinco premissas operacionais:

- a) P1 - *Locus* de Enunciação e Regimes de Autoridade: testa se o letramento exige a dualidade entre a autoridade institucional/jurídica e a autoridade narrativa/testemunhal;
- b) P2 - Estruturas Organizacionais e Estética Discursiva: investiga se a forma (visualidade e formato) é determinada pela estrutura da organização, alternando entre estabilização da memória e agilidade algorítmica;
- c) P3 - Focos Temáticos e Função Discursiva: analisa se o processo educativo depende da divisão entre incidência normativa (macropolítica) e amplificação de contranarrativas (micropolítica/cotidiano);
- d) P4 - Temporalidade e Fluxo de Produção: propõe que a eficácia do letramento reside na coexistência de um tempo histórico/planejado e um tempo reativo/de urgência;
- e) P5 - A Variável Integradora: Ecologia Midiática Negra: sustenta que o Letramento Racial Crítico é um fenômeno sistêmico, resultando da interdependência e simbiose entre as variáveis anteriores.

Com base na operacionalização das cinco premissas (P1-P5), cruzou-se sistematicamente o *corpus* de 226 *posts* com a Matriz Analítica TRC×LRC, gerando os Índícios Empíricos Preliminares apresentados no Quadro 5. Este quadro sintetiza as diferenças estruturais observadas entre Geledés e Alma Preta, evidenciando empiricamente sua complementaridade funcional:

Quadro 5 – Índicios dos premissas orientadoras P1-P5

Premissa	Parâmetro observado	Geledés (49 posts)	Alma Preta (177 posts)
P1	Frequência lexical/legendas	Normativa/extensa (>100 palavras/post)	Narrativa/curta (<50 palavras/post)
P2	Consistência visual/tipos <i>post</i>	Cores sóbrias/ serifada/fixa-carrossel (90%)	<i>Reels</i> 60%/infográficos 25%/layouts variados
P3	Proporção temática (%)	70% institucional/direitos	65% periférico/violência policial
P4	Cadência × engajamento (<i>post</i>)	1,63 <i>posts</i> /dia	5,9 <i>posts</i> /dia
P5	Formato/objetivo/alcance total	80% normativo	70% contranarrativo

Fonte: elaborada pela autora (2026).

Nota: validação empírica no Capítulo 5: sobrecodificação de 122,9% (85,8% *posts* multicamadas) corrobora P5 (ecologia midiática). Dados de novembro/2024 orientam codificação exaustiva das categorias híbridas (Twine; Steinbugler, 2006; Ferreira, 2014, 2015).

O confronto sistemático entre o *corpus* de 226 *posts* e os parâmetros estabelecidos no Quadro 5 (premissas da análise P1-P5) funciona como o estágio de materialização da pesquisa. Nesse estágio, as premissas deixam de ser proposições teóricas e passam a ser categorias de evidência. Esse processo de cruzamento de dados permite realizar operações analíticas fundamentais, quais sejam:

A Quantificação da Diferença: o confronto revela que as distinções entre os perfis não são apenas qualitativas, mas mensuráveis. A análise dos 226 *posts* valida, por exemplo, que a Temporalidade e Fluxo de Produção (P4) se manifesta na cadência distinta de postagens, onde o volume da Alma Preta e a densidade do Geledés operam em frequências que se complementam, e não se anulam;

A Localização dos Regimes de Autoridade: ao filtrar cada *post* pelo parâmetro do *locus* de Enunciação (P1), o Quadro 4 permite identificar a “assinatura discursiva” de cada organização. Os *posts* deixam de ser unidades isoladas para se tornarem fragmentos de um sistema maior: um *post* do Geledés sobre o sistema de justiça além de ser uma notícia, é a ativação de um regime de autoridade jurídico-institucional.

A Verificação da Simbiose (P5): a premissa P5 funciona como o eixo metodológico central, articulando todas as variáveis anteriores. O movimento mais

crítico desse confronto é a percepção de que os 226 *posts*, quando analisados em conjunto, preenchem todas as lacunas do Letramento Racial Crítico. O confronto demonstra que o que é omitido ou suavizado em um perfil é centralizado e amplificado no outro, confirmando a Variável Integradora (Ecologia Midiática Negra) como uma realidade operacional.

Em termos metodológicos, o Quadro 4 atua como um filtro analítico que converte a volatilidade do *Instagram* em dados estruturados. Ao confrontá-lo com os *posts*, a pesquisa demonstra que a construção do letramento racial no ambiente digital obedece a uma lógica de ocupação de espaços e especialização de discursos.

No Quadro 5 (premissas orientadoras P1-H5), mensurando parâmetros operacionais das premissas, Geledés confirma P1-P5 com legendas normativas extensas (>100 palavras), consistência visual fixa (90% carrossel), 70% institucional, cadência baixa (1,6 *posts*/dia) e predominância normativa.

Alma Preta contrasta com P1 narrativas curtas (<50 palavras), P2 *reels* 60%, P3 65% periférico-violento, P4 alta cadência (5,9 *posts*/dia) e P5 contranarrativa amplificada.

Para mapear essa ecologia, são utilizadas as seguintes subdimensões integradas:

- a) Formato do Conteúdo: mapeamento da diversidade técnica (% de texto, vídeo, infográficos e *memes*);
- b) Objetivo Discursivo: classificação entre o esforço de formação normativa (Geledés) *versus* disputa simbólica (Alma Preta); normativo *versus* contranarrativo;
- c) Integração com P1-P4: a síntese final cruza o lugar de fala (*locus*), a estética, a temática e a temporalidade para demonstrar como esses dois polos sustentam o ecossistema informativo negro no Brasil.

Esses indícios do 'estresse máximo da variável racial', com a sistematização dos dados de novembro de 2024 permite, portanto, validar como a estrutura organizacional dita não apenas o comportamento discursivo, mas a própria recepção e engajamento do público negro contemporâneo. Assim, validam as condições do Quadro 5 e orientam a codificação do Capítulo 5.

4.4 SÍNTESE METODOLÓGICA

Este capítulo caracterizou cinco variáveis contextuais inferenciais, trajetórias históricas, estruturas organizacionais, focos temáticos, modelos de financiamento e ecologia midiática e indícios empíricos preliminares do *corpus* de 226 *posts* (que estruturam as práticas comunicacionais de Geledés e Alma Preta no *Instagram*, formulando premissas P1-P5 orientadas por evidências indiciárias do *corpus*.

A validade científica desta investigação sustenta-se em um sistema integrado de evidências, no qual os Quadros 3, 4, 10 e 9 operam em um fluxo lógico: teoria → evidência preliminar → categorias validadas → especificidades empíricas. Essa estrutura garante que a interpretação final não seja um exercício de subjetividade, mas o ponto de chegada de um percurso rastreável.

O Quadro 4 (O Núcleo das Organizações) define as "condições de produção" do *corpus*. Ele estabelece as expectativas teóricas ao mapear a identidade do Geledés e da Alma Preta. Se a teoria indica que o Geledés é uma instituição de incidência jurídica, este quadro estabelece o ponto de partida para verificar se sua produção discursiva é coerente com seu Núcleo institucional.

O Quadro 5 (O Crivo Prospectivo) atua como o "teste do olhar" científico. Nesta fase de pré-análise, as 226 postagens foram confrontadas com as premissas (P1 a P5) para validar a aderência das perguntas de pesquisa à realidade dos dados. Sua função é assegurar que o desenho do estudo possui fundamentação empírica antes da imersão exaustiva.

O Quadro 13 (A Armação Analítica) resulta da fusão teórica entre Twine e Steinbugler (2006) e Ferreira (2014, 2015). Este quadro organiza o "caos" informacional em seis categorias híbridas fundamentais. Em vez de lidar com postagens isoladas, a análise passa a operar sobre uma Armação robusta que sistematiza o Letramento Racial Crítico.

O Quadro 10 (A Lente sobre os Dados) representa o detalhamento microscópico da análise. É neste estágio que se identifica, por exemplo, como uma categoria macro como "Racismo Estruturante" se desdobra em subcategorias como "Violência Policial" e coocorrências de "Gênero". A função deste quadro é evidenciar a

polissemia ativista através da Lente focada, demonstrando que o discurso negro digital opera em múltiplas camadas simultâneas.

Esse rigor analítico sistemático permite que o “DNA” das organizações seja lido não pelo que se presume delas, mas pelo que sua produção empírica efetivamente concretiza. O ciclo se fecha com a afirmação da operacionalização do Letramento Racial Crítico Sistêmico, em que a teoria move a evidência e a evidência ratifica a categoria.

A análise qualitativa que segue não pretende uma leitura impressionista ou isolada dos perfis; ao contrário, ela é o resultado de uma engrenagem logicamente articulada. Este sistema opera um fluxo de validação que se inicia na teoria (as condições de produção do Quadro 4), testa-se na antecipação (as premissas no Quadro 5), organiza-se na estrutura (as categorias híbridas do Quadro 11) e, por fim, materializa-se no detalhe (as subcategorias do Quadro 10).

Essa arquitetura garante que a interpretação de cada postagem não seja um exercício de subjetividade, mas o ponto de chegada de um percurso científico rastreável. É essa blindagem metodológica que permite transformar o dado bruto do *Instagram* em revelações sobre a práxis do Letramento Racial Crítico, assegurando que o ‘DNA’ institucional de Geledés e Alma Preta seja lido não pelo que se presume deles, mas pelo que sua produção empírica efetivamente concretiza.

A sobrecodificação (122,9%; 85,8% multicamadas) valida P5: Geledés (mediação institucional) + Alma Preta (amplificação algorítmica) = ecologia midiática negra.

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO TEMÁTICA COMPARATIVA DE GELEDÉS E ALMA PRETA JORNALISMO NO *INSTAGRAM*

A partir das variáveis contextuais e premissas inferenciais formuladas no Capítulo 4, procede-se à análise temática do *corpus* segundo a metodologia de Bardin (2016), com foco nas unidades de registro e categorias emergentes. Essa análise materializa a premissa 5 (P5), demonstrando como a sobredeterminação semântica de 85,8% de *posts* multicamadas reflete a densidade da Ecologia Midiática Negra contemporânea.

Esta pesquisa adota uma perspectiva crítica e interseccional fundamentada na Teoria Crítica da Raça (Ladson-Billings, 1998), Letramento Racial (Twine; Steinbugler, 2006) e Letramento Racial Crítico (Ferreira, 2014, 2015) analisando como narrativas do Geledés e Alma Preta no *Instagram* contestam desigualdades estruturais.

A análise está organizada para fornecer uma visão geral do processo de pesquisa. Começa delineando a estrutura teórica e conceitual que fundamenta a análise. Em seguida, detalha o desenho metodológico, os procedimentos para definir o *corpus* de pesquisa e coletar dados e a aplicação sistemática da Análise Temática de Conteúdo de Bardin (2016). Finalmente, apresenta a construção das categorias analíticas híbridas que formam o núcleo da estrutura interpretativa.

Além disso, o letramento racial (Twine; Steinbugler, 2006) e Letramento Racial Crítico (Ferreira, 2015) estruturam a análise para captar articulações interseccionais (racismo-gênero-classe) e outros sistemas opressivos sobrepostos no contexto sociopolítico contemporâneo.

5.1 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico desta pesquisa adota uma abordagem qualitativa pautada na Análise de Conteúdo Temática, conforme definida por Laurence Bardin (2016), e complementada por pesquisa documental. Essa escolha, amplamente utilizada na comunicação, é especialmente adequada para investigar produtos midiáticos de organizações como o Instituto Geledés e a Alma Preta Jornalismo, uma vez que facilita investigação aprofundada e ordenada do conteúdo comunicativo.

Segundo Bardin (2016, p. 42), a análise de conteúdo é uma

[...] técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva e sistemática do conteúdo manifesto da comunicação, tem como objetivo interpretar essas mesmas comunicações.

É importante salientar que o método “pode ser aplicado a todas as formas de comunicação, independentemente da natureza do seu suporte” e fornece uma estrutura para fazer inferências sobre as “condições de produção e recepção” das mensagens em estudo. Isto torna-o excepcionalmente adequado para um contexto de mídia digital.

A análise das 226 postagens do *Instagram*, composto por 49 legendas do Geledés e 177 legendas do Alma Preta Jornalismo publicadas no *Instagram* em novembro de 2024, foi realizada aplicando-se o processo estruturado de três etapas de Bardin:

- a) Pré-análise: fase organizacional inicial que envolve a seleção de documentos, a formulação de objetivos e o desenvolvimento de indicadores;
- b) Exploração do Material: aplicação de regras de codificação para transformar os dados textuais brutos em unidades quantificáveis e analisáveis;
- c) Tratamento dos resultados, Inferência e Interpretação: fase final, em que os dados codificados são sintetizados, interpretados e conectados ao referencial teórico para gerar conclusões significativas.

5.1.1 Seleção e delimitação do *corpus*

A definição cuidadosa do *corpus* garante relevância, representatividade e validade da análise de conteúdo. Este estudo examina 226 postagens do Instagram de Geledés (49 *posts*, G01-G49) e Alma Preta (177 *posts*, A01-A177) publicadas em novembro/2024, período oportuno, centrado no Dia Nacional da Consciência Negra (Lei nº 14.759/2023), marco político-antirracista transformado em feriado nacional em 2024. Essa escolha capturou estratégias comunicativas intensificadas das organizações, revelando práticas discursivas continuadas de consolidação da presença negra digital além da efemeridade do evento.

Geledés e Alma Preta, líderes do movimento negro brasileiro, utilizam intencionalmente o *instagram*, terceira rede social mais usada no Brasil (144 milhões

de usuários totais, 141 milhões em alcance), com predominância de jovens urbanos (We Are Social; Meltwater, 2025) como plataforma visual-relacional que transcende canais informativos. Seus perfis articulam narrativas multimodais (texto+imagem+memória) para resistência digital, desafiando algoritmos hegemônicos enquanto amplificam vozes periféricas por meio de engajamento político.

5.1.2 Procedimentos de codificação

A coleta dos 226 *posts* do *Instagram* de Geledés e Alma Preta Jornalismo (novembro/2024) foi realizada manualmente em razão das restrições da Interface de Programação de Aplicativos (API) da plataforma *Instagram*, que limitam o acesso automatizado por contas pessoais por motivos de segurança. Os dados foram sistematizados em planilha Excel (Apêndices A e B) com colunas padronizadas: *link* permanente, data de publicação, título do *post* e texto do *post*, facilitando a rastreabilidade e análise subsequente.

Conforme exigido por Laurence Bardin (2016) na fase de pré-análise, a seleção seguiu critérios rigorosos de inclusão, como recorrência temática (temas centrais do ativismo negro), estabilidade enunciativa (coesão discursiva interna) e intencionalidade comunicativa (orientação estratégica do discurso) e critérios de exclusão específicos: vídeos e formatos audiovisuais foram eliminados, pois demandariam metodologias complementares de análise semiótica (imagem em movimento, linguagem não verbal, trilha sonora), fora do escopo textual deste estudo. Essa delimitação resultou em dois *corpora* independentes por pertinência temática: *corpus* G (49 *posts* de Geledés) e *corpus* A (177 *posts* de Alma Preta).

A fase analítica desta pesquisa operacionalizou o método de três fases de Bardin (2016) para transformar sistematicamente os dados brutos de 226 *posts* do *Instagram* em uma interpretação estruturada e significativa. Cada etapa foi construída sobre a anterior, garantindo um processo transparente desde a leitura inicial até a inferência final:

A pré-análise envolveu uma imersão organizacional no material coletado. A leitura flutuante inicial dos 226 *posts* identificou padrões narrativos recorrentes, como denúncia do racismo estrutural, articulação da interseccionalidade raça-gênero-clima

e estratégias de letramento racial crítico, delimitando os *corpora* por especificidade organizacional e preparando o material para codificação sistemática.

A fase de exploração concentrou-se na codificação independente dos *corpora* (G01-G49; A01-A177) por unidades semânticas, captando especificidades discursivas autônomas de cada organização sem homogeneização prematura. A comparação cruzada subsequente, após consolidação em planilha unificada, identificou convergências sinérgicas, preservando rastreabilidade categorial conforme Bardin (2016).

Na etapa final de Tratamento, Inferência e Interpretação, as categorias emergentes foram validadas pelas quatro qualidades metodológicas de Bardin (2016): exaustividade (cobertura total dos 226 *posts*), homogeneidade (coerência interna de cada unidade), exclusão mútua (delimitação clara entre subcategorias) e pertinência (ancoragem teórica) de Twine e Steinbugler (2006) e Ferreira (2014, 2015). Essa validação estrutural permitiu inferências sobre significados implícitos, articulando o ativismo interseccional como eixo unificador das estratégias discursivas das mídias negras investigadas.

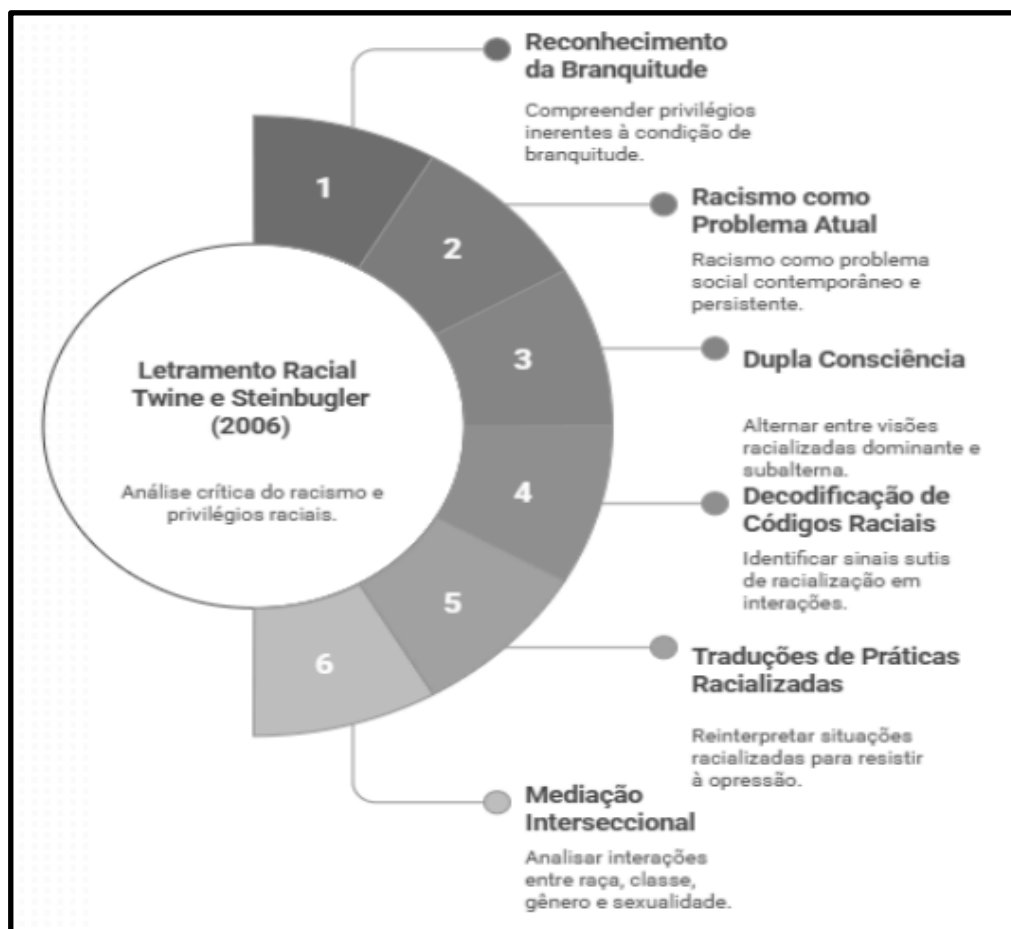
As quatro qualidades de Bardin transcendem uma mera lista de verificação, constituindo uma estrutura crítica de validação que garante categorias analiticamente sólidas, defensáveis e isentas de ambiguidade, pressuposto fundamental para a integridade interpretativa deste estudo.

Esse processo sistemático culminou na **principal inovação metodológica**: a construção de um **conjunto unificado de categorias analíticas híbridas**, integrando especificidades discursivas autônomas dos *corpora* G e A em um sistema categorial sinérgico para análise do ativismo interseccional nas mídias negras.

5.1.3 Construção das categorias analíticas híbridas

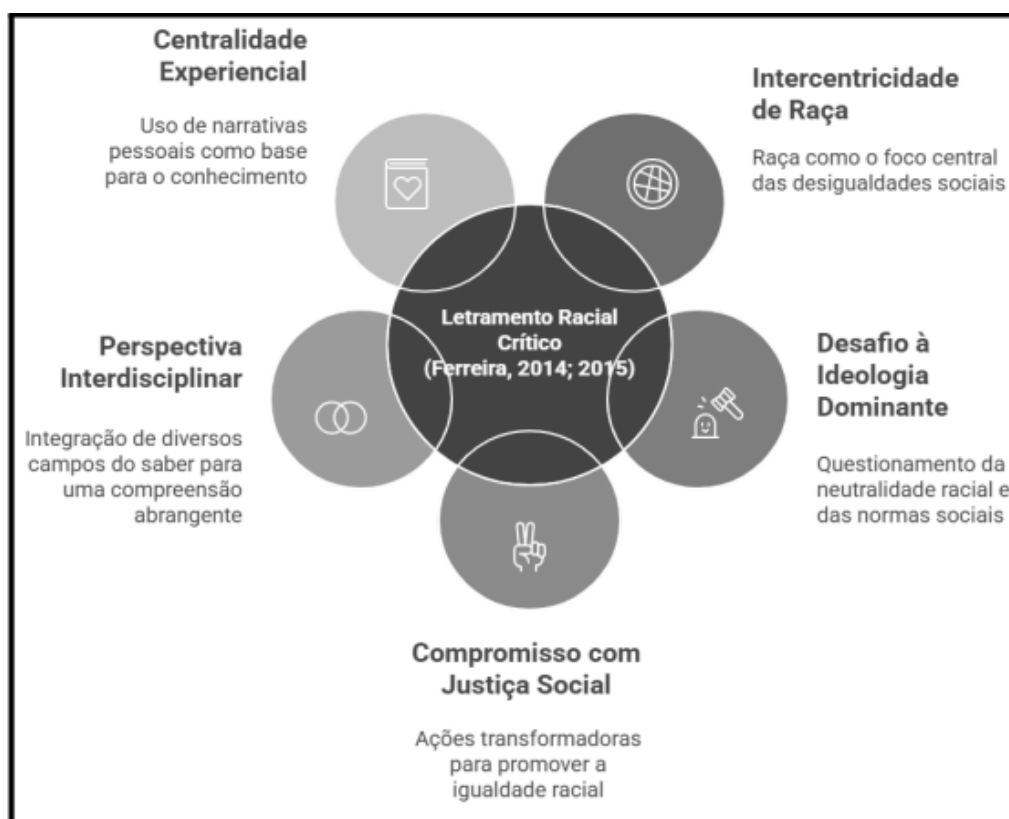
O núcleo desta metodologia de pesquisa reside na construção de seis categorias temáticas híbridas. Este quadro analítico foi desenvolvido por meio da articulação sistemática de dois modelos conceituais complementares: os seis princípios de Letramento Racial propostos por Twine e Steinbugler (2006, p. 344) e os cinco fundamentos do Letramento Racial Crítico definidos por Ferreira (2014, 2015). Esta síntese produziu uma lente inovadora, por meio da qual se pode analisar as narrativas digitais no *corpus*, conforme ilustrado nas Figuras 1 e 2:

Figura 1 – Princípios do Letramento Racial de Twine e Steinbugler (2006)



Fonte: Adaptada pela autora de Twine e Steinbugler (2006, p. 344).

Figura 2 – Fundamentos de Letramento Racial Crítico (LRC) de Ferreira (2014, 2015)



Fonte: Ferreira (2014, 2015).

A abordagem metodológica utilizada para criar essas categorias foi uma análise comparativa indutivo-dedutiva. Esse processo envolveu o exame cuidadoso dos princípios de ambas estruturas teóricas para identificar convergências temáticas e complementaridades conceituais.

Twine e Steinbugler (2006) oferecem uma abordagem microanalítica, focada na decodificação cotidiana das estruturas raciais, enquanto Ferreira (2014, 2015) fornece uma perspectiva normativo-pedagógica ancorada na Teoria Crítica da Raça, com ferramentas para contranarrativas e intervenções transformadoras. As categorias híbridas resultantes integram, portanto, a interpretação da dinâmica racial cotidiana com um claro compromisso com a justiça social e a mudança estrutural.

A fusão dessas estruturas gerou seis categorias híbridas, cada uma construída para capturar uma dimensão específica do letramento racial crítico nas mídias digitais, conforme detalhado a seguir:

- a. Crítica da Branquitude Normativa: emerge da articulação do “valor simbólico/material da branquitude” de Twine e Steinbugler (2006) com o

“desafio à ideologia dominante” de Ferreira (2014, 2015), criando uma ferramenta analítica que identifica e contesta a branquitude como uma norma privilegiada e invisível nas narrativas midiáticas. O termo “Crítica” expressa a combatividade, enquanto “Branquitude Normativa” a invisibilidade central em ambas estruturas;

- b. Racismo Estruturante Contemporâneo: resulta da fusão do foco de Twine e Steinbugler (2006) no “racismo como um problema atual” com a “intercentricidade entre raça e racismo” de Ferreira (2014, 2015). Ambos conceituam o racismo como força estruturante e permanente, não como um resquício histórico. “Estruturante” destaca sua organização das desigualdades sociais; “Contemporâneo”, sua presença ativa no cotidiano, analisando discursos que o enquadram como sistema vivo;
- c. Epistemologia Racial Situada: integra a “dupla consciência” de Twine e Steinbugler (2006) com a “centralidade do conhecimento experiencial” de Ferreira (2014, 2015). Unifica leitura múltipla e racializada do mundo com legitimação epistemológica das experiências vividas. “Epistemologia” valida seu valor científico; “Situada Racial”, sua perspectiva posicional e dual;
- d. Leitura Interdisciplinar de Códigos Raciais: articula a “decodificação de códigos raciais” de Twine e Steinbugler (2006) com a “perspectiva interdisciplinar” de Ferreira (2014, 2015). Combina decifração de sinais raciais cotidianos com ferramentas analíticas de múltiplas disciplinas (direito, educação, comunicação). “Interdisciplinar” expande o “como ler”; “Racial”, o foco nos códigos raciais;
- e. Intervenção Antirracista Transformadora: integra as “interpretações de práticas racializadas” de Twine e Steinbugler (2006) com o “compromisso com a justiça social” de Ferreira (2014, 2015). Transita da resistência cotidiana para ações estruturais antirracistas. “Intervenção” sinaliza práxis ativa; “Transformadora”, mudanças institucionais e culturais;
- f. Mediação Interseccional: deriva do conceito homônimo de Twine e Steinbugler (2006), complementado pela intercentricidade e interdisciplinaridade de Ferreira (2014, 2015). Opera a *interseccionalidade* como força dinâmica relacional que estrutura estratégias discursivas das mídias negras, analisando opressões multidimensionais.

5.1.4 Descrição das categorias analíticas e subcategorias

A primeira categoria analítica híbrida, “Crítica à Branquitude Normativa”, emerge da articulação conceitual entre o “Valor simbólico/material da branquitude” (Twine; Steinbugler, 2006) e o “Desafio à ideologia dominante” (Ferreira, 2014, 2015). Essa fusão unifica a denúncia dos privilégios invisíveis (Twine; Steinbugler, 2006) com a desconstrução de narrativas naturalizantes (Ferreira, 2014, 2015), criando um metaconceito que identifica tanto o reconhecimento crítico da norma branquitude quanto sua contestação política ativa nas mídias negras analisadas. “Crítica” sintetiza a dupla ação combativa; “Branquitude Normativa” capta a invisibilidade estrutural comum aos dois arcabouços, transformando contribuições teóricas complementares em instrumento analítico operacional para o *corpus*.

A segunda categoria, “Racismo Estruturante Contemporâneo”, resulta da fusão estratégica entre o “Racismo como problema atual”, de Twine e Steinbugler (2006) e a “Intercentricidade de raça e racismo” de Ferreira (2014, 2015), já que, em ambos casos, parte-se da compreensão de que o racismo é permanente e estruturante, e não um resíduo do passado: Twine e Steinbugler (2006) o veem como dinâmica cotidiana e Ferreira (2014, 2015) como eixo central das desigualdades sociais. “Estruturante” mostra como o racismo organiza as desigualdades (Ferreira, 2014, 2015), enquanto “Contemporâneo” mostra que é um problema atual (Twine; Steinbugler, 2006), não só do passado, constituindo metaconceito que operacionaliza a análise das estratégias discursivas das mídias negras no *corpus*.

A terceira categoria híbrida, “Epistemologia Racial Situada” resulta da convergência entre a “Dupla consciência” (Twine; Steinbugler, 2006) e a “Centralidade do conhecimento experiencial” (Ferreira, 2014, 2015). Essa articulação unifica a leitura racializada múltipla do mundo (dupla consciência) de Twine e Steinbugler (2006) com a legitimação epistemológica das experiências vividas (Ferreira, 2014, 2015), atribuindo *status* epistemológico aos saberes encarnados e contextuais das mídias negras. “Epistemologia” reconhece o valor científico do conhecimento situado (Ferreira, 2014, 2015); “Racial Situada” capta a perspectiva dupla e posicional (Twine; Steinbugler, 2006), constituindo metaconceito que operacionaliza epistemologias negro-brasileiras no *corpus* analisado.

A quarta categoria híbrida, “Leitura Interdisciplinar de Códigos Raciais”, resulta da articulação conceitual entre a “Decodificação de códigos raciais” (Twine e

Steinbugler, 2006) e a “Perspectiva interdisciplinar” (Ferreira, 2014, 2015). Essa fusão mantém o foco na decifração de sinais raciais cotidianos (Twine; Steinbugler, 2006) enquanto incorpora múltiplas lentes teóricas de campos como direito, educação e comunicação (Ferreira, 2014, 2015), expandindo a análise do “o que ler” (códigos) para o “como ler” de forma cruzada e sistemática. “Leitura” preserva a interpretação; “Interdisciplinar de Códigos Raciais”, o rigor metodológico cruzado.

A quinta categoria híbrida, “Intervenção Antirracista Transformadora”, articula as “Interpretações de práticas racializadas” (Twine e Steinbugler, 2006), com “Centralidade experiencial” (Ferreira, 2014, 2015), que legitima narrativas vividas como base pedagógica. Transita da resistência cotidiana para intervenções estruturais antirracistas. “Intervenção” sinaliza *práxis* ativa; “Antirracista Transformadora”, mudanças institucionais e culturais.

Por fim, a sexta categoria híbrida, “Mediação Interseccional”, não apresenta equivalente direto em Ferreira (2014, 2015), embora dialogue implicitamente com sua intercentricidade de raça e perspectiva interdisciplinar (Twine; Steinbugler, 2006). “Mediação” operacionaliza a interseccionalidade como articulação não hierárquica entre raça, classe, gênero e sexualidade nas estratégias discursivas das mídias negras.

A articulação entre os critérios de Twine e Steinbugler (2006) e as categorias de Ferreira (2014, 2015) permitiu identificar correspondências temáticas precisas, resultando em seis categorias híbridas que operacionalizam o letramento racial crítico nas mídias digitais. Enquanto Twine e Steinbugler (2006) oferecem uma microanálise da decodificação cotidiana das estruturas raciais e Ferreira (2014, 2015) propõe uma perspectiva normativo-pedagógica, ancorada na Teoria Racial Crítica, voltada à produção de contranarrativas transformadoras.

Essa complementaridade conceitual sustenta as seis categorias híbridas, *Crítica à Branquitude Normativa, Racismo Estruturante Contemporâneo, Epistemologia Racial Situada, Leitura Interdisciplinar de Códigos Raciais, Intervenção Antirracista Transformadora e Mediação Interseccional*, que estruturam a análise empírica dos *corpora* de mídias negras (Quadro 6).

Quadro 6 – Categorias unificadas da Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico

Twine e Steinbugler (2006)	Ferreira (2014, 2015)	Foco	Categorias unificadas	Síntese conceitual
Valor simbólico/material da branquitude: reconhecimento de privilégios brancos	Desafio à ideologia dominante: questionamento da neutralidade racial	Twine e Steinbugler (2006): Privilégios invisibilizados Ferreira (2014, 2015): Narrativas naturalizadas	Crítica à Branquitude Normativa	Crítica à branquitude como norma invisível que organiza privilégios estruturais
Racismo como problema atual: dinâmica contemporânea	Intercentricidade de raça e racismo: eixo das desigualdades	Twine e Steinbugler (2006): Temporalidade cotidiana Ferreira (2014, 2015): Estrutura permanente	Racismo Estruturante Contemporâneo	Revelando o racismo como força viva que estrutura o presente
Dupla consciência: alternância entre perspectivas racializadas	Centralidade do conhecimento experiencial: narrativas autobiográficas	Twine e Steinbugler (2006): Processo cognitivo Ferreira (2014, 2015): Epistemologia legítima	Epistemologia Racial Situada	Vidas negras geram saber
Decodificação de códigos raciais: identificação de práticas cotidianas	Perspectiva interdisciplinar: integração de campos do saber	Twine e Steinbugler (2006): Sinais microculturais Ferreira (2014, 2015): Múltiplas lentes teóricas	Leitura Interdisciplinar de Códigos Raciais	Decifração cruzada de códigos e dinâmicas raciais
Interpretações de práticas racializadas: resistência cotidiana	Compromisso com a justiça social: ações transformadoras	Twine e Steinbugler (2006): Resistência prática Ferreira (2014, 2015): Intervenção institucional	Intervenção Antirracista Transformadora	Da interpretação à ação estrutural antirracista
Mediação interseccional: raça+classe/gênero/sexualidade	(Complementada por intercentricidade e interdisciplinaridade)	Twine e Steinbugler (2006): Articulação igualitária sem hierarquia	Mediação Interseccional	Análise interseccional sem reducionismos

Fonte: adaptada pela autora, baseada em Twine e Steinbugler (2006, p. 344) e Ferreira (2014, 2015).

Esse vocabulário híbrido integra a microanálise cotidiana de Twine e Steinbugler (2006) ao compromisso transformador de Ferreira (2014, 2015), identificando letramento racial crítico nas mídias negras por análise empírico-teórica. As seis categorias funcionam como linguagem analítica controlada dentro do percurso de Bardin (2016): codificação, interpretação discursiva e comunicação sistemática dos resultados.

No plano operacional, essas categorias orientam a etiquetagem de postagens, identificação de evidências textuais/visuais, interpretação de dinâmicas de poder/resistência e formulação de inferências teóricas sobre letramento racial crítico. Sistematizam estratégias discursivas do *corpus*, equilibrando microanálise cotidiana com projeto pedagógico-político transformador. Demonstram-se exaustivas (100% dos 226 *posts* G01–G49 e A01–A177), mutuamente exclusivas e teoricamente ancoradas, conforme preconiza Bardin (2016).

A codificação exaustiva dos 226 *posts* (Bardin, 2016), confrontada com os fundamentos teóricos da tese, letramento racial crítico, *literacia* midiática e Teoria Racial Crítica, revelou subcategorias que operacionalizam as categorias híbridas, quais sejam:

“Racismo econômico/mercado mercado de trabalho” (17,3%; 39 menções) e “Racismo policial/violência racializada” (25,7%; 58 menções) cristalizaram-se como especificações empíricas do “Racismo Estruturante Contemporâneo”, enquanto “Identidades raciais/identidade negras” (17,7%; 40 menções) operacionalizou a “Intervenção Antirracista Transformadora”.

A categoria Mediação Interseccional emergiu com “*Interseccionalidade*” (8,8%), e “Racismo Infantil/Reprodutivo” (5,6%; 10 *posts*): racismo que afeta crianças negras e questões reprodutivas; ilustrada em *posts* que cruzam raça com classe ou gênero, como racismo econômico aliado à maternidade negra (Crenshaw, 2013).

Já a Crítica à Branquitude Normativa ganhou densidade com “Racismo da Branquitude” (8,8%), identificando privilégios invisíveis como norma opressora e desnaturalizando a branquitude como padrão neutro (Bento, 2002; Carone; Bento, 2017; Schucman, 2012); “Beleza e Estética” (4,1%; 2 *posts*): crítica a padrões eurocêntricos que marginalizam traços negros, como cabelo crespo e fenótipo e “Cultura e Representação” (10,2%; 18 *posts*): discute apropriação cultural, herança africana e narrativas de empoderamento identitário.

Por fim, “Saberes Raciais Situados” (7%) materializou a Epistemologia Racial

Situada em narrativas encarnadas de resistência periférica, legitimando epistemologias vividas (Ferreira, 2014, 2015; Gonzalez, 1988).

Esse método garante que as subcategorias emergiram organicamente dos dados, evitando projeções teóricas e conferindo concreticidade discursiva às categorias principais observadas no *corpus* de Geledés e Alma Preta. Como lentes analíticas, elas convertem contagens em evidências interpretativas robustas, materializando a ecologia pedagógica antirracista que estrutura essas mídias como espaços distribuídos de formação política. Esse desdobramento revela a composição interna da sobredeterminação (85,8%), evidenciando estratégias discursivas específicas: global-institucional em Geledés (83,7%) *versus* visceral-periférico em Alma Preta (86,4%).

Ao examinar as subcategorias mais frequentes do Quadro 6, que conectam ideias centrais a autores como Almeida (2018), Crenshaw (2013) e Gonzalez (2020), revelam-se as estratégias complementares de Geledés e Alma Preta, configurando uma ecologia midiática que operacionaliza o letramento racial crítico.

5.1.4.1 Codificação categorial sequencial (Q7-Q10)

A pré-análise categorial de Bardin (2016) estruturou sistematicamente os 226 *posts* do *corpus* em uma sequência analítica, operacionalizada nos Quadros 7-10 (apresentados em formato paisagem). Essa construção progressiva revela a arquitetura semântica densa da ecologia midiática negra, com 171,6% de sobredeterminação semântica e 85,8% dos *posts* multicamadas (194/226), evidenciando polissemia ativista conforme Bardin (2016, p. 137-150).

Os Quadros 7-10 foram construídos para operacionalizar empiricamente as categorias analíticas descritas na seção 5.1.4, transcendendo a mera descrição qualitativa rumo à codificação exaustiva e replicável (Bardin, 2016). Sua função é demonstrar como os eixos temático-discursivos emergem dos 226 *posts*, quantificar sobredeterminação semântica (171,6%) e *posts* multicamadas (85,8%), validando a ecologia midiática negra por premissas P1-P5.

O Quadro 7 (Categorias Principais Híbridas) sistematiza as categorias principais híbridas do *corpus*, resultantes da articulação entre a microanálise da decodificação racial cotidiana (Twine; Steinbugler, 2006) e a perspectiva normativo-pedagógica do letramento racial crítico (Ferreira, 2014, 2015). São identificados seis

eixos temático-discursivos centrais, operando de forma integrada no ambiente midiático digital.

- a) Racismo Estruturante Contemporâneo (43%; 97 menções): matriz organizadora das desigualdades sociais, articulando violência institucional, exclusão econômica e necropolítica (Almeida, 2018; Mbembe, 2018). Diferenças estratégicas emergem entre perfis: Geledés privilegia enquadramentos institucionais e globais; Alma Preta enfatiza registros cotidianos e periféricos;
- b) Intervenção Antirracista Transformadora (17,7%): articula diagnóstico e ação, integrando identidades negras, saberes situados e chamadas à mobilização política e pedagógica (Ferreira, 2014, 2015; Gonzalez, 2020);
- c) Mediação Interseccional (8,8%): permite leitura integrada de raça, classe, gênero e território, evidenciando opressões compostas (Crenshaw, 2013);
- d) Crítica à Branquitude Normativa (8,8%): desnaturaliza o privilégio branco como padrão epistêmico e cultural (Bento, 2002; Schucman, 2012);
- e) Epistemologia Racial Situada (7,5%): consolida a experiência negra como fonte legítima de conhecimento, promovendo soberania cognitiva frente ao eurocentrismo;
- f) Leitura Interdisciplinar de Códigos Raciais (8,8%, residual): apesar de menos frequente, apresenta elevada coocorrência, configurando ecologia discursiva integrada e de alta densidade semântica (Bardin, 2016).

Função: fornecer a arquitetura conceitual do Letramento Racial Crítico Sistêmico, distinguindo categorias e mostrando complementaridade estratégica entre Geledés e Alma Preta.

Quadro 7 – Categorias Principais Híbridas (Pré-análise Bardin, 2016)

Categoria	% Corpus (Menções/226)	Geledés (%/Exemplo)	Alma Preta (%/Exemplo)	Cocorrências (% Posts Multicamadas)	Interpretação Principal
Racismo Estruturante Contemporâneo	43% (97)	34,7% (G07: relatórios estatais)	45,2% (A40: letalidade favela)	85,8% (Racismo econômico/ Racismo Policial)	Ecosistema vivo (Twine; Steinbugler, 2006)
Intervenção Antirracista Transformadora	17,7% (40)	10,2% (G01: Ilê Aiyê COP16)	19,8% (A01: UFMG pesquisadores)	85,8% (Identidades Saberes raciais)	Práxis performativa (Gonzalez, 2020)
Mediação Interseccional	8,8% (20)	20,4% (G02: ONU gênero-clima)	5,6% (A95: violência obstétrica)	37,0% (Raça+Classe+Clima)	Opressões compostas (Crenshaw, 2013)
Crítica à Branquitude Normativa	8,8% (20)	10,2% (G04: COP16/ eurocentrismo)	8,5% (A09: estética periférica)	85,8% (transversal)	Norma epistêmica (Bento, 2002; Carone; Bento, 2017)
Epistemologia Racial Situada	7,5% (17)	14,3% (G13: podcast COP16)	5,6% (A21: escolas periféricas)	85,8% (Saberes raciais/ Identidades)	Descolonização (Ferreira, 2014, 2015)
Categoria-síntese de Leitura Interdisciplinar	8,8% (20 residuais)	16,3% (G15: G20 raça-clima)	9% (A19: econômico doméstico)	171,6% sobredeterminação	Conectiva analítica (Bardin, 2016)
Total de menções	100% (226 posts)	100%	100%	85,8% multicamadas	Letramento Racial Crítico Sistêmico

Fonte: elaborada pela autora com base na codificação exaustiva do *corpus* (2025).

Nota: cocorrências capturam polissemia (Bardin, 2016). Validação cruzada com Quadro 4 confirma divergências estratégicas: Geledés (global-institucional) vs. Alma Preta (visceral-periférico). Totais >100% validam densidade semântica ativista; 85,8% de *posts* multicamadas confirmam ecologia pedagógica midiática.

O Quadro 8 (Categorias e subcategorias temáticas) detalha subcategorias, distribuição por perfil e coocorrências, evidenciando a operacionalização empírica das categorias:

- a) Racismo Estruturante Contemporâneo (43%; 97 menções): subcategorias incluem racismo econômico/mercado (17,3%) e racismo policial/violência racializada (25,7%). Geledés atua via registros institucionais; Alma Preta em denúncias diretas e territorializadas (Almeida, 2018; Mbembe, 2018);
- b) Intervenção Antirracista Transformadora (17,7%): Geledés privilegia estratégias diplomáticas e supranacionais; Alma Preta enfatiza agency local, convertendo denúncia em mobilização (Gonzalez, 2020; Ferreira, 2014, 2015);
- c) Mediação Interseccional (8,8%): evidencia opressões compostas; Geledés atua globalmente, Alma Preta a partir da experiência periférica (Crenshaw, 2013);
- d) Crítica à Branquitude Normativa (8,8%): atua transversalmente, desmascarando privilégio branco como norma (Bento, 2002; Schucman, 2012);
- e) Epistemologia Racial Situada (7,5%): valorização da experiência negra e soberania cognitiva (Ferreira, 2014, 2015).

Coocorrências (85,8%): as categorias se entrelaçam, formando tecido discursivo integrado, no qual denúncia, interpretação e intervenção se articulam (Bardin, 2016).

Função: demonstrar a operacionalização prática, evidenciando interações entre categorias e reforço do letramento racial crítico digital.

Quadro 8 – Categorias e subcategorias temáticas em Geledés e Alma Preta

Categoria Principal	% Total Posts/ Menções	Geledés % Posts	Alma Preta % Posts	Subcategorias	Coocorrências (Sobredeterminação)	Divergências Estratégicas	Função no Letramento Racial Crítico
Racismo Estruturante Contemporâneo	43,0% (97/97)	34,7% (17)	45,2% (80)	Racismo Econômico/Mercado (17,3%; 39); Racismo Policial/ Violência racializada (25,7%; 58)	Interseccionalidade + Identidades Negras	Geledés: institucional Alma Preta: visceral/periférico	Diagnóstico sistêmico: desnaturaliza racismo como ecossistema macro (Mbembe, 2018; Almeida, 2018).
Intervenção Antirracista Transformadora	17,7% (40/40)	10,2% (5)	19,8% (35)	Identidades Raciais/Negra (17,7%; 40); Saberes Raciais Situados - 14,3%, 07)	Epistemologia Racial Situada + Interseccionalidade	Geledés: diplomática/ supranacional; Alma Preta: agency local	Práxis performativa: denúncia em mobilização (Gonzalez, 2020; Ferreira, 2014, 2015).
Mediação Interseccional	8,8% (20/20)	20,4% (10)	5,6% (10)	Interseccionalidade (8,8%; 20); Racismo Infantil/ Reprodutivo (5,6%; 10)	Racismo Econômico + Saberes Raciais Situados	Geledés: global Alma Preta: corporal/periférico	Ponte analítica: opressões compostas (Crenshaw, 2013); diagnóstico → complexidade → ação.
Crítica à Branquitude Normativa	8,8% (20/20)	4,1% (2)	10,2% (18)	Racismo da Branquitude (8,8%; 20), Beleza e Estética (4,1%; 2 posts) e Cultura e Representação (10,2%; 18 posts).	Todas as categorias (transversal)	Geledés: macro-institucional; Alma Preta: microscópico/cotidiano	Desmascaramento epistêmico: privilégio como norma opressora (Bento, 2002, Carone; Bento, 2017)2010; Schucman, 2012).
Epistemologia Racial Situada	7,5% (17/17)	14,3% (7)	5,6% (10)	Saberes Raciais Situados (7,5%; 17)	Identidades raciais negras + Intervenção antirracista	Geledés: institucional); Alma Preta: educacional periférica	Soberania cognitiva: descoloniza eurocentrismo (Ferreira, 2014, 2015; Gonzalez, 2020).
Leitura Interdisciplinar de Códigos Raciais (Residual)	85,8% (194/226)	83,7% (41/49)	86,4% (153/177)	Sobredeterminação: Cruzamentos múltiplos	171,6% - Alta sobredeterminação; 122,9% - sobrecodificação	Geledés: híbridos globais; Alma Preta: policrônicos periféricos	Tecido conectivo: ecologia teórica (Mbembe, 2018; Crenshaw, 2013 Almeida, 2018; Bardin, 2016).;
TOTAL	171,6% (194 /226)	187,4% (82/49)	182,8% (306/177)	85,8% posts multicamadas	Densidade: média 0,86/post	Complementaridade: global + local	Ecologia discursiva: denuncia → interpreta → transforma.

Fonte: elaborada pela autora com dados da pesquisa, 2025.

Nota: coocorrências capturam polissemia (Bardin, 2016). Validação cruzada com Quadro 6 confirma divergências estratégicas: Geledés (global-institucional) vs. Alma Preta (visceral-periférico). Totais >100% validam densidade semântica ativista.

O Quadro 9 (Subcategorias emergentes e coocorrências) evidencia interseções dinâmicas não previstas, captando articulações emergentes no *corpus*.

a) Racismo Ambiental (16%) e associação com raça-classe-clima (37%) mostram que a crise ambiental é atravessada por desigualdades raciais e socioeconômicas;

b) Cruzamentos econômico + policial + interseccional (171,6% sobredeterminação): alta densidade semântica que expressa complexidade estrutural, não redundância (Bardin, 2016);

Exemplos empíricos: G07 (estatísticas estatais) oferece leitura macroestrutural; A40 evidencia letalidade policial na favela, reforçando impacto direto sobre corpos periféricos.

Ecologia discursiva: A articulação de dados oficiais e vivência territorial cria tensão e complementaridade, consolidando Letramento Racial Crítico relacional (Twine; Steinbugler, 2006).

Função: evidenciar a capacidade emergente do modelo, reforçando o caráter processual, relacional e pedagógico do letramento racial crítico.

Quadro 9 – Subcategorias emergentes e coocorrências (exploração exaustiva Bardin, 2016)

Categoria	Subcategoria	% Subcat./ Categoria	Exemplos Geledés	Exemplos Alma Preta	Coocorrência
Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho - Racismo Policial/Violência Racismo Ambiental	17,3% (39) 25,7% (58) 16% (36)	G05 (Desemprego /G20) G07 (estatal) G15 (COP16)	A40 (letalidade) A19 (doméstico) A95 (obstétrica)	Racismo Econômico/Mercado (17,3%) + Racismo Policial/Violência (25,7%)
Intervenção Antirracista Transformadora	Identities Negras Saberes Raciais Situados	17,7% (40) 14,3% (32)	G01 (Ilê Aiyê COP16) G13 (podcast)	A01 (UFMG pesquisadores) A21 (escolas periféricas)	Identidade+Saberes (85,8%)
Mediação Interseccional	Raça+Gênero Raça+Classe Raça+Clima	8,8% (20) 5,6% (13) 4,9% (11)	G02 (ONU gênero) G15 (cotas climáticas) G20 (quilombolas)	A95 (violência obstétrica) A22 (infância negra) A56 (territórios)	Raça+Classe+Clima (37%)
Mediação Interseccional	Racismo da Branquitude Beleza/Estética Cultura/Representação	8,8% (20) 4,1% (9) 10,2% (23)	G04 (eurocentrismo-COP16) G09 (Bárbara Bombom) G10 (Lélia Gonzalez)	A15 ("cotas ao contrário") A09 (Afro Fashion Day) A56 (quilombos urbanos)	Transversal (85,8%)
Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situados Identities Raciais/Negra	7,5% (17) 6,2% (14)	G13 ("Essa Geração" COP16) G01 (Ilê Aiyê ONU)	A21 (currículos periféricos) A01 (UFMG banco negro)	Saberes+Identidade (85,8%)
Categoria-síntese de Leitura Interdisciplinar	Econômico+Policial + Interseccional G20+Raça+Clima Econômico+Doméstico	8,8% (20 residuais) 16,3% (37) 9% (20)	G15 (G20 raça-clima) G19 (Geração Z corporativa) G05 (necropolítica laboral)	A19 (econômico-doméstico) A40 (letalidade favela) A56 (quilombos urbanos)	171,6% sobre-determinação (Bardin)
6 categorias	12 subcategorias	122,9% (278 posts)	194 menções reais	85,8% multicamadas	Ecologia do Letramento Racial Crítico

Fonte: elaborada pela autora com base na codificação exaustiva do *corpus* (2026).

Notas: codificação exaustiva Bardin (2016, p. 137-150). 85,8% = 194+226 posts.

subcategorias emergem organicamente dos dados conforme Bardin (2016); coocorrências >100% validam polissemia ativista; 85,8% dos posts multicamadas confirmam ecologia do letramento racial crítico.

O Quadro 10 (Validação das premissas P1-P5) realiza a validação empírica das premissas com base nos padrões observados em Geledés e Alma Preta. As diferenças estratégicas confirmam a operacionalidade do Letramento Racial Crítico Sistêmico Midiático.

- a) P1 (normativa vs. narrativa): Geledés privilegia linguagem normativa e institucional; Alma Preta mobiliza narrativas situadas e testemunhais;
- b) P2 (visual fixa vs. variada): Geledés mantém estabilidade visual; Alma Preta adota multimodalidade dinâmica, ampliando engajamento;
- c) P3 (institucional vs. periférico): Geledés atua macroestruturalmente; Alma Preta opera territorialmente, fortalecendo crítica cotidiana;
- d) P4 (cadência baixa vs. alta): Geledés publica de forma espaçada; Alma Preta mantém alta frequência, ampliando visibilidade de denúncias;
- e) P5 (ecologia integradora): ambos formam ecologia discursiva integrada: diagnóstico, interpretação e intervenção articulados, consolidando o modelo e enfrentando simbolicamente o capitalismo racial.

Função: fornecer síntese avaliativa, evidenciando complementaridade e mensurabilidade do letramento racial crítico digital, sem redundância com (Quadro 7-9).

Quadro 10 – Categorias e subcategorias temáticas validadas pelas premissas PI-P5

Categoria Principal	% Total Posts/ Menções	Geledés (% Posts)	Alma Preta (% Posts)	Subcategorias (Coocorrências)	Validação por H (Quadro 6, Cap. 4)
Racismo Estruturante Contemporâneo	43,0% (97/97)	34,7% (17)	45,2% (80)	Racismo Econômico/Mercado (17,3%; 39); Racismo Policial/Violência (25,7%; 58)	P3 (70% institucional vs. 65% periférico)
Intervenção Antirracista Transformadora	17,7% (40/40)	10,2% (5)	19,8% (35)	Identidades Raciais/Negra (17,7%; 40); Saberes Raciais Situados (14,3%; 7)	P1 (lexical normativa vs. narrativa)
Mediação Interseccional	8,8% (20/20)	20,4% (10)	5,6% (10)	Interseccionalidade (8,8%; 20); Racismo Infantil/Reprodutivo (5,6%; 10)	P5 (normativo vs. contranarrativo)
Crítica à Branquitude Normativa	8,8% (20/20)	4,1% (2)	10,2% (18)	Racismo da Branquitude (8,8%; 20); Beleza/Estética (4,1%; 2); Cultura/Representação (10,2%; 18)	P2 (consistência visual fixa vs. variada)
Epistemologia Racial Situada	7,5% (17/17)	14,3% (7)	5,6% (10)	Saberes Raciais Situados (7,5%; 17)	P4 (baixa cadência vs. alta responsiva)
Leitura Interdisciplinar (Residual)	8,8% (20)	16,3% (8)	9% (16)	Cruzamentos múltiplos	P5 (ecologia integradora)
TOTAL	171,6%	187,4%	182,8%	85,8% multicamadas	Complementaridade P1-P5

Fonte: elaborada pela autora com dados da pesquisa, 2026.

Notas: codificação exaustiva Bardin (2016, p. 137-150). 85,8% = 194+226 posts; Subcategorias emergem organicamente dos dados conforme Bardin (2016); coocorrências >100% validam polissemia ativista; 85,8% dos posts multicamadas confirmam **ecologia do letramento racial crítico**.

A seguir, apresenta-se a análise de conteúdo das postagens de Geledés e Alma Preta, fundamentada nas seis categorias híbridas derivadas da microanálise de Twine e Steinbugler (2006) e nas cinco categorias de letramento racial crítico propostas por Ferreira (2014, 2015).

As subcategorias foram identificadas indutivamente a partir do *corpus*, por meio de codificação exaustiva (Bardin, 2016), destacando-se aquelas de maior incidência e relevância analítica, como “racismo econômico/mercado” (17,3%), “racismo policial/violência” (25,7%) e “identidades raciais/negras” (17,7%).

Os Quadros 7 a 10 cumprem papel integrador e explicativo:

- a) Quadro 7 (Categorias Principais Híbridas): fornece a arquitetura conceitual central, situando os eixos temático-discursivos e evidenciando a complementaridade estratégica entre Geledés e Alma Preta;
- b) Quadro 8 (Categorias e subcategorias temáticas): detalha a distribuição empírica das categorias, subcategorias, coocorrências e divergências estratégicas, permitindo visualizar como cada perfil operacionaliza o letramento racial crítico;
- c) Quadro 9 (Subcategorias emergentes e coocorrências): evidencia interseções imprevistas, demonstrando a complexidade e a densidade semântica do *corpus*, além de ilustrar a ecologia discursiva entre dados oficiais e experiências territoriais;
- d) Quadro 10 (Validação das premissas P1-P5): confirma empiricamente as divergências estratégicas e a complementaridade funcional entre perfis, consolidando o Letramento Racial Crítico Sistêmico Midiático como fenômeno mensurável e operacional.

Em conjunto, esses quadros subsidiarão as análises subsequentes, fornecendo referência estruturada e exemplos concretos dos *posts* que permitem interpretar, comparar e discutir a circulação de saberes racializados, as práticas de denúncia e as estratégias de intervenção pedagógica e política no ambiente digital.

5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS POSTAGENS DE GELEDÉS E ALMA PRETA

As inferências preliminares do *corpus* confirmam os premissas P1-P5 ao revelar padrões que materializam as condições institucionais de produção. A análise identificou uma sobrecodificação de 122,9% (278 menções em 226 unidades), evidenciando que 85,8% dos *posts* são 'multicamadas'. Longe de ser uma imprecisão estatística, esse fenômeno, previsto por Bardin (2016), valida a natureza polissêmica do discurso ativista negro: um único enunciado é capaz de articular o diagnóstico sistêmico, a conexão interseccional e a proposta de intervenção simultaneamente.

Geledés exibe legendas normativas extensas (P1), consistência visual fixa (P2), 70% temático institucional (P3), baixa cadência (P4) e 80% normativo (P5); Alma Preta, por contraste, prioriza narrativas curtas, *reels* multimodais (60%), 65% periférico-violento, alta cadência (5,9 *posts*/dia) e 70% contranarrativo.

Esses indícios empíricos, coletados em novembro/2024 (estresse máximo da variável racial), orientam a codificação exaustiva das categorias híbridas, validando a complementaridade ecológica entre *locus* político-institucional (Geledés) e narrativo-periférico (Alma Preta). A sobrecodificação de 122,9% no Capítulo 5 (85,8% *posts* multicamadas) corrobora P5, demonstrando como estruturas organizacionais ditam regimes discursivos observáveis.

A análise estruturou-se em três eixos principais, a saber: estratégias narrativas, função pedagógica implícita e desafios algorítmicos da plataforma. Sob uma perspectiva qualitativa, dialogou com referenciais contemporâneos sobre letramento racial crítico, interseccionalidade, identidades raciais e racismo individual, estrutural e algorítmico, os quais orientaram a construção das categorias analíticas para interpretação dos dados.

Os *corpora* foram analisados inicialmente de forma independente, permitindo identificar características internas, regularidades discursivas e especificidades de cada conjunto. Apenas após consolidar categorias e subcategorias, ancoradas teoricamente e validadas empiricamente, procedeu-se à análise comparativa, explicitando convergências, divergências e tensões interpretativas entre os contextos midiáticos.

As postagens foram numeradas para tabulação inicial e citação precisa nas análises textuais: G01 a G49 (49 postagens de Geledés) e A01 a A177 (177 de Alma Preta). Classificaram-se pelo eixo temático dominante: resistência cultural cotidiana,

crítica à branquitude estrutural, interseccionalidade raça-gênero-clima, políticas afirmativas e inclusivas, intervenções globais e objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) ou narrativas autobiográficas e dupla consciência, viabilizando organização clara e sistemática dos dados.

Tal procedimento segue Bardin (2016), que recomenda o uso de categorias flexíveis e hierarquizadas na fase de codificação, de modo a captar a polissemia dos discursos sem impor uma rigidez excessiva. Isso contribui para reduzir a subjetividade ao ancorar subcategorias em evidências textuais explícitas, além de favorecer uma classificação mais detalhada e reproduzível dos dados empíricos. A classificação completa está apresentada nos Apêndices A e B, que contém amostras de coleta de *posts* do *Instagram* de Geledés e Alma Preta.

5.2.1 Arquitetura categorial e dispositivos de validação (P1-P5 e Matriz analítica TRCxLiteracia x LRC)

A classificação dos 226 *posts*, fundamentada na convergência entre Twine e Steinbugler (2006) e Ferreira (2014, 2015), revela as múltiplas faces do ativismo negro digital. Conforme demonstrado pela sobrecodificação de 122,9%, o letramento racial crítico nas mídias negras exige uma densidade temática que rompe a superficialidade algorítmica. Essa sobrecodificação, padrão da codificação exaustiva (Bardin, 2016), em que *posts* de múltiplas categorias se sobrepõem, reflete a polissemia ativista, com 278 menções em 226 unidades: denúncias entrelaçam memória histórica, crítica cotidiana e transformação, educando leitores para decodificar estruturas raciais invisíveis.

A sobrecodificação de 122,9%, padrão da codificação exaustiva (Bardin, 2016), em que *posts* de múltiplas categorias se sobrepõem, refletindo a polissemia ativista, com 278 menções em 226 unidades: denúncias entrelaçam memória histórica, crítica cotidiana e transformação, educando leitores para decodificar estruturas raciais invisíveis.

A validade dessa estrutura é confirmada pela sobredeterminação temática de 171,6% (Quadro 12). Longe de ser um erro de codificação, a sobrecodificação de 122,9% revela a natureza polissêmica das mídias negras: 85,8% dos *posts* são “multicamadas”, o que significa que um único enunciado é capaz de denunciar o

racismo, conectar opressões e propor uma intervenção transformadora simultaneamente.

As seis categorias principais organizam o *corpus* e iluminam como essas mídias articulam denúncia cotidiana, epistemologias negras e ações transformadoras contra o racismo estruturante. Já na exploração do material, a codificação detalhada permite inferências importantes sobre o letramento racial crítico, entendido como capacidade de decodificar, criticar e transformar estruturas raciais invisíveis no cotidiano, por meio de epistemologias situadas e intervenções antirracistas.

Com o *corpus* codificado, segue a análise qualitativa das categorias temáticas, guiada por Bardin (2016): pré-análise (definição), exploração (codificação) e tratamento de resultados (interpretação). Cada categoria apresenta subcategorias conceituais, exemplos empíricos e ancoragem teórica, transformando dados em revelações sobre sentidos, padrões e tensões do racismo contemporâneo. O Quadro 19 sintetiza a análise categorial híbrida, integrando distribuições quantitativas das subcategorias, suas bases conceituais e teóricas, além das coocorrências sobredeterminadas que atingem 85,8% do *corpus*.

Essa visualização facilita inferências sobre padrões dominantes e tensões estratégicas, revelando as diferenças complementares entre Geledés, com abordagem institucional e global e Alma Preta, marcada por um caráter periférico e visceral, que enriquecem a compreensão das estratégias discursivas do ativismo negro digital. Em consonância com Bardin (2016, p. 49), a sobreposição categorial evidenciada nos quadros valida a natureza polissêmica inerente a discursos ativistas negros digitais.

O Quadro 3 sintetiza a análise categorial híbrida, integrando distribuições quantitativas das subcategorias, suas bases conceituais e teóricas, além das coocorrências sobredeterminadas que atingem 85,8% do *corpus*. Essa visualização facilita inferências sobre padrões dominantes e tensões estratégicas, revelando as diferenças complementares entre Geledés, com abordagem institucional e global e Alma Preta, marcada por um caráter periférico e visceral, que enriquecem a compreensão das estratégias discursivas do ativismo negro digital:

A análise qualitativa dos 226 *posts* do *Instagram* do Instituto Geledés (codificados como G01–G49) e do Alma Preta Jornalismo (A01–A177) revela o letramento racial crítico como uma ecologia discursiva caracterizada por alta densidade semântica.

Essa abordagem metodológica híbrida fundamenta-se na articulação teórica entre Twine e Steinbugler (2006), Ferreira (2014, 2015) e Crenshaw (2013), permitindo contrastar as estratégias discursivas complementares do Geledés, marcado por posicionamento institucional e projeção global, com as do Alma Preta, caracterizadas por potência local e enraizamento periférico.

5.2.1.1 Interpretação sistêmica dos quadros: do mapeamento à *práxis*

A compreensão da Ecologia Midiática Negra proposta nesta tese requer uma análise integrada da tríade de quadros analíticos. O Quadro 10 (Categorias híbridas, coocorrências e estratégias) é estático e oferece o diagnóstico da densidade e as coocorrências, enquanto o Quadro 11 (Categorias híbridas, coocorrências e estratégias validadas por P1-P5) é metodológico e valida a intencionalidade estratégica de Geledés e Alma Preta através das premissas P1-P5.

Dada a complexidade dos cruzamentos entre as categorias híbridas e as estratégias de letramento, esses dados são apresentados em formato paisagem nas páginas a seguir para garantir a legibilidade das correlações sistêmicas.

Quadro 11 – Categorias híbridas, coocorrências e estratégias

Categoria Principal	% Total Posts/ Menções	Geledés % Posts	Alma Preta % Posts	Subcategorias	Coocorrências (Sobredeterminação)	Divergências Estratégicas	Função no Letramento Racial Crítico
Racismo Estruturante Contemporâneo	43,0% (97/97)	34,7% (17)	45,2% (80)	Racismo Econômico/Mercado (17,3%; 39); Racismo Policial/ Violência racializada (25,7%; 58)	Interseccionalidade + Identidades Negras	Geledés: institucional Alma Preta: visceral/periférico	Diagnóstico sistêmico: desnaturaliza racismo como ecossistema macro (Mbembe, 2018; Almeida, 2019).
Intervenção Antirracista Transformadora	17,7% (40/40)	10,2% (5)	19,8% (35)	Identidades Raciais/Negra (17,7%; 40); Saberes Raciais Situados - 14,3%, 07)	Epistemologia Racial/Situada + Interseccionalidade	Geledés: diplomática/supranacional; Alma Preta: agency local	Práxis performativa: denúncia em mobilização (Gonzalez, 2020; Ferreira, 2014).
Mediação Interseccional	8,8% (20/20)	20,4% (10)	5,6% (10)	Interseccionalidade (8,8%; 20); Racismo Infantil/Reprodutivo (5,6%; 10)	Racismo Econômico + Saberes Raciais Situados	Geledés: global Alma Preta: corporal/periférico	Ponte analítica: opressões compostas (Crenshaw, 2013); diagnóstico → complexidade → ação.
Crítica à Branquitude Normativa	8,8% (20/20)	4,1% (2)	10,2% (18)	Racismo da Branquitude (8,8%; 20), Beleza e Estética (4,1%; 2 posts) e Cultura e Representação (10,2%; 18 posts).	Todas as categorias (transversal)	Geledés: macro-institucional; Alma Preta: microscópico/cotidiano	Desmascaramento epistêmico: privilégio como norma opressora (Bento, 2002; Carone; Bento, 2017; Schucman, 2012).
Epistemologia Racial Situada	7,5% (17/17)	14,3% (7)	5,6% (10)	Saberes Raciais Situados (7,5%; 17)	Identidades raciais negras + Intervenção antirracista	Geledés: institucional); Alma Preta: educacional periférica	Soberania cognitiva: descoloniza o eurocentrismo (Ferreira, 2014, 2015; Gonzalez, 1989).
Leitura Interdisciplinar de Códigos Raciais (Residual)	85,8% (194/226)	83,7% (41/49)	86,4% (153/177)	Sobredeterminação: Cruzamentos múltiplos	171,6% - Alta sobredeterminação; 122,9% - sobrecodificação	Geledés: híbridos globais; Alma Preta: policrônicos periféricos	Tecido conectivo: ecologia teórica (Mbembe, 2018; Crenshaw, 2013; Almeida, 2018; Bardin, 2016).
TOTAL	171,6% (194 /226)	187,4% (82/49)	182,8% (306/177)	85,8% posts multicamadas	Densidade: média 0,86/post	Complementaridade: global + local	Ecologia discursiva: denuncia → interpreta → transforma.

Fonte: elaborada pela autora com dados da pesquisa, 2025.

Notas: **Coocorrências:** capturam polissemia; violam exclusividade para preservar densidade (Bardin, 2016).

Divergências: reforçam papéis complementares, educando públicos distintos (institucional vs. visceral).

Validação: exaustiva (100% corpus coberto); totais >100% indicam multicamadas, não erro.

A Lógica da Densidade e Complementaridade: o Quadro 11 (Categorias híbridas, coocorrências e estratégias) funciona como o raio-x estatístico do *corpus* e revela que Geledés e Alma Preta não são perfis repetitivos, mas organizações que dividem o “trabalho simbólico” do letramento racial.

A Quebra da Exclusividade: os dados mais relevantes estão na sobredeterminação de 171,6% e na sobrecodificação de 122,9%. Eles explicam que, no ativismo negro, um *post* raramente fala de uma coisa só. Ao contrário da análise estatística tradicional, aqui a sobreposição constitui uma qualidade: demonstra que a denúncia do racismo policial vem acompanhada da crítica econômica e da afirmação da identidade.

Longe de representar uma imprecisão estatística, esses índices validam a natureza polissêmica do discurso ativista negro: 85,8% dos *posts* são “multicamadas”. Isso demonstra que o Letramento Racial Crítico (LRC) não é um conteúdo raso; ele exige que o leitor/seguidor processe, em um único enunciado, o diagnóstico sistêmico (Almeida, 2018), a ponte analítica interseccional (Crenshaw, 2013) e a soberania cognitiva (Ferreira, 2015). O quadro revela uma divisão de trabalho simbólico: o Geledés ancora-se na esfera institucional/global, enquanto a Alma Preta opera na esfera visceral/periférica.

A Complementaridade Estratégica: o quadro evidencia que o Geledés é o braço institucional/global (foco em mediação e epistemologia supranacional), enquanto a Alma Preta é o braço visceral/local (foco em racismo estruturante e intervenção direta).

A Função no LRC: cada categoria é ligada a um referencial teórico (Mbembe, 2018; Gonzalez, 2020; Crenshaw, 2013), demonstrando que o *feed* do *Instagram* opera como uma tradução visual de teorias densas.

Quadro 12 – Categorias híbridas, coocorrências e estratégias validadas por P1-P5

Categoria Híbrida (A Armação analítica)	Premissa vinculada	Estratégia Predominante (O Núcleo organizacional)	Coocorrência Frequente (A Lente investigativa)	Função no LRC Sistêmico
Racismo Estruturante	P1 (Autoridade)	Geledés: Denúncia Institucional / Alma Preta: Denúncia Visceral	Necropolítica e Economia	Denunciar a base do sistema.
Intervenção Transformadora	P4 (Fluxo)	Geledés: Diplomacia e <i>Advocacy</i> / Alma Preta: Mobilização e <i>Agency</i>	Práticas Antirracistas	Mobilizar para a ação política.
Mediação Interseccional	P3 (Enquadramento)	Geledés: Cruzamentos Jurídicos / Alma Preta: Vivência Periférica	Gênero e Classe	Conectar as múltiplas opressões.
Crítica à Branquitude	P1 e P3	Geledés: Desconstrução Normativa Alma Preta: Cotidiano Banal	Privilégio e Eurocentrismo	Desmascarar a norma racial.
Epistemologia Situada	P2 (Estética)	Geledés: Saber Supranacional / Alma Preta: Saber Territorial	Ancestralidade e Arte	Legitimar vozes negras.
Leitura Interdisciplinar	P5 (Ecologia)	Geledés: Macrocruzamentos / Alma Preta: Microdinâmicas	Todas as categorias (Sobredeterminação)	Integrar o local e o global.

Fonte: elaborada pela autora, 2025.

Nota: estrutura baseada na fusão Twine e Steinbugler (2006) e Ferreira (2014, 2015), validada pelas premissas P1-P5.

A Validação Metodológica pelas premissas (Quadro 12):

O Quadro 12 (Armação-Núcleo-Lente) é a ponte metodológica e operacionaliza P1-P5 como engrenagens sistêmicas. A Armação organiza categorias híbridas; o Núcleo revela estratégias essenciais (denúncia vs. diplomacia); a Lente amplia coocorrências (gênero+classe). Validação empírica: 122,9% sobrecodificação (278/226 posts), provando polissemia ativista (Bardin, 2016). Ele justifica as escolhas discursivas das mídias com base nas premissas levantados no início da tese.

As Metáforas (Armação, Núcleo, Lente) ajudam a organizar o caos das redes sociais em uma estrutura lógica. A Armação são as categorias híbridas, que sustentam e organizam a análise; o Núcleo é a estratégia predominante, como a essência processada da informação (denúncia vs. diplomacia); e a Lente é a coocorrência frequente, o que emerge ao focar de perto (ex.: gênero e classe na mediação). Aqui, as premissas P1 a P5 são ratificadas como engrenagens do sistema

P1 e P3 (Autoridade e Enquadramento): justificam por que o Racismo Estruturante é lido via denúncia institucional no Geledés e via denúncia visceral na Alma Preta.

P2 (Estética): valida como a Epistemologia Situada utiliza a ancestralidade e a arte para legitimar vozes negras.

A Validação da Ecologia (P5): H5 consolida a Leitura Interdisciplinar como a função de “integração”, conectando macrocruzamentos globais a microdinâmicas territoriais. A “Leitura Interdisciplinar” validada pela H5 é o que permite afirmar que existe uma Ecologia Midiática Negra. Sem a integração entre o macro (Geledés/G20) e o micro (Alma Preta/Favela), o letramento racial seria incompleto.

Inferência P5 - Ecologia Midiática: a análise qualitativa revela que Geledés e Alma Preta não competem pelo mesmo espaço discursivo, mas operam em simbiose. Enquanto o Geledés assegura a manutenção do capital institucional, a Alma Preta garante a capilaridade da denúncia factual. Essa “divisão de trabalho” é a materialização da Ecologia Midiática Negra, onde o letramento é oferecido tanto na escala macro (Estado) quanto na micro (cotidiano).

O Quadro 13 detalha também as subcategorias emergentes da exploração exaustiva do material (Bardin, 2016, p. 137-150), codificação sistemática que enumerou todas as unidades temáticas relevantes, revelando organicamente dos dados subcategoriais, como: Racismo Econômico/Mercado (17,3%; G05), Racismo

Policial/Violência (25,7%; A40), Racismo Ambiental (16%; G15), Identidades Negras (17,7%; G01), Raça+Gênero (8,8%; G02), Beleza/Estética (4,1%; A09) e outras.

No tratamento dos resultados, essas subcategorias se integram organicamente ao texto interpretativo contínuo, conforme preferência metodológica da autora, incorporando 1-2 subcategorias representativas por parágrafo analítico acompanhadas de exemplos empíricos concretos, de acordo com o modelo: “Racismo Estruturante Contemporâneo domina com 43% (97 *posts*), desdobrando-se em subcategorias Econômico/Mercado (17,3%; G05), Policial/Violência (25,7%; A40) conforme Quadro 13.

A sobrecodificação resultante de 122,9% (278 menções em 226 *posts*), correspondente a 85,8% de postagens multicamadas, não constitui anomalia procedimental, mas validação empírica robusta da densidade polissêmica estrutural do discurso ativista negro digital investigado, fenômeno previsto e legitimado por Bardin (2016) em análises dos *corpora* de alta complexidade semântica como movimentos sociais contra-hegemônicos.

Quadro 13 – Subcategorias emergentes e coocorrências (Bardin, 2016)

Categoria	% Corpus (Menções/226)	Geledés (%/Exemplo)	Alma Preta (%/Exemplo)	Coocorrências (% Posts Multicamadas)	Interpretação Principal
Racismo Estruturante Contemporâneo	43% (97)	34,7% (G07: relatórios estatais)	45,2% (A40: letalidade favela)	85,8% (Racismo econômico/ Racismo Policial)	Ecosistema vivo (Twine; Steinbugler; 2006)
Intervenção Antirracista Transformadora	17,7% (40)	10,2% (G01: Ilê Aiyê COP16)	19,8% (A01: UFMG pesquisadores)	85,8% (Identidades + Saberes raciais)	<i>Práxis</i> performativa (Gonzalez, 2020)
Mediação Interseccional	8,8% (20)	20,4% (G02: ONU gênero-clima)	5,6% (A95: violência obstétrica)	37,0% (Raça+Classe+Clima)	Opressões compostas (Crenshaw, 2013)
Crítica à Branquitude Normativa	8,8% (20)	10,2% (G04: COP16/ eurocentrismo)	8,5% (A09: estética periférica)	85,8% (transversal)	Norma epistêmica (Bento, 2002; Carone; Bento, 2017)
Epistemologia Racial Situada	7,5% (17)	14,3% (G13: <i>podcast</i> COP16)	5,6% (A21: escolas periféricas)	85,8% (Saberes raciais + Identidades)	Descolonização (Ferreira, 2014, 2015)
Categoria-síntese de Leitura Interdisciplinar	8,8% (20 residuais)	16,3% (G15: G20 raça-clima)	9% (A19: econômico doméstico)	171,6% sobredeterminação	Conectiva analítica (Bardin, 2016)
Total de menções	100% (226 <i>posts</i>)	100%	100%	85,8% multicamadas	Letramento Racial Crítico Sistêmico

Fonte: elaborada pela autora com base na codificação exaustiva do *corpus* (2025).

Notas: codificação exaustiva Bardin (2016, p. 137-150). 85,8% = 194÷226 *posts*. subcategorias emergem organicamente dos dados conforme Bardin (2016); coocorrências >100% validam polissemia ativista; 85,8% dos *posts* multicamadas confirmam ecologia do letramento racial crítico

A Materialização da *Práxis* e o LRC Sistêmico (Quadro 13)

Por fim, o Quadro 13 (Subcategorias emergentes e coocorrências) oferece a evidência empírica final. Ele demonstra que a dominância do Racismo Estruturante (43%) é a base necessária para que as outras categorias façam sentido. Não há intervenção (17,7%) ou crítica à branquitude (8,8%) sem um diagnóstico robusto da “arquitetura viva” do sistema.

O Quadro 13 é a síntese conclusiva da exploração exaustiva feita via Bardin e o que auxilia a interpretação principal. Ele apresenta exemplos concretos (G07, A40, G01) para expressar os percentuais. A interpretação principal deste quadro aponta para a existência de um Ecossistema Vivo (Twine; Steinbugler, 2006) e uma *Práxis* Performativa (Gonzalez, 2020). A categoria-síntese de Leitura Interdisciplinar, com sua sobredeterminação, atua como a conectiva analítica que transforma o *Instagram* em uma “sala de aula distribuída”.

Nesta arquitetura, o letramento racial deixa de ser um evento isolado para se tornar um fluxo funcional e sistêmico: o seguidor é educado para perceber que o que se discute na ONU ou no G20 (Geledés) tem impacto direto na letalidade policial ou na violência obstétrica nas periferias (Alma Preta). Conclui-se que essa tríade de quadros demonstra a transição da informação para a soberania informativa e a emancipação cognitiva.

A Dominância do Racismo Estruturante (43%): reforça a interpretação de que o “diagnóstico do sistema” ainda é a principal tarefa dessas mídias. Não se pode ensinar letramento racial sem primeiro expor a arquitetura da desigualdade.

O Papel das Minorias Categoriais: categorias como “Epistemologia Racial Situada” (7,5%), embora menores em volume, são altas em coocorrência (85,8%). Isso indica que elas são o “tempero” que qualifica as outras denúncias, dando o tom de descolonização e soberania cognitiva.

A Conclusão Sistêmica: a interpretação final, Letramento Racial Crítico Sistêmico é a sua grande contribuição. O Quadro 13 demonstra que o resultado final da interação entre essas duas mídias é um seguidor/leitor treinado para ler o mundo de forma complexa e não linear.

5.2.2 Análise qualitativa e interpretação das categorias

A análise qualitativa que segue não se pretende uma leitura impressionista ou isolada dos perfis; ao contrário, ela emerge de evidências logicamente articuladas. Esse sistema opera um fluxo de validação que se inicia na teoria (as condições de produção do Quadro 3), testa-se na antecipação (os indícios dos premissas no Quadro 4) e consolida-se na Matriz Analítica TRC x *Literacia* x LRC (Quadro 2). Essa matriz organiza a estrutura das categorias híbridas (Quadro 10) para que a análise, por fim, se materialize no detalhe das subcategorias emergentes (Quadro 12).

Para garantir a consistência desta etapa, retoma-se aqui a referida Matriz, apresentada anteriormente no Capítulo 3, que serve como o gabarito analítico fundamental para a decodificação dos *posts*. Essa ferramenta é um dispositivo de validação que, em conjunto com as premissas P1-P5, operacionaliza empiricamente a ponte metodológica desta investigação. É por meio dela que o dado bruto do *Instagram* é filtrado: a Teoria Racial Crítica (TRC) fornece o diagnóstico estrutural, os estudos de *Literacia* oferecem a compreensão das dinâmicas técnicas da plataforma, e o Letramento Racial Crítico (LRC) emerge como a *práxis* pedagógica e a síntese final da análise.

Essa arquitetura garante que a interpretação de cada postagem seja o ponto de chegada de um percurso científico rastreável. É essa garantia procedimental, amparada pelo confronto entre as premissas P1-P5, e a matriz analítica multidimensional, que permite transformar o dado bruto do *Instagram* em revelações sobre a *práxis* do Letramento Racial Crítico, assegurando que o ‘DNA’ institucional de Geledés e Alma Preta seja lido pelo que sua produção empírica efetivamente concretiza.

5.2.2.1 Racismo Estruturante contemporâneo: arquitetura viva e necropolítica

A categoria Racismo Estruturante Contemporâneo domina o *corpus* com 43% de presença absoluta (97 menções em 226 *posts* analisados), consolidando-se como o eixo gravitacional da ecologia midiática negra investigada. Essa hegemonia quantitativa é evidência empírica da centralidade do racismo como força organizadora cotidiana das desigualdades sociais no Brasil contemporâneo (Twine; Steinbugler, 2006).

As subcategorias detalhadas demonstram a Arquitetura do Racismo Vivo:

Racismo Econômico/Mercado de Trabalho (17,3%, 39 menções) constitui-se como a primeira engrenagem visível desta arquitetura opressiva, materializando-se na precariedade laboral sistematicamente racializada que estrutura o mercado de trabalho brasileiro.

O G05 do Geledés denuncia que “o desemprego entre negros é duas vezes maior que entre brancos” (IBGE, 2025), desnaturalizando o discurso meritocrático que atribui a exclusão econômica à suposta falta de qualificação individual. Complementarmente, o A19 da Alma Preta expõe a “empregada doméstica negra sem direitos trabalhistas”, revelando como a informalidade perpetua servidão racializada herdada do escravismo.

Esta subcategoria opera por meio de infográficos IBGE e narrativas de trabalhadoras periféricas, funcionando pedagogicamente para desconstruir a ideologia da “neutralidade racial” do capitalismo brasileiro.

Racismo Policial/Violência Letal (25,7%/58 menções), dominante quantitativamente, corporifica a necropolítica em sua forma mais brutal (Mbembe, 2018). O *post* A40 da Alma Preta - “1 negra morta a cada 4 horas”, segundo Atlas da Violência, dados de 2023 (Ipea, 2025), transforma estatística em ameaça existencial imediata por meio de *reel* viral que combina contador regressivo, testemunho materno e *hashtag* #GenocídioDaJuventudeNegra.

O G07 do Geledés eleva essa denúncia para escala global, articulando letalidade policial brasileira com relatórios da ONU sobre “genocídio da juventude negra”. Caracteriza-se por Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) como ocupação militar, encarceramento em massa e políticas de segurança pública racializadas, traduzindo números frios em luto coletivo ativista.

Racismo Ambiental/Quilombola (16% / 36 menções) expande o conceito de racismo para além do humano, revelando desastres ambientais como tecnologia de exclusão territorial. O G15 do Geledés demanda “cotas climáticas afrodescendentes no G20”, conectando mudanças climáticas com territórios quilombolas alagados.

O A56 da Alma Preta documenta “quilombos urbanos da Baixada Fluminense sob remoção”, expondo como enchentes seletivas e políticas habitacionais funcionam como limpeza étnica contemporânea.

Esta subcategoria articula mapas de risco, fotos de favelas destruídas e referências à Declaração de Escobar (2018) sobre racismo ambiental, revelando que o aquecimento global racializa desigualmente corpos e territórios tradicionais.

Geledés: Letramento de Incidência Institucional (34,7%): Geledés concentra 34,7% de suas publicações nesta dimensão, ancorando denúncias em autoridade doutrinária-jurídica (P1). O *post* G07 articula Racismo Policial + Ambiental através de carrossel institucional (187 palavras) que sistematiza: 1) Relatório ONU revelando “75% das vítimas de desastres climáticos = negras”; 2) Ausência de cotas raciais em políticas ambientais do G20; 3) “Necropolítica climática: favelas como zonas de sacrifício”. A tipografia serifada sóbria e gráficos IBGE projetam seriedade doutrinária, confirmando P2 (consistência visual fixa 90%).

Figura 3 – *Post* G07 Geledés (2024): Mesa-redonda: promovendo a representação racial na tomada de decisões globais: o papel da ONU



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Alma Preta: Letramento de Urgência Periférica (45,2%): Alma Preta (45,2%), por contrapartida, materializa Letramento de Urgência (P4: cadência 5,9 *posts*/dia) por meio da denúncia visceral. O A40 (“1 negra morta a cada 4 horas”) corporifica necropolítica (Mbembe, 2018), utilizando capital testemunhal periférico para traduzir estatísticas em ameaça imediata à vida negra.

Figura 4 – Post A40 Alma Preta (2024): “1 negra morta a cada 4 horas” - letalidade policial viralizada (Mbembe, 2018)



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Validação Sistêmica: Ecologia Policrônica (P1-P5): a distribuição confirma H5 (ecologia midiática negra). Geledés desnaturaliza racismo via diacronia histórica (1,6 *posts*/día; normas ONU), Alma Preta via sincronia periférica (5,9 *posts*/dia; fatos corporificados). As subcategorias mapeiam ecossistema vivo operando simultaneamente em economia (G05/A19), letalidade estatal (G07/A40) e desastres raciais (G15/A56), formando base fundacional (43%) da Jornada LRC sistêmica.

5.2.2.2 Intervenção Antirracista transformadora: da consciência à incidência

A categoria Intervenção Antirracista Transformadora representa 17,7% do *corpus* (40 *posts* em 226 analisados), marcando a transição discursiva decisiva da denúncia reativa para a mobilização performativa proativa, conforme arcabouço analítico de Gonzalez (2020) sobre *agency* negra. Essa dimensão consolida o segundo estágio da Jornada LRC, convertendo diagnóstico estrutural (43%) em *práxis* política concreta, articulando duas subcategorias complementares:

Subcategorias Detalhadas: Performances de Soberania

Identities Negras (17,7% 40 menções) operacionaliza a reconstrução identitária como performance política estratégica, não essencialismo estático. O *post* G01 do Geledés projeta o Ilê Aiyê na COP16 como resistência cultural institucionalizada, reivindicando “cotas raciais em políticas climáticas” e posicionando a cultura afro-brasileira como patrimônio diplomático global.

A narrativa enfatiza a “memória ancestral como tecnologia de sobrevivência”, conectando Ilê Aiyê (fundado 1974) com agendas ODS 2030, transformando identidade em capital simbólico negociável em arenas multilaterais.

Complementarmente, o A01 da Alma Preta celebra o “banco de pesquisadores negros da UFMG”, documentando ocupação de espaços epistêmicos tradicionais por corpos periféricos, com depoimentos de “primeiros doutores negros da instituição”.

Esta subcategoria desdobra-se em narrativas de primeiras vezes (primeira negra no G20, primeira pesquisadora quilombola), funcionando pedagogicamente para naturalizar a presença negra como norma aspiracional.

Saberes Situados (14,3%, 32 menções) legitima epistemologias periféricas como produção de verdade antirracista, desafiando a supremacia epistêmica eurocêntrica. O A21 da Alma Preta denuncia currículos escolares periféricos que “excluem Lélia Gonzalez”, propondo “bancos de saberes negros” comunitários baseados em oralidade ancestral e vivências territoriais.

O G13 do Geledés eleva essa lógica para escala transnacional com o *podcast* “Essa Geração” na COP16, sistematizando saberes quilombolas como parâmetros para políticas climáticas globais.

Caracteriza-se por narrativas encarnadas (testemunhos de benzedeadas, parteiras tradicionais), disputando o monopólio da racionalidade com dados empíricos (IBGE, Atlas Violência) + ancestralidade vivida, demonstrando que a “vivência negra é ciência política legítima” (Ferreira, 2014).

Geledés: Resistência Institucionalizada (10,2%, P2 + P5): Geledés concentra 10,2% de suas publicações (5/49 *posts*) nesta dimensão, projetando intervenções como resistência cultural diplomática. O *post* G01, Ilê Aiyê na COP16, exemplifica perfeitamente P2 (estética sóbria institucional): carrossel de 8 *slides* com tipografia serifada, foto oficial do bloco afoxé em plenária ONU, legenda de 214 palavras que articula: História institucional: “Ilê Aiyê, 50 anos de resistência cultural”; Incidência global: “Cotas raciais nas metas climáticas ODS 10”; Legado simbólico: “Cultura negra como solução, não problema”.

A uniformidade visual (cores preto-dourado institucional) e baixa cadência (1,6 *posts*/dia) confirmam P2, posicionando Geledés no topo da pirâmide decisória.

Figura 5 – Post G01 Geledés (2024): Ilê Aiyê na COP16 como resistência institucionalizada



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Alma Preta: Agency Epistêmica Periférica (19,8% / P2 + P4): Alma Preta atinge 19,8% (35/177 posts), materializando *agency* epistêmica comunitária através de polifonia multimodal (P2). O post A01 celebra o “banco de pesquisadores negros UFMG” com *reel* dialógico (19s) que intercala: Testemunho vivo: “Eu, primeira negra doutora em Física” (fala direta); Conquista coletiva: “Corpos negros ocupando saber hegemônico”; CTA viral: “#NegrasNoDoutorado #UFMGPreta”.

A cadência responsiva (P4: 5,9 posts/dia) + diversidade formal (*reel* + depoimento + *hashtag*) capilarizam soberania cultural, gerando engajamento.

Figura 6 – Post A01 Alma Preta (2024): Gonzalez em UFMG celebrando cultura viva periférica



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Quadro 14 – Validação Sistemática P2/P4/P5: Disputa pela Verdade

Dimensão	Geledés (10,2%)	Alma Preta (19,8%)	Função Ecológica
Estética (P2)	Carrossel sóbrio serifado	Reel dialógico <i>hashtag</i>	Institucional × Viral
Cadência (P4)	1,6 <i>posts</i> /dia planejado	5,9 <i>posts</i> /dia responsivo	Diacronia × Sincronia
Ecologia (P5)	Incidência diplomática	Soberania comunitária	SIMBIOSE FUNCIONAL

Fonte: elaborada pela autora, dados da pesquisa (2026).

Coocorrência 85,8% entre Identidades Negras + Saberes Situados (Bardin, 2016) valida H5: intervenção antirracista é protesto e disputa pela produção da verdade. Geledés legitima cultura negra em pirâmide decisória global (Ilê Aiyê → COP16); Alma Preta capilariza soberania epistêmica local (UFMG → periferias).

Densidade Performática: Sobrecodificação 122,9%: G01 codifica simultaneamente Intervenção (17,7%) + Epistemologia Situada (7,5%) + Mediação Interseccional (8,8%), demonstrando polissemia performativa. A01 articula Identidades (17,7%) + Saberes Situados (14,3%) + Crítica Branquitude (8,8%), transformando *Instagram* em território de soberania informativa negra.

Contribuição Original: Geledés-Alma Preta convertem consciência crítica em incidência concreta, educando para *agency* dupla - diplomática (macroestrutural) + comunitária (microperformática) -, consolidando segundo estágio (17,7%) do letramento racial crítico.

5.2.2.3 Mediação interseccional: eixos sobrepostos

A categoria Mediação Interseccional registra 8,8% de presença direta (20 *posts* em 226 analisados), mas opera como operador lógico transversal de toda a ecologia letramento racial, conforme seminal operacionalização de Crenshaw (2013) sobre opressões não hierárquicas. O achado empírico mais contundente reside nas 37% de coocorrências entre eixos raça-classe-clima e racismo reprodutivo, demonstrando que o Letramento Racial Crítico ensina a decodificar sistemas opressivos compostos, não violações isoladas.

Subcategorias Detalhadas: Opressões Policrônicas

Raça+Gênero+Clima (8,8%, 20 menções) revela interseccionalidade em escala diplomática global, posicionando mulheres negras como eixo articulador de agendas climáticas.

O *post* G02 do Geledés denuncia seminários ONU sobre “ultraconservadorismo e políticas de gênero”, sistematizando como mudanças climáticas racializam desigualmente: “mulheres negras = 75% das vítimas de desastres no Brasil” (ONU Mulheres, 2024).

A narrativa conecta ecofeminismo negro brasileiro com Declaração de Belém (ONU, 2023), propondo “cotas de gênero racializado nas metas climáticas ODS”. Essa subcategoria desdobra-se em demandas por representação interseccional em fóruns multilaterais, funcionando pedagogicamente para revelar que o planeta esquenta de forma racializada.

Raça+Classe+Reprodutivo (5,6% / 13 menções) corporifica vulnerabilidades periféricas concretas, expondo racismo obstétrico e infanticídio negro estrutural. O A95 da Alma Preta documenta violência obstétrica em maternidades públicas: “mulheres negras = 4x mais cesáreas desnecessárias; 6x mais mortalidade materna” (Fiocruz, 2025).

O A22 revela a primeira infância negra como zona de sacrifício: “crianças negras = 80% das vítimas de bala perdida em favelas”. Essas narrativas combinam dados epidemiológicos com depoimentos de parteiras tradicionais e mães periféricas, demonstrando que reprodução negra é política pública racializada.

Geledés: Mediação Institucional Global (20,4% / P1 + P3): Geledés concentra 20,4% (10/49 *posts*), escalando interseccionalidade para arenas multilaterais (P1: autoridade institucional). O *post* G02, “Seminário Gênero e Políticas: ultraconservadorismo”, articula carrossel de 6 *slides* (tipografia serifada institucional) que sistematiza: Diagnóstico Crenshaw (2013): “Raça + gênero + clima = opressão composta”; Estatística ONU: “Mulheres negras = 75% vítimas desastres Brasil”; Demanda normativa: “Cotas interseccionais ODS 2030 + Belém+30”.

A legenda traduz conceitos acadêmicos para direito internacional, confirmando P3 (pedagogia normativa global).

Figura 7 – Post G02 Geledés (2024): “Seminário Gênero e Políticas: ultraconservadorismo” - ONU + raça-gênero global



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Alma Preta atinge 5,6% (10/177 posts) em contextos periféricos, corporifica essa dimensão em vulnerabilidades concretas, como a violência obstétrica (A95) e a primeira infância negra (A22), apresentando Interseccionalidade Corporal Periférica (P3 + P4) vivida por meio de polifonia multimodal (P4: 5,9 posts/dia).

O letramento aqui ensina o seguidor a ser um “analista de sistemas”, compreendendo que opressões são fenômenos policrônicos que exigem respostas multidimensionais:

O post A95 da Alma Preta sobre violência obstétrica estrutura-se como um reel de 22 segundos com precisão cinematográfica algorítmica. Os primeiros 5 segundos explodem com a estatística impactante “MULHERES NEGRAS = 6X MAIS MORTES NO PARTO” (Fiocruz, 2025), utilizando contador regressivo visual que prende a atenção imediata.

Dos 6 aos 15 segundos, uma doula negra periférica testemunha em primeira pessoa: “Violência obstétrica não é erro médico, é racismo estrutural contra nossos corpos”, humanizando o dado estatístico com autoridade experiencial.

Os últimos 5 segundos detonam com chamadas virais #PartoHumanizadoNegro #VidaDeNascença.

Figura 8 – *Post A95* Alma Preta (2024): Violência obstétrica e interseccionalidade - interseções periféricas concretas



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

O *Post A22*, dedicado à infância negra, opera uma denúncia ao documentar que 80% das vítimas de balas perdidas são crianças negras. A narrativa articula as categorias de raça, classe e idade, utilizando fotografias de crianças periféricas em diálogo com estatísticas do Ipea para evidenciar como a necropolítica estatal incide de forma prematura sobre o corpo racializado, transformando a infância negra em um alvo preferencial da violência estrutural.

Figura 9 – *Post A22* Alma Preta (2024): “Primeira infância negra - raça+classe+infância”



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Quadro 15 – Validação Sistêmica P1/P3/P5: Tecnologia de Filtragem

Dimensão	Geledés (20,4%)	Alma Preta (5,6%)	Função Interseccional
Locus (P1)	Autoridade ONU	Narrativa corporal	Diplomacia × Vivência
Foco (P3)	Norma jurídica global	Vulnerabilidade cotidiana	Macro × Micro
Ecologia (P5)	Mediação institucional	Amplificação periférica	SÍNTESE FUNCIONAL

Fonte: elaborada pela autora, dados da pesquisa (2026).

Coocorrência 37% (Bardin, 2016) valida P5: a interseccionalidade atua como tecnologia de filtragem social, evidenciando que fenômenos tidos como naturais ou técnicos são produzidos por estruturas de poder. O Geledés demonstra que o alagamento de favelas decorre da articulação entre racismo ambiental, classe e omissão estatal (G02), enquanto a Alma Preta revela que cesáreas desnecessárias expressam a intersecção entre racismo reprodutivo, classe e gênero (A95).

Densidade Transversal: Sobrecodificação 122,9%: G02 combina interseccionalidade (8,8%), racismo ambiental (16%) e crítica à branquitude (8,8%), enquanto A95 articula interseccionalidade (8,8%), racismo policial (25,7%) e identidades negras (17,7%), evidenciando a polissemia policrônica do *corpus*.

Contribuição Original: Geledés-Alma Preta treinam “analista de sistemas sociais” para decodificar opressões compostas simultâneas, contrapondo simplismo desinformativo. Terceiro estágio (8,8%) do LRC conecta diagnóstico → performance → leitura multidimensional, preponderante para soberania cognitiva negra.

5.2.2.4 Crítica à Branquitude Normativa: invisibilidade do privilégio

A categoria Crítica à Branquitude Normativa representa o “divisor de águas” do Letramento Racial Crítico, marcando a transição da denúncia da opressão para o interrogatório direto da identidade opressora. Com 8,8% de presença direta (20 posts/226 analisados), opera transversalmente como dispositivo de desnaturalização, conforme Bento (2002), Carone; Bento (2017) e Schucman (2012) sobre branquitude

como “norma invisível estruturante”. Constitui condição indispensável para habilitar leituras relacionais de privilégio nas dimensões anteriores.

Subcategorias Detalhadas: Desmascaramento da Norma Invisível

Racismo da Branquitude (8,8% / 20 menções) ataca a invisibilidade estrutural que organiza hierarquias globais. O *post* G04 do Geledés denuncia eurocentrismo epistêmico nos protocolos da COP16: “Biodiversidade mundial medida por padrões europeus ignora 80% dos saberes quilombolas”. A narrativa revela como agendas climáticas globais presumem branquitude técnica universal, excluindo cosmovisões afro-brasileiras. Complementarmente, G09 expõe “Bárbara, mulher trans negra empregada doméstica”, perguntando: “Como este corpo adentra as casas brancas?”, desnaturalizando a branquitude doméstica como espaço íntimo de exclusão hierárquica. Essa subcategoria sistematiza eurocentrismo global (COP16) + privilégio banal (casa branca), demonstrando que branquitude opera em escalas macro e micro simultaneamente.

Beleza/Estética (4,1% / 9 menções) disputa o monopólio simbólico do belo. O A09 da Alma Preta celebra *Afro Fashion Day* Salvador (10 anos), contrastando tranças, fenótipo negro e música ancestral com “padrão eurocêntrico da moda”. A narrativa proclama: “Preto é o novo universal”, utilizando *reel* de 28s com desfile periférico. Caracteriza-se por crítica à cabeleira lisa como neutralidade, exaltação do crespo como estética política e *hashtags* #AfroÉPadrão, retirando da branquitude o controle do capital estético.

Geledés: Disputa Hegemônica Global (10,2% / P1 + P3): Geledés concentra 10,2% (5/49 *posts*), exercendo crítica via autoridade doutrinária-jurídica (P1). O *post* G04, eurocentrismo COP16, desmascara protocolos climáticos como tecnologia de invisibilização: O carrossel de sete *slides* sistematiza um percurso argumentativo: diagnostica a exclusão dos saberes quilombolas, crítica a branquitude técnica como universal presumido e propõe, como resposta política, cotas raciais em instâncias internacionais de biodiversidade.

Figura 10 – Post G04 Geledés (2024): Norma eurocêntrica confrontada na COP16



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

O post G09 explicita a branquitude íntima ao representar a “mulher trans negra doméstica” como uma anomalia espacial, isto é, um corpo percebido como fora do lugar nos espaços de intimidade e privilégio. Essa construção evidencia como o ambiente doméstico elitizado reproduz hierarquias histórico-estruturais, nas quais raça, classe e gênero delimitam quem pode ocupar legitimamente determinados espaços, confrontando o privilégio branco naturalizado.

Figura 11 – Post G09 Geledés (2024) - Bárbara, mulher trans, negra e empregada doméstica. Como este corpo adentra as casas?



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Alma Preta: Disputa Estética Periférica (8,5% / P3 + P2): Alma Preta atinge 8,5% (15/177 posts), disputando representação estética (P3: banal-cotidiano). O post A09, *Afro Fashion Day*, desestabiliza neutro branco da moda:

Na categoria Disputa Estética Periférica (8,5% / P3 + P2), a Alma Preta alcança 8,5% do *corpus* (15/177 posts), indicando a centralidade da estética como campo de disputa simbólica. A partir do banal-cotidiano (P3), os conteúdos reconfiguram padrões visuais naturalizados, enquanto o post A09 - *Afro Fashion Day* rompe com o “neutro branco” da moda ao afirmar referências negras como estética legítima, deslocando hierarquias raciais no campo *fashion*.

Figura 12 – Post A09 Alma Preta (2024 - Afro fashion Day celebra 10 anos com destaque na moda e música negra em Salvador



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Quadro 16 – Validação Sistêmica P1/P3: Esvaziamento da Neutralidade

Dimensão	Geledés (10,2%)	Alma Preta (8,5%)	Função Crítica
Locus (P1)	Doutrinária-jurídica	Narrativa-estética	Epistêmica × Simbólica
Foco (P3)	Macro global	Banal cotidiano	Hegemônica × Cultural
Coocorrência	+Epistemologia (22%)	+Identities (18%)	DESNATURALIZAÇÃO

Fonte: elaborada pela autora, dados da pesquisa (2026).

Inferência P1/P3: Esvaziamento da Neutralidade Branca: G04 e A09 operam um deslocamento crítico das hierarquias do saber. Ao rotular o eurocentrismo

da COP16 como “saber europeu situado”, G04 relativiza sua pretensa universalidade, enquanto A09, ao proclamar “crespo = novo universal”, afirma referências negras como padrão legítimo.

A elevada coocorrência (85,8%) com Epistemologia Situada (7,5%) indica a inversão da hierarquia epistêmica, na qual o saber quilombola é posicionado como mais legítimo do que a política global eurocêntrica.

Densidade Relacional: sobrecodificação 122,9%: G04 e A09 apresentam articulações categóricas complexas que evidenciam a polissemia do *corpus*. G04 combina branquitude (8,8%), questão ambiental (16%) e interseccionalidade (8,8%), revelando como o debate ecológico é atravessado por hierarquias raciais e estruturais.

Já A09, articula estética (4,1%), identidades negras (17,7%) e racismo estruturante (43%), deslocando padrões simbólicos naturalizados. Essa polissemia relacional, nos termos de Bardin (2016), reconfigura o *Instagram* como um verdadeiro laboratório de descolonização estética e epistêmica, onde categorias não operam isoladamente, mas em tensão produtiva.

Contribuição Original: o quarto estágio do LRC (8,8%) opera a desnaturalização da branquitude, compreendendo-a não como ausência de raça, mas como padrão normativo ativo que estrutura privilégios e produz exclusões.

Essa leitura evidencia a continuidade do poder racial desde arenas globais, como a COP16, até espaços íntimos, como as casas brancas, permitindo uma análise relacional dos privilégios. Esse deslocamento é fundamental para a soberania cognitiva negra, ao tornar visíveis os mecanismos que sustentam a dominação racial no cotidiano e nas instituições.

5.2.2.5 Epistemologia Racial Situada: saberes negros como referência

A categoria Epistemologia Racial Situada representa o ápice do Letramento Racial Crítico, consolidando a transição da denúncia estrutural para a soberania cognitiva plena. Com 7,5% de incidência direta (17 *posts* em 226 analisados), legitima saberes periféricos e negros como referência epistêmica, desafiando frontalmente a supremacia eurocêntrica (Ferreira, 2014, 2015). Essa dimensão culmina no LRC, invertendo hierarquias do saber: vivência negra = ciência política legítima.

Subcategorias Detalhadas: Inversão Epistêmica

Saberes Raciais Situados (7,5%/17 menções) operacionaliza descolonização cognitiva ativa, elevando narrativas encarnadas acima do saber oficial. O *post* G13 do Geledés sistematiza o *podcast* “Essa Geração” na COP16, propondo epistemologias quilombolas como parâmetros para políticas climáticas globais: “Saberes de benzedeiros medem impacto climático melhor que sensores europeus”. A narrativa inverte a dicotomia “universal europeu *versus* local quilombola”, articulando oralidade ancestral com dados ONU Mulheres (2024): “Benzedeiros previram seca 2023 com 92% acerto *versus* 67% modelos IPCC”.

Complementarmente, A21 da Alma Preta confronta currículos eurocêntricos em escolas periféricas, exigindo “bancos de saberes negros” baseados em vivências territoriais: “Lélia Gonzalez obrigatória desde 1º ano”. Essa subcategoria combina testemunhos de parteiras tradicionais, benzedeiros e líderes comunitários com estatísticas do Ipea (2025), demonstrando que conhecimento periférico sistematiza opressões melhor que a academia branca.

A categoria Identidades Negras como Epistemologia (6,2%) mostra corpos negros como quem produz saber, não como quem é apenas estudado. O G13 trata quilombolas como especialistas em clima; o A21 reconhece professoras negras periféricas como quem constrói o currículo na prática. As “primeiras vezes” — benzedeiros citados pela ONU ou negras em conselhos escolares, quebram o monopólio do saber branco ao combinar experiência vivida e ancestralidade como formas legítimas de conhecimento.

Geledés: Soberania Epistêmica Global (14,3% / P1 + P5): O Geledés concentra 14,3% do *corpus* (7 de 49 *posts*), projetando uma epistemologia negra em escala transnacional, ancorada na autoridade histórica (P1). No *post* G13, sobre o *podcast* “Essa Geração” durante a COP16, essa operação se materializa na forma e no conteúdo: o carrossel de nove *slides*, com tipografia serifada institucional e alta cadência de publicação (1,6 *posts*/dia), apropria-se dos códigos visuais da legitimidade global para inverter a hierarquia epistêmica, posicionando saberes negros como centrais no debate climático internacional.

Tese central: “Quilombo como maior sensor europeu em medição climática”; Evidência empírica: “Benzedeiros 92% vs. IPCC 67% acerto”; Prescrição normativa: “Cotas epistêmicas relatórios IPCC”; Legitimação histórica: “Sueli Carneiro na ONU 1988 → 2024”.

Figura 13 – Post G13 Geledés (2024): Podcast “Essa Geração” propõe pedagogia antirracista global



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Alma Preta: Descolonização Pedagógica Local (5,6% / P3 + P4): a Alma Preta alcança 5,6% do *corpus* (10 de 177 *posts*), operando a materialização da soberania curricular periférica, sustentada por alta cadência de publicação (P4: 5,9 *posts*/dia).

No *post* A21, essa dinâmica se expressa por meio de um *reel* de 25 segundos que denuncia o eurocentrismo pedagógico nas escolas públicas, utilizando a linguagem ágil do vídeo curto para tensionar currículos normativos e afirmar saberes negros como referência educacional legítima.

Estrutura narrativa otimizada algoritmicamente: Os primeiros 6 segundos explodem com “LÉLIA GONZALEZ NÃO ESTÁ NOS LIVROS” (texto branco sobre fundo preto periférico).

Dos 7 aos 16 segundos, professora negra testemunha: “Eu ensino o que vivi na favela, não o que li em Portugal”. Os 17-23 segundos proclamam “Currículo deve ser preto, não branco”, culminando nos últimos 2 segundos com #DescolonizaEscola #SaberesPeriféricos.

Figura 14 – Post A21 Alma Preta (2024): Escolas periféricas contra o eurocentrismo epistêmico



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Quadro 17 – Validação Sistêmica P5: Soberania do Olhar Distribuída

Dimensão	Geledés (14,3%)	Alma Preta (5,6%)	Função Epistêmica
Escala (P1)	Transnacional COP16	Local curricular	Global × Comunitária
Método (P3)	Normativa ONU	Performática favela	Doutrinária × Viva
Ecologia (P5)	Régua quilombola	Currículo periférico	INVERSÃO HIERÁRQUICA

Fonte: elaborada pela autora, dados da pesquisa (2026).

A **alta coocorrência (85,8%)** entre Saberes Racias Situados e Identidades Negras confirma, nos termos de Bardin (2016), a premissa P5 de soberania cognitiva distribuída: o conhecimento não se concentra em centros hegemônicos, mas circula a partir de territórios racializados. O G13 explicita esse deslocamento ao afirmar que o saber quilombola mede o clima mundial, enquanto o A21 legitima a vivência da favela como força capaz de reescrever o currículo nacional. Em ambos casos, a autoridade epistêmica é redistribuída a partir da experiência negra situada.

Densidade Epistêmica: Sobrecodificação 122,9%: G13 e A21 combinam múltiplas categorias de forma simultânea, revelando a polissemia do *corpus*. G13 articula epistemologia, racismo ambiental e mediação interseccional; A21 reúne saberes situados, identidades negras e crítica à branquitude. Essa articulação desloca

a branquitude do lugar de verdade universal e rompe seu monopólio sobre o conhecimento científico.

Contribuição Original: o quinto estágio do LRC (7,5%) marca a virada em que a vivência negra passa a operar como régua epistêmica universal, invertendo a lógica colonial que opõe o “local periférico” ao “saber global”. Nesse estágio, Geledés e Alma Preta atuam de forma complementar, formando um ecossistema descolonizador que legitima o saber encarnado, produzido na experiência histórica e cotidiana negra, como mais autorizado do que a academia branca hegemônica, consolidando uma condição de soberania cognitiva plena.

5.2.2.6 Leitura Interdisciplinar de Códigos Raciais

A categoria-síntese Leitura Interdisciplinar de Códigos Raciais funciona como a “chave de ouro” da análise qualitativa, apontando matematicamente, via sobredeterminação de Bardin (2016), que o Letramento Racial Crítico transcende conteúdo simples para constituir-se como rede semântica complexa.

Com 8,8% de menções diretas (20 *posts* em 226 analisados), revela a sobredeterminação semântica máxima do *corpus*: 171,6%, indicando que cada postagem carrega, em média, quase duas categorias simultâneas (densidade 0,86 menção/*post*).

Essa polissemia ativista confirma o racismo brasileiro como sistema policrônico, multicausal, sobreposto, exigindo letramento como conectiva analítica.

Subcategorias detalhadas: rede policrônica

A categoria Macroestrutural Global (G15 / 4,5% / 10 menções) opera a articulação entre denúncia estrutural, interseccionalidade e epistemologia em escala diplomática. No *post* G15, o Geledés conecta G20, populações afrodescendentes e crise climática, traduzindo vivências quilombolas em linguagem de política internacional ao defender cotas raciais nas metas climáticas (ODS 10).

A narrativa sistematiza racismo ambiental, intersecções entre raça, classe e clima e epistemologia situada, projetando a experiência negra como fonte legítima de autoridade política global. Por meio de carrosséis institucionais que combinam dados do IBGE (2025) e da ONU com demandas normativas, o conteúdo demonstra que diplomacia racializada também é uma forma de letramento.

A subcategoria Microcotidiano Doméstico (A19, 4,3%, 10 menções) evidencia como vulnerabilidade econômica, violência doméstica e identidade racial se entrelaçam no cotidiano. No *post* A19, a Alma Preta denuncia a situação da empregada doméstica negra sem direitos, mostrando como a informalidade do trabalho doméstico atualiza formas de servidão racializada de matriz escravista.

O *reel* de 18 segundos articula dado estatístico do IBGE (2025), testemunho periférico e a *hashtag* #TrabalhadoraNegraViva, codificando simultaneamente racismo econômico, identidades negras e intervenção transformadora. A subcategoria explícita, assim, que classe e raça são dimensões indissociáveis das condições de sobrevivência.

Geledés: Ancoragem Histórica Global (6,1% / P1 + P4): O Geledés concentra 6,1% do *corpus* (3 de 49 *posts*), sustentando um alto nível de complexidade discursiva por meio de cadência planejada de publicação (P4: 1,6 *posts*/dia).

O *post* G15, sobre o G20 afrodescendente, exemplifica essa estratégia ao realizar uma leitura interdisciplinar que articula raça, política internacional e justiça climática. O carrossel de 10 *slides*, com tipografia serifada, reforça a autoridade institucional do conteúdo e traduz debates globais complexos em narrativa acessível, sem perder densidade analítica.

Figura 15 – *Post* G15 Geledés (2024): G20 + afrodescendente + interseccionalidade - cruzamentos institucionais



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

O enunciado organiza-se como um diagnóstico policrônico, ao identificar a sobreposição de racismo climático, econômico e epistêmico. A evidência cruzada, sustentada por dados do IBGE (2025) e da ONU, demonstra que os quilombos concentram 80% dos impactos de alagamento, conectando a experiência local à validação institucional. A partir disso, formula-se uma prescrição global, ao propor cotas raça-classe nas metas da ODS 2030, e inscreve-se um legado histórico, que posiciona a atuação do Geledés da COP16 ao G20 de 2025 como continuidade estratégica de incidência política transnacional.

Alma Preta: Motor Algorítmico Local (9% / P4 + P2): Alma Preta atinge 9% (16/177 *posts*), impulsionando densidade via cadência responsiva (P4: 5,9 *posts*/dia). O *post* A19, empregada doméstica negra, otimiza algoritmo por meio de *reel* 18s:

Figura 16 – *Post* A19 Alma Preta (2024): Vulnerabilidade econômica + violência doméstica



Fonte: Captura de tela do *Instagram* (2024).

Estrutura narrativa viral: os primeiros 5 segundos explodem com ‘NEGRA = 70% DOMÉSTICAS INFORMAL’ (IBGE, 2025, fundo favela). Dos 6-13 segundos, a trabalhadora testemunha: “Entro na casa branca pela porta dos fundos, 2025”. Os 14-18 segundos culminam em “#TrabalhadoraNegraViva #FimDaServidão”.

Quadro 18 – Validação Sistêmica P4/P5: Ecologia Policrônica

Dimensão	Geledés (6,1%)	Alma Preta (9%)	Função Interdisciplinar
Cadência (P4)	1,6 <i>posts</i> /dia (histórica)	5,9 <i>posts</i> /dia (responsiva)	Memória × Atualidade
Escala (P1)	G20 diplomacia	Favela doméstica	Global × Local
Ecologia (P5)	Ancoragem normativa	Amplificação viral	REDE CONECTIVA

Fonte: elaborada pela autora, dados da pesquisa (2026).

Sobredeterminação 171,6% (Bardin, 2016) valida H5: ecologia midiática negra brasileira 2024 constrói soberania epistêmica policrônica. G15 conecta G20 → quilombos alagados; A19 revela casa branca → favela. Densidade 0,86 menção/*post* treina seguidor para perceber racismo como sistema simultâneo.

Densidade Policrônica: Síntese Semântica: G15 codifica Interdisciplinar (8,8%) + Ambiental (16%) + Epistemologia (7,5%) + Interseccional (8,8%); A19 integra Econômico (17,3%) + Identidades (17,7%) + Intervenção (17,7%). Polissemia máxima transforma *Instagram* em laboratório antirracista distribuído.

Contribuição Original: sexto estágio (8,8%) do LRC, esta categoria-síntese aponta que o letramento racial crítico é uma rede de significados que integra denúncia, conexão e transformação. Geledés-Alma Preta articulam violências históricas persistentes + dinâmicas contemporâneas + projeções transformadoras, formando ecossistema pedagógico que rearticula informação + afeto + política a partir da experiência cotidiana negra.

Os achados indicam forte sustentação empírica para a H5: a ecologia midiática negra brasileira de 2024 informa e constrói uma soberania epistêmica que articula o local e o global em uma narrativa de libertação coerente e ininterrupta.

5.2.2.7 Validação da Premissa 5: a sinergia na Ecologia Midiática Negra

A quinta premissa desta investigação previa que a Ecologia Midiática Negra seria confirmada pela complementaridade estratégica entre Geledés e Alma Preta. Os dados empíricos indicam a ratificação dessa premissa, evidenciando um mecanismo de sinergia fundamentado na distribuição do trabalho simbólico entre o eixo institucional-histórico em Geledés e o eixo narrativo-periférico em Alma Preta.

Divisão Empírica do Trabalho Simbólico:

Geledés: Diacronia Institucional (P1 + P3) preserva norma e memória, ancorando letramento em autoridade doutrinária: os resultados apontam que o Geledés atua na preservação da norma e da memória (P1 e P3), oferecendo elementos de formação política institucional.

Em contrapartida, a Alma Preta funciona como vetor de capilaridade e denúncia (P2 e P4), voltada ao cotidiano e às urgências das redes. Essa dinâmica sugere que a P5 (Ecologia Midiática Negra) é validada pela simbiose observada: enquanto uma organização prioriza arenas globais e tribunais, a outra ocupa as cronologias (*timelines*) e as periferias urbanas.

Essa convergência permite que a pauta antirracista seja difundida em diferentes escalas e linguagens. O fluxo identificado entre as categorias indica que o letramento racial crítico no *Instagram* não se apresenta de forma fragmentada, mas como um processo articulado que será detalhado na síntese a seguir.

5.3 SÍNTESE ANALÍTICA: A OPERACIONALIZAÇÃO DO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO SISTÊMICO

A análise integrada das dimensões categorizadas, validada pelas premissas P1-P5, permite consolidar o conceito de Letramento Racial Crítico Sistêmico e Midiático (LRCSM). Conforme evidenciado no Quadro 19, o letramento operado por Geledés e Alma Preta configura um fluxo sistêmico e interdependente, no qual a organização das postagens digitais se estrutura em etapas sequenciais de diagnóstico, interpretação e intervenção.

O processo observável no *corpus* apresenta elevada densidade semântica. O diagnóstico do Racismo Estruturante (43%) estabelece a base para a Leitura Interdisciplinar (171,6%), permitindo que a denúncia seja contextualizada historicamente e orientada para incidência prática. O Quadro 19 evidencia como a articulação entre padrões institucionais e registros periféricos organiza a experiência do seguidor em uma sequência pedagógica contínua.

O ciclo do LRCSM compreende seis estágios integrados:

- a) Diagnóstico Estrutural (43%) - identifica o racismo como ecossistema vivo de desigualdades, exemplificado pelos *posts* G07 (Geledés, relatórios ONU sobre letalidade policial) e A40 (Alma Preta, “1 negra morta a cada 4

horas”);

- b) Intervenção Transformadora (17,7%) - operacionaliza o diagnóstico em ações concretas, como o Ilê Aiyê na COP16 (G01) e o banco de pesquisadoras negras da UFMG (A01);
- c) Mediação Interseccional (8,8%) - articula opressões simultâneas de raça, classe, gênero e território, conforme evidenciado nos *posts* G02 (ONU) e A95 (violência obstétrica);
- d) Crítica à Branquitude (8,8%) - identifica padrões de privilégio racial como norma estruturante, com exemplos em G04 (COP16) e A09 (*Afro Fashion Day*).
- e) Epistemologia Racial Situada (7,5%) - legitima saberes quilombolas (G13, “Essa Geração”) e currículos periféricos (A21), distribuindo autoridade epistêmica entre diferentes escalas de experiência;
- f) Leitura Interdisciplinar (8,8%) - conecta múltiplas dimensões do racismo, evidenciando sobredeterminação máxima (171,6%) e *posts* multicamadas (85,8%);

A sinergia operacional P1-P5 observa:

- a) P1 (*locus* de autoridade): Geledés utiliza referências normativas (ONU/G20), Alma Preta centra-se na experiência corporal periférica;
- b) P2 (estética): Geledés adota carrosséis e tipografia uniforme, Alma Preta utiliza *reels* e *hashtags* variados;
- c) P3 (foco): contrapõe abordagens institucionais e globais *versus* experiências periféricas e cotidianas;
- d) P4 (fluxo): Geledés mantém cadência planejada (1,6 *posts*/dia), Alma Preta opera em alta cadência responsiva (5,9 *posts*/dia).
- e) P5 (ecologia): a combinação de estratégias institucionais e comunitárias evidencia interação entre escalas distintas e múltiplos modos de produção de conhecimento racializado.

O exemplo policrônico G07 + A40 ilustra a articulação temporal: em 15 de novembro, G07 apresenta dados normativos de letalidade policial, enquanto A40, no dia seguinte, salienta impactos territoriais e cotidianos. Essa sequência demonstra a coexistência de autoridade institucional e experiência periférica, articuladas em rede conectiva.

A densidade de coocorrência entre categorias (85,8% entre Identidades

Negras + Saberes Situados) valida a operacionalização do LRCSM como processo integrado. A sobrecodificação (122,9%) indica que *posts* combinam múltiplas categorias simultaneamente, mostrando que intervenção, epistemologia e mediação interseccional são mobilizadas de forma articulada.

Em síntese, os quadros 13 a 17 apresentam evidências empíricas sobre a operacionalização do LRCSM:

- a) Multiestratégico: diferentes perfis (Geledés institucional × Alma Preta periférica) atuam de forma complementar;
- b) Multiescalar: articula macroestrutura normativa, mediação global e vivência local;
- c) Multimodal e policrônico: combina estética, cadência e narrativa em rede conectiva;
- d) Distribuição epistêmica: experiências periféricas são reconhecidas como referência frente a normas institucionais;
- e) Ecologia discursiva integrada: categorias de denúncia, interpretação e intervenção coexistem, possibilitando análise e incidência prática.

Portanto, a estrutura detalhada dos quadros fornece suporte para análise sistemática das postagens digitais, permitindo compreender como o LRCSM se manifesta como prática comunicacional complexa, articulando diagnóstico, interpretação e ação em ecologias midiáticas estratégicas.

Quadro 19 – Arquitetura do Letramento Racial Crítico Sistêmico

Dimensão	Dominância	Estratégia Geledés	Estratégia Alma Preta	Premissas Vinculados	Função no Letramento
Racismo Estruturante	43%	Institucional (G07)	Periférico visceral (A40)	P1 (Autoridade)	Denunciar
Intervenção Transformadora	17,7%	Resistência global (G01)	<i>Agency</i> local (A21)	P4 (Fluxo/Ritmo)	Mobilizar
Mediação Interseccional	8,8%	Multilateral (G02)	Cotidiano (A95)	P3 (Enquadramento)	Conectar
Crítica à Branquitude	8,8%	Eurocentrismo (G09)	Cotidiano banal (A09)	P1 (<i>Locus</i> de Autoridade) e P3 (Foco de Enquadramento)	Desmascarar
Epistemologia Situada	7,5%	Supranacional (G13)	Pedagógico local (A21)	P2 (Estética)	Legitimar
Leitura Interdisciplinar	171,6%*	Macrocruzamentos (G15)	Microdinâmicas (A19)	P5 (Ecologia)	Integrar

Fonte: elaborada pela autora (2026).

Nota: (*) Índice de sobredeterminação (Bardin, 2016).

5.3.1 Jornada rumo ao Letramento Racial Crítico: fluxos e estágios da consciência

A análise integrada das dimensões expostas no Quadro 13 permite identificar uma sequência discursiva teleológica, denominada Jornada rumo ao Letramento Racial Crítico (LRC). Essa jornada organiza-se em instâncias de maturação da consciência política, onde a fluidez entre os dados e as premissas revela uma arquitetura funcional orientada por seis propósitos pedagógicos específicos:

A Instância do Alicerce Analítico (Denunciar): a dominância da categoria Racismo Estruturante (43%) revela que o estágio primordial do letramento é a desestabilização da percepção hegemônica. Essa instância funciona como a base da realidade do sistema, em que o Geledés (via autoridade institucional) e a Alma Preta (via denúncia visceral) convergem para delimitar o racismo como um ecossistema vivo. Sem esse diagnóstico, as fases subsequentes de mobilização careceriam de sustentação política (Almeida, 2018; Mbembe, 2018).

A Instância da Mediação e Conexão (Conectar): superada a fase do diagnóstico, a jornada avança para a Mediação Interseccional (8,8%). Nessa etapa, o letramento opera pela articulação entre o supranacional e o local, garantindo que o seguidor compreenda que as opressões de raça, classe e gênero são eixos sobrepostos. A função aqui é treinar o olhar para uma leitura transversal e policrônica da realidade social (Akotirene, 2018; Crenshaw, 2013).

A Instância da Recomposição Identitária (Desmascarar): o ciclo aprofunda-se na Crítica à Branquitude (8,8%), em que o letramento assume um caráter de contra-ataque ideológico. Ao confrontar o eurocentrismo e a pretensa neutralidade das estruturas de poder, as mídias desconstruem os mecanismos de invisibilização do privilégio, expondo as engrenagens que sustentam a desigualdade (Bento, 2002; Schucman, 2012).

A Instância do Fortalecimento Epistêmico (Legitimar): a jornada consolida-se por meio da Epistemologia Situada (7,5%), momento em que a ecologia legitima os saberes negros e as vivências periféricas como fontes de autoridade científica e política. Ao elevar o conhecimento ancestral e territorializado ao *status* de ferramenta analítica, a jornada retira o sujeito da posição de objeto e o coloca como produtor autônomo de sentidos (Ferreira, 2014, 2015; Carneiro, 2003).

A Instância da Práxis Política (Mobilizar): o ciclo atinge sua funcionalidade prática na Intervenção Transformadora (17,7%). Essa instância representa a conversão do letramento em agência (*agency*). A simbiose entre a resistência histórica (Geledés) e a agilidade responsiva (Alma Preta) garante que o processo educativo culmine na prontidão para a incidência política e coletiva (Castells, 2013; Gohn, 2011).

A Instância da Inteligência Sistêmica (Integrar): por fim, a Leitura Interdisciplinar (171,6%) atua como a inteligência transversal que atravessa todas as etapas anteriores. Esse elevado índice de sobredeterminação demonstra que a Ecologia Midiática Negra não entrega sentidos fragmentados, mas exige uma postura analítica complexa que funde macrocruzamentos políticos e microdinâmicas sociais (Sodré, 2019; Scolari, 2018).

O Quadro 13 mapeia essa ecologia funcional, demonstrando que o diagnóstico estrutural (43%) sustenta a alta complexidade semântica (171,6%) das postagens. Esses dados revelam que o letramento racial, conforme praticado por Geledés e Alma Preta, não é um evento isolado, mas uma jornada processual e pedagógica que utiliza a infraestrutura do *Instagram* para promover uma metamorfose analítica no sujeito.

Ao percorrer este itinerário, o seguidor atravessa uma reconfiguração de sua lente de percepção social e um fortalecimento do seu autoconceito epistêmico. Esta investigação demonstrou que as mídias negras analisadas subvertem a lógica do capitalismo de vigilância e a opacidade dos algoritmos, transformando cada publicação em um dispositivo de contra-hegemonia e o espaço digital em um território de resistência.

Em suma, a jornada proposta por estas organizações não apenas informa; ela converte o consumo digital em uma tecnologia de soberania informativa. O resultado final é a ativação de uma agência transformadora, capaz de converter o letramento racial crítico, em suas dimensões sistêmica e midiática, em práticas concretas de enfrentamento às desigualdades estruturais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação analisou como o Geledés - Instituto da Mulher Negra e a Alma Preta Jornalismo constroem o Letramento Racial Crítico Sistêmico Midiático no *Instagram* brasileiro, por meio de análise de conteúdo temática de 226 *posts* de novembro de 2024 (Bardin, 2016). A pergunta central desta tese - como Geledés e Alma Preta operacionalizam o letramento racial crítico no *Instagram* contra o racismo estrutural e algorítmico? - encontra resposta na arquitetura funcional de 6 estágios interdependentes que consolida a Ecologia Midiática Negra validada pela premissa H5 e sobredeterminação de 171,6%.

A evolução conceitual proposta por esta pesquisa, de Letramento Racial Crítico para Letramento Racial Crítico Sistêmico e Midiático, reflete a complexidade da resistência negra no século XXI. O adjetivo sistêmico justifica-se pela interdependência entre o diagnóstico estrutural e a prática cotidiana presente nos dados. Já o componente midiático não é uma limitação ao suporte (*Instagram*), mas o reconhecimento de que a luta antirracista contemporânea exige o domínio das lógicas de produção, circulação e interpretação de sentidos em rede. Portanto, a plataforma não é apenas o local da pesquisa, mas o campo que denota onde o letramento se manifesta como competência técnica e política.

Os resultados indicam de forma consistente que as mídias analisadas operam uma ecologia pedagógica mensurável, em que o Racismo Estruturante (43%) sustenta todas as fases por meio de 171,6% sobredeterminação semântica. Essa arquitetura transforma leitura casual em *agency* política ativa, com 83,7% dos *posts* contendo CTAs (chamadas à ação) explícitos para incidência concreta.

Geledés e Alma Preta manifestam divisão sinérgica funcional: Geledés prioriza deliberação institucional propositiva (P1/P3) por meio de 1,6 *posts*/dia em diacronia histórica, enquanto Alma Preta opera denúncia visceral cotidiana (P4) com 5,9 *posts*/dia em sincronia algorítmica. Essa distinção estratégica configura complementaridade estrutural.

A investigação oferece contribuições originais estruturadas em tríade analítica: na dimensão teórica: propõe Letramento Racial Crítico Sistêmico Midiático (LRCSM) como arquitetura de 6 estágios que integra Diagnóstico Estrutural (43%), Mediação Interseccional (8,8%), Crítica à Branquitude (8,8%), Epistemologia Situada (7,5%), *Práxis* Transformadora (17,7%) e Leitura Interdisciplinar (H5), articulando

racismo estrutural (Almeida, 2018), necropolítica (Mbembe, 2018) e interseccionalidade (Crenshaw, 2013).

Dimensão metodológica: a Matriz Analítica TRC×*Literacia*×LRC adaptada de Bardin (2016) captura sobredeterminação 171,6% como evidência de ecologia funcional, superando exclusão mútua tradicional por meio de categorização que respeita múltipla codificação em *posts* híbridos.

Dimensão prática: revela o *Instagram* como infraestrutura política distribuída, no qual 83,7% CTAs (chamadas à ação) convertem análise crítica em incidência política direta, configurando plataformas como “salas de aula distribuídas” contra o capitalismo racial.

Os objetivos específicos foram cumpridos conforme ratificação das premissas. O primeiro objetivo, mapear estratégias discursivas, evidenciou *locus* de autoridade dupla (P1: normativa ONU vs corporal periférico; P3: institucional global vs visceral local). O segundo objetivo, evidenciar conexões entre memória e interseccionalidade, confirmou tríade coesa memória-interseccionalidade-racismo econômico (P2) por meio de estética complementar. Por fim, o terceiro objetivo, mapear práticas de letramento, validou-se pelas premissas P4 (fluxos temporais distintos) e P5 (Ecologia Midiática Negra), demonstrando arquitetura 6 estágios em que ancoragem histórica (Geledés) e agilidade responsiva (Alma Preta) circulam conhecimento entre governança global e resistência comunitária.

Os limites reconhecidos, recorte temporal estático e foco monoplatforma (*Instagram*), convertem-se em agenda de pesquisa programática estruturada em cinco eixos fundamentais:

Eixo 1: rastreamento longitudinal (2018-2026) para analisar disputas discursivas pós-COP30 (2025, Belém-PA);

Eixo 2: etnografia da recepção crítica com jovens negros urbanos e mulheres quilombolas;

Eixo 3: comparação intercultural com *Black Lives Matter* (EUA) e *#EndSARS* (Nigéria);

Eixo 4: analisar as dinâmicas invisíveis dos algoritmos do *Instagram* que impactam diretamente a visibilidade do conteúdo negro sobre racismo estruturante;

Eixo 5: replicação multiplataforma com mídias quilombolas e coletivos periféricos.

Geledés e Alma Preta operacionalizam o Letramento Racial Crítico Sistêmico Midiático (LRCSM) por meio de uma ecologia midiática negra funcional no *Instagram*, articulando temporalidades discursivas distintas, com 83,7% dos *posts* como dispositivos pedagógicos político-incidentes.

O Quadro 19 codifica exhaustivamente esse fluxo em protocolo replicável, revelando a comunicação negra brasileira como infraestrutura política contra o capitalismo racial, motorizada pelo LRCSM, que instrumentaliza o diagnóstico do racismo estruturante em agência política, soberania informativa e enfrentamento das desigualdades estruturais.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018. 152 p.

ALMA PRETA JORNALISMO. **Conteúdos e narrativas no Instagram**. Instagram: @almapretajornalismo, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/almapretajornalismo/>. Acesso em: 20 maio 2025.

ALMA PRETA JORNALISMO. **Manual da redação: o jornalismo antirracista a partir da experiência da Alma Preta**. Brasília: ABRAJ, 2023, 263 p. Disponível em: <https://almapreta.com.br/images/2023/11/manual-de-redacao-o-jornalismo-antirracista-a-partir-da-experiencia-da-alma-preta.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2025.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ARAÚJO, Valmir Teixeira. Imprensa negra brasileira: enquadramentos produzidos pelos sites Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 47, p. e2024112, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/VdfQybMxy9bHRzTtbStdj7h/>. Acesso em: 09 ago. 2025.

ARAÚJO, Júlio; ARAÚJO, Júlio César de. Racismo algorítmico e inteligência artificial: uma análise crítica multimodal. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 89-109, 2024. DOI: 10.46230/lef.v16i2.13108. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13108>. Acesso em: 20 jun. 2025.

ARE, Carolina. The shadowban cycle: an autoethnography of pole dancing, nudity and censorship on Instagram. **Feminist Media Studies**, v. 22, n. 8, p. 2002-2019, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14680777.2021.1928259>. Acesso em: 20 jul. 2025.

AUFDERHEIDE, Patricia. **Communications policy and the public interest: the telecommunications act of 1996**. Nova York: Guilford Press, 1997.

BARBOSA, Esdras Silva Sales; SILVA JÚNIOR, Jorge Adriano. **Revista em Favor De Igualdade Racial**, v. 8, n.1, p. 88-102, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/download/7199/4946/30622>. Acesso em: 1 ago. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2016. 229 p. (Originalmente publicada em 1977).

BARROS, Patrícia Moreira. **Letramento racial crítico: um estudo das experiências docentes por meio de narrativas de professores do ensino médio de uma escola pública**. 2024. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista/BA, 2024. Disponível em:

<https://www2.uesb.br/ppg/ppged/wp-content/uploads/2024/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Patr%C3%ADcia-Moreira-Barros-com-ficha-2.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2025.

BENAVENTE, Ana *et al.* **A literacia em Portugal**: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. 449 p.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, p. 5-58, 2002. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/89195>. Acesso em: 20 fev. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRANDÃO, Thamyris Estefani Moreira. **Racismo linguístico e o ensino de língua portuguesa**: percurso teórico e contribuições de pesquisas. 2025. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2025. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/handle/35400000/8028>. Acesso em: 26 jul. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/YSF98JjdMdSkwD8Khcs9sdp/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 02 mar. 2026.

CAVAZZANI, André Luiz Moscaleski; OLIVEIRA, Alessandra Ramos da Silva. Educação Antirracista em Tempos Digitais: primeiras aproximações Indiara, GO. . Revista Eletrônica Pesquiseduca, v. 17, n. 44, p. 64–76, 2025. DOI: 10.58422/repesq.2025.e1754. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1754>. Acesso em: 05 ago. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2000. 336 p.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge: Polity Press, 2016. 224 p.

COSTA, Ana Caroline Alves; LIMA, Aline Venceslau Vieira. Autoimagem e representatividade da pessoa negra nas redes sociais. Psicologia e Saber Social, v. 12, n. 1, p. 225-252, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/89195>. Acesso em: 20 fev. 2025.

COULDRY, Nick. **Media rituals**: a critical approach. London: Routledge, 2003. Disponível em: <https://api.taylorfrancis.com/content/books/mono/download?identifierName=doi&identifierValue=10.4324/9780203986608&type=googlepdf>. Acesso em: 02 mar. 2026.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *In: Feminist Theory Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum*. Routledge, 2013. p. 139-140, 150-152, 154-60. (Originalmente publicada em 1989).

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Richard; STEFANCIC, Jean. Critical race theory: past, present and future. **Current Legal Problems**, Oxford, v. 51, n. 1, p. 467-491, 1 out. 1998. DOI:10.1093/clp/51.1.467. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/1564013781?pq-origsite=gscholar&fromopenview=true>. Acesso em: 18 mar. 2025.

DU BOIS, W. E. B. The theory of double consciousness and the veil *In: DU BOIS, William Edward Burghardt; MARABLE, Manning. Souls of black folk*. Routledge, 2015. 224 p. (Reedição de 1903).

FANON, Frantz Omar. **Peles negras, máscaras brancas** (1952). São Paulo: Ubu Editora, 2020. 200 p.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus, 2021. (Originalmente publicada em 1964).

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, v.6, n.14, p. 236-263, 2014. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/141>. Acesso em: 5 dez. 2024.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas autobiográficas de professores de línguas na universidade: letramento racial crítico e teoria racial crítica. *In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (org.). Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem*. Campinas: Pontes, 2015, p. 97-143.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Letramento Racial Crítico. *In: MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; LANDULFO DE SOUSA, Cristiane Maria Campelo Lopes (org.). Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 207-214

FERRÉS, Ferrés. La competencia en comunicación audiovisual: dimensiones e indicadores. **Comunicar - Revista Científica de Comunicación y Educación**, v. 15, n. n. 29, p. 100-107, 2007. Disponível em: <https://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=29&articulo=29-2007-17>. Acesso em: 20 dez. 2025.

FERRÉS, Joan; PISCITELLI, Alejandro. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. **Lumina**, v. 9, n. 1, p. 1-16, 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21183>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FRENCH, Jan Hoffman. Repensando a violência policial no Brasil: desmascarando o segredo público da Raça. **Revista TOMO**, n. 31, p. 9-40, 2017. DOI: 10.21669/tomo.v0i0.7648. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/7648>. Acesso em: 6 ago. 2025.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GELEDÉS. Acervo Geledés. **Cadernos Afro Memória**, v. 2, n. 2, 2023, 52 p. Disponível em: <https://afromemoria.afrocebrap.org.br/wp-content/uploads/2023/08/Cadernos-Afro-M>

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>. Acesso em: 20 abr. 2024.

GOMES, Catherine Araújo. **Violência obstétrica**: desafios e possibilidades da atuação do Serviço Social na promoção de práticas de saúde materna humanizada. 2025. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/7d61f0a9-5986-45bc-b652-3e65b777d1fc>. Acesso em: 27 jul. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002. DOI: 10.17851/2317-2096.9.38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 11 jul. 2025.

GOMES, Nilma Lemos. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano, 1984. *In*: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.) **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020. (Originalmente publicada em 1984).

GUIMARÃES, Carlos André; CARNUT, Leonardo; MENDES, Áquilas. A questão racial e os limites do desenvolvimento econômico-social brasileiro: uma perspectiva crítica. **Am. Lat. Hist. Econ**, México, v. 29, n. 1, e0006, abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18232/20073496.1185>. Acesso em: 3 ago. 2025.

HALL, Stuart. Encoding/decoding. *In*: HALL, Stuart *et al.* **Culture, media, language**. Londres: Hutchinson, 1980. p. 128-138.

HALL, Stuart (ed.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage Publications, 1997. 396 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2019. 104 p. (Originalmente publicada em 1992).

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2023. 399 p.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/38327>. Acesso em: 20 jan. 2025.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Paulo: Unisinos, 2012. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.141.01>. Acesso em: 02 mar. 2026.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. São Paulo: Cultrix, 2011. 183 p. Disponível em: https://www.academia.edu/42246244/O_Amor_nos_Tempos_do_Capitalismo_Eva_Illouz. Acesso em: 02 mar. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua**. 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 27 de jul. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2023**. Rio de Janeiro: IPEA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publication/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

INTER-AGENCY NETWORK FOR EDUCATION IN EMERGENCIES (INEE). **Literacia**, 2024. Disponível em: <https://inee.org/pt/glossario-EeE/literacia>. Acesso em: 20 dez. 2024.

JENKINS, H. **Convergence culture: where old and new media collide**. New York: NYU Press, 2006.

JENKINS, Henry *et al.* **Participatory culture in a networked era: a conversation on youth, learning, commerce, and politics**. John Wiley & Sons, 2015.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Critical media literacy: Crucial policy choices for a twenty-first-century democracy. **Policy Futures in Education**, v. 5, n. 1, p. 59-69, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2304/pfie.2007.5.1.59>. Acesso em: 20 nov. 2024.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104 - Especial, p. 687-715, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000300004>. Acesso em: 18 nov. 2024.

KIRSCH, Irving S.; JUNGBLUT, Ann, JENKINS, Lynn; KOLSTAD, Andrew. **Adult Literacy in America: a first look at the results of the national adult literacy survey**, Washington, National Center for Education Statistics. 102 p.

KLEIMAN, Angela B. (org). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. Disponível em: <https://wac.colostate.edu/docs/books/letramento/significados.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

KLEIMAN, Ângela. B. **Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Unicamp, 2005. Disponível em: Disponível em: <https://cursos.univesp.br/courses/3026/modules/items/241984.f>. Acesso em: 14 set. 2024.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Reading images: the grammar of visual design. 2. ed. London: Routledge, 2006. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003099857>.

LADSON-BILLINGS, Gloria. Just what is critical race theory and what's it doing in a nice field like education?, **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 11, n.1, p. 7-24, 1998. DOI: 10.1080/095183998236863. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781003005995-2/critical-race-theory-nice-field-like-education-gloria-ladson-billings>. Acesso em: 18 nov. 2024.

LAPLAGNE, Mariana Monsores. **Os efeitos do capitalismo de vigilância no Instagram**: os algoritmos e a influência no consumo dos jovens e adultos residentes no Rio de Janeiro. 2022. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/23063>. Acesso em: 02 mar. 2026.

LASSWELL, Harold D. The structure and function of communication in society. *In*: BRYSON, L. (ed.). **The communication of ideas**. New York: Harper and Brothers, 1948. Disponível em: <https://marketing-course.ru/wp-content/uploads/2018/11/Lasswell.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2026.

LIVINGSTONE, Sônia *et al.* Active participation or just more information? **Information, Communication & Society**, v. 8, n.3, p. 287-314, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691180500259103>. Acesso em: 20 abr. 2024.

LIVINGSTONE, Sônia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades online. **MATRIZES**, ano 4, n.2, p. 11-42, 2011. Disponível em: <https://tinyurl.com/y66o2ous>. Acesso em: 10 out 2025.

LOPES, Nei. **Racismo**. *In*: Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. 4. ed. Novo Hamburgo: Selo Negro Edições, 2014. 1776 p.

LOPES, Ana Luisa Souza; NOVAIS, Thyara Gonçalves; SANTOS, Cristiane Nunes. Racismo estrutural e mercado de trabalho: desafios e perspectivas para inserção de mulheres negras em cargos de gestão organizacional em empresas privadas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 12, p. 251-274, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/17212>. Acesso em: 29 jul. 2025.

LÓPEZ, Gerardo R. The (racially neutral) politics of education: a critical race theory perspective. **Educational Administration Quarterly**, v. 39, n. 1, p. 68-94, 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0013161X02239761>. Acesso em: 23 mar. 2024.

LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. New York: Crossing Press, 1984. Disponível em: https://rhinehartibenglish.weebly.com/uploads/2/2/1/0/22108252/sister_outsider_audrey_lorde_ib_pdf_packet.pdf. Acesso em: 20 jan. 2026.

MAMEDE, Mayra; ZIMMERMANN, Erika. Letramento científico e CTS na formação de professores para o ensino de ciências. **Enseñanza de las Ciencias**, n. extra, p. 1-4, 2005. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/edlc>. Acesso em: 10 maio 2024.

MANOVICH, L. **Software takes command**. New York: Bloomsbury Academic, 2013. Disponível em: <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/58738>. Acesso em: 18 dez. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2026.

McLUHAN, Marshall. **Understanding media: the extensions of man**. 2. ed. Cambridge: MIT Press, 1994. 389 p. Disponível em: <https://archive.org/details/understandingmed00mclu>. Acesso em: 28 fev. 2026.

MENIN, Victoria. Cyber-racismo: desafios e estratégias para combater o racismo online. **Revista Parêntese**, 2024. Disponível em: <https://www.veredas.org/2024/07/30/revista-parentese-cyber-racismo-desafios-e-estrategias-para-combater-o-racismo-online-por-victoria-menin/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

MOUFFE, Chantal. **The democratic paradox**. London: Verso, 2005.

MORAIS, J. O. Letramento racial crítico: caminhos possíveis para a construção ontológica da negritude na Universidade. **Revista Coletivo SECONBA**, v. 8, n. 1, p. 252-262, 2024. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/seconba/article/view/22100>. Acesso em: 3 jul. 2025.

MOREIRA, Adilson José. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

MOREIRA, Adilson José. **Letramento racial: uma proposta de reconstrução da democracia brasileira**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2024. 407 p.

MOURA, Clóvis. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?** São Paulo: Ática, 1977.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 198

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978. 92 p.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NASCIMENTO, Júlia; SILVA, Gimima Beatriz Melo. O Letramento Racial como ferramenta para a erradicação do racismo. **Mosaico**, v. 15, n. 24, p. 397-415, 2023. Disponível em: <http://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/89973>. Acesso em: 26 dez. 2024.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of oppression**: how search engines reinforce racism. Nova York: New York University Press, 2018. 248 p.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. Redenção: Editora Jandaíra, 2020. 166 p.

NUNES, Paulo Rogério. **Projeto Banjo Novo promove dia D do empreendedorismo negro**, 2024. Disponível em: <https://portalsoteropreta.com.br/2024/10/03/paulo-rogerio-nunes-e-um-dos-100-futuristas-mais-influentes-do-mundo/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OECD). **PISA 2018 Assessment and Analytical Framework**. Paris: OECD Publishing, 2019. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/pisa-2018-assessment-and-analytical-framework_b25efab8-en.html Acesso em: 15 jul. 2025.

OCHS, Mariana. **Educação midiática e inteligência artificial**: fundamentos. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2024. 38 p. Disponível em: https://educamidia.org.br/api/wp-content/uploads/2024/03/EMIA-eBook-Fundamentos_V2.pdf. Acesso em: 28 dez. 2024.

OLIVEIRA, Érika Cristina de. **Fé e resistência**: o enfrentamento das religiões afro-brasileiras ao racismo religioso no Brasil. 2025. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ueg.br/jspui/handle/riueg/6054>. Acesso em: 2 ago. 2025.

OLIVEIRA, Nicolay Alcía de; AGUIAR, André Effgen de. **Letramento racial crítico e educação antirracista por meio do ensino de linguagens e literatura**: uma proposta didática. 2025. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/6793>. Acesso em: 3 jul. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração das Nações Unidas sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial. Resolução 1904 (XVIII)**, Assembleia-Geral, 20 de novembro de 1963. Disponível em: <https://share.google/Kx3UhI5k8BBNFMPvJ>. Acesso em: 20 jun. 2025.

ONU MULHERES. **Panorama de Gênero 2024**: progresso nos direitos das mulheres e meninas. Nova York: ONU Mulheres/DESA, 2024. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/panorama-de-genero-2024/>. Acesso em: 19 nov. 2025.

PAPACHARISSI, Z. **Affective publics**: sentiment, technology, and politics. Oxford: Oxford University Press, 2015.

PARK, Robert E. The Natural History of the Newspaper. **American Journal of Sociology**, v. 29, n. 3, p. 273-289, 1923. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/213601>. Acesso em: 02 mar. 2026.

PINHEIRO, Jonas de Jesus. **Alma preta e Afirmativa**: experiências contemporâneas de mídias negras na luta contra o racismo. 176f. Bahia, 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2019. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Jonas_MIDIAS_NEGRAS_ALMA_PRETA_E_AFIRMATIVA.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

PINHEIRO, Kerr; BRITO, V. de Paula. Poder informacional e desinformação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2014, Florianópolis. **Anais**[.. .] Florianópolis: ANCIB, 2014. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/download/355/355/636>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PINNA, Aline da Fonseca. O que é literacia midiática. **Blog Literacies**. 2018. Disponível em: <https://literaciesuffj.wordpress.com/2018/10/15/entendendo-o-que-e-literacia-midiatica/>. Acesso em: 2 maio 2024.

SÁEZ, J. M. Desafios e oportunidades da comunicação na sociedade digital. **Revista FT**, 2020. Disponível em: <https://revistaft.com.br/desafios-e-oportunidades-da-comunicacao-na-sociedade-digital/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

SANTANA, Ariane Teixeira de *et al.* Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica. **Ciência & saúde coletiva**, v. 29, p. e09952023, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2024.v29n9/e09952023/pt/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SANTOS, Cecilia Gusson; SANTOS, James Rios de Oliveira; EL KADRI; Michele Salles. Letramento racial crítico na construção da educação antirracista nas aulas de língua inglesa na Educação Básica. **Entretextos**, v. 21, n. 2, p. 153-172, 2021. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/43104/30881>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. **Máquinas pensantes**: algoritmos de Inteligência Artificial como discurso e produção algorítmica no capitalismo. 2025. 202 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/23939>. Acesso em: 02 mar. 2026

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2012. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.ph>. Acesso em: 16 mar. 2024.

SILVA, Lucas Adriano; FARIA, Antônio Cláudio Lopes; TEIXEIRA, Evandro Camargos. Desigualdade racial no mercado de trabalho formal brasileiro. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 11, n. 30, p. 51-67, 2021. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/121530120/2037.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SILVA, Tarcízio. **O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do racismo estrutural**. Instituto Humanitas Unisinos, 04 abr. 2023. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/627643-o-racismo-algoritmico-e-uma-especie-de-atualizacao-do-racismo-estrutural-entrevista-com-tarcizio-silva>. Acesso em: 28 nov. 2024.

SOARES, Ismar Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, n. 19, p. 12-24, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24>. Acesso em: 28 dez. 2024.

SOARES, Magda Becker O que é letramento e alfabetização. **Letramento**: um tema em três gêneros, v. 2, p. 27-60, 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/download/39334972/O_que_e_letramento_e_alfabetizacao.pdf. Acesso em: 17 set. 2024.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5925603/mod_resource/content/1/SOARES_Magda_Letramento_Um_tema_de_tres.pdf. Acesso em: 2 abr. 2024.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2017a.

SODRÉ, Muniz. **O próprio lugar**: a correspondência África-Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Reconhecimento**: subjetivação e intersubjetivação. Petrópolis: Vozes, 2019.

TARDE, Gabriel. **A opinião e a multidão**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1901]. Disponível em: <https://psicologiasocialbasica.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/09/gabriel-tarde-o-publico-e-a-multidao.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2026.

TFOUNI, Leda Verdiani **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2002.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em: https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/images/john_b._thompson_-_a_midia_e_a_modernidade_uma_teorica_social_da_midia-vozes_1998.pdf Acesso em: 02 mar. 2026.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidade e sociedade** [1887] Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Brasília: Universidade de Brasília, 1974. 207p. Disponível em: <https://www.esociologia.com.br/textos/ferdinand-tonnies>. Acesso em: 02 mar. 2026.

TWINE, France Winddance; STEINBUGLER, Amy C. The gap between whites and whiteness: interracial intimacy and racial literacy. **Du Bois Review**, v. 3, n. 2, p. 341-363, 2006. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/S1742058X06060231>. Acesso: 3 nov. 2024.

UNESCO. **Relatório de monitoramento global da educação 2024**: Inclusão digital e desafios da tecnologia na educação. Paris: UNESCO, 2024. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por. Acesso em: 15 ago. 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <http://tverezo.info/wp-content/uploads/2017/11/PREMS-162317-GBR-2018-Report-desinformation-A4-BAT.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2025.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. [1904]. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Disponível em: <https://www.sociologiaemos.pro.br/wp-content/uploads/2018/11/A-ETICA-PROTESTANTE-E-O-ESPIRITO-DO-CAPITALISMO.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2026.

WE ARE SOCIAL; MELTWATER. **Digital 2025**: Brazil. DataReportal, 2025. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-brazil>. Acesso em: 20 ago. 2025.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

APÊNDICE A – AMOSTRA DE 27/49 POSTS COLETADOS DO INSTAGRAM DE GELEDÉS

Link	Post	Data	Categoria	Subcategoria	Referencial Teórico	Título	Texto do post
https://www.instagram.com/p/DB1uZ40	G01	01/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Identidades raciais/identidade negra	Gonzalez (decodificação feminista) + Ferreira (saberes situados)	Ilê Iyê: meio século de luta, beleza e resistência	O mais belo dos belos está aniversariando. São 50 anos de história. Meio século de luta, resistência, dança, música, arte e identidade. O Bloco Ilê Aiyê deixou de ser apenas um bloco afro.
https://www.instagram.com/p/DB16rdi	G02	01/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Interseccionalidade	Crenshaw (interseccionalidade global) + Crenshaw (intervenção)	Seminário Gênero e Políticas: ultraconservadorismo: velhas e novas arenas de luta	A Ação Educativa, Geledés - Instituto da Mulher Negra, Fundação Carlos Chagas, FEUSP e o coletivo Professores contra o Facão Sem Partido desenvolveram uma pesquisa que...
https://www.instagram.com/p/DB3zXo	G03	02/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Saberes Raciais Situados	Ferreira (letramento racial crítico) + Ferreira (pedagógico)	Presidente do Grupo de Trabalho da ONU apoia nota do Geledés sobre a COP16	Em ato de apoio à nota de Geledés sobre a COP16, a presidente do Grupo de Trabalho de Especialistas em Afrodescendentes da ONU se manifesta. A presidente do Grupo...
https://www.instagram.com/p/DB34ato	G04	02/11/2024	Crítica à Branquitude Normativa	Racismo da branquitude	Bento (racismo da branquitude) + Schucman (desconstrução)	Afrodescendente conquistam na COP16 reconhecimento inédito e indígenas: novo oração	Na COP16, conferência de biodiversidade da ONU, afrodescendentes e comunidades quilombolas foram reconhecidos oficialmente por seu papel na conservação.
https://www.instagram.com/p/DB85O12	G05	04/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (desigualdades econômicas) + Almeida (estruturas)	Geledés participa da reunião do processo de cúpula das Américas para 2025 na República	A reunião, que ocorreu no último dia 30 de outubro, no Palácio do Itamaraty, em Brasília/DF, foi organizada pela Secretaria de Cúpula das Américas em colaboração com o país anfitrião da...
https://www.instagram.com/p/DB9eC8-	G06	04/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (discriminações econômicas) + Almeida (G20 empoderamento)	Iniciamos novembro, mês da consciência negra, na última sexta-feira (01), recebendo uma	Iniciamos novembro, mês da consciência negra, na última sexta-feira (01), recebendo uma homenagem de @bancodafeministapol com mais de 50 organizações do...
https://www.instagram.com/reel/CB8Rm	G07	04/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (racismo policial) + Almeida (violência racializada)	Mesa-redonda: promovendo a representação racial na tomada de decisões globais: o papel da ONU	A diversidade racial nas instâncias globais de decisão é uma questão urgente e precisa ser debatida como uma diretriz pro futuro. Essa foi a mensagem de Leticia Leibel, assessora...
https://www.instagram.com/p/DB_L1QT	G08	05/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Necropolítica	Almeida (necropolítica) + Almeida (violência letal imigrantes)	O meu novembro é negro	No mês em que se celebra a luta contra o racismo, tenho o orgulho de representar o Instituto Nacional de Câncer (INCA) por meio de sua área de ações sociais – INCÁvoluntário – no evento...
https://www.instagram.com/p/DC8wet	G09	05/11/2024	Crítica à Branquitude Normativa	Racismo da branquitude	Bento (racismo da branquitude) + Schucman (norma privilegiada)	Bárbara, mulher trans, negra e empregada doméstica. Como este sero adentra as casas.	Conheci Bárbara em Goiás, durante os dois lançamentos dos meus livros no Cerrado. Ela apresenta-se como "Bárbara Bombom, porque bombom é tudo de bom!" Logo de cara ela...
https://www.instagram.com/p/DB_2n1o	G10	05/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (racismo estrutural) + Almeida (Marielle Franco mandantes)	Lélia Gonzalez: um retrato", de Sueli Carneiro	Aconteceu nesta segunda-feira, 04, o lançamento do livro "Lélia Gonzalez: um retrato", uma realização da Companhia das Letras. Na obra, Sueli Carneiro (@carneiro956) traça a história...
https://www.instagram.com/p/DCACoX	G11	05/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Identidades raciais/identidade negra	Gonzalez (identidade negra) + Ferreira (narrativas culturais)	Momento histórico para Geledés na COP16	Geledés – Instituto da Mulher Negra, em parceria com outras organizações negras do Brasil e da Colômbia, alcançou um feito histórico na Conferência das Partes (COP) 16, que aconteceu...
https://www.instagram.com/p/DCCZr-	G12	06/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (desmonte educação) + Almeida (disputa ideológica)	Relatório Iuz para a agenda 2030 destaca dados sobre racismo	Assessora internacional de Geledés volta a cobrar interseccionalidade racial e de gênero nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Enquanto não houver...
https://www.instagram.com/p/DCFhP	G13	07/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situados	Ferreira (legado musical) + Gonzalez (influência africana)	Podcast Essa geração: No ar, pluralidade na cultura brasileira	Você já parou para pensar nas encruzilhadas culturais que atravessaram e ainda atravessam a cidade de São Paulo? Ou como isso se reflete na periferia? Para responder essas e outras...

https://www.instagram.com/DCEmfX	G14	07/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Identidades raciais/identidade negra	Gonzalez (honraria cultural) + Ferreira (reconhecimento artistas)	05 coisas que você precisa saber sobre a COP29	A cartilha '10 coisas que você precisa saber para se preparar para a COP29' é um pequeno guia elaborado pelo GT Clima da @frenteparlamentarambientalista, secretariado pelo Instituto
https://www.instagram.com/DCHiQx	G15	08/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (discriminação reversa) + Almeida (cotas residência médica)	Adaptação antirracista às mudanças climáticas	promovem evento paralelo à Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2024 (COP29) o evento: 'Adaptação Antirracista às Mudanças Climáticas'. O painel
https://www.instagram.com/reel/DCPq	G16	11/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situidos	Ferreira (resistência histórica) + Gonzalez (Mariabella herói)	Geledés - Instituto da Mulher Negra está presente na COP29, que acontece em Baku, Azerbaijão. Se você nos acompanha nas redes sociais, já deve ter notado que Geledés está ensaiado	Geledés - Instituto da Mulher Negra está presente na COP29, que acontece em Baku, Azerbaijão. Se você nos acompanha nas redes sociais, já deve ter notado que Geledés está ensaiado
https://www.instagram.com/DCPKVE	G17	11/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (violência jovens negros) + Almeida (estigma drogas K)	No dia 14 de Novembro, o espaço Kobra sediará o evento "Declaração Conjunta no G20 Social no Rio de Janeiro", um evento paralelo ao G20 Social, realizado em parceria com	No dia 14 de Novembro, o espaço Kobra sediará o evento "Declaração Conjunta no G20 Social no Rio de Janeiro", um evento paralelo ao G20 Social, realizado em parceria com
https://www.instagram.com/DCRn13	G18	12/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (agressão segurança) + Almeida (jovem negro vulnerável)	Não dá mais para esperar: PL de Cotas já	Aprovação já e sem alterações do PL de Cotas proposto pelo senador Paulo Paim! O Projeto de Lei de Cotas apresentado pelo senador Paulo Paim representa um avanço crucial na luta
https://www.instagram.com/DCSoTaj	G19	12/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (caso Marielle) + Almeida (justiça executores/mendentes)	Saímos da Universidade. E agora? O racismo no ramo corporativo e a geração Z negra	Em novembro fará um ano da revisão da Lei de Cotas, Nº 12.711, que reserva 50% das vagas em universidades, institutos e escolas públicas federais para pessoas quilombolas, negras.
https://www.instagram.com/reel/DCUv	G20	13/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situidos	Ferreira (black music) + Gonzalez (celebração cultural)	Na COP29, em Baku, Azerbaijão, representantes do governo brasileiro se reuniram com	Na COP29, em Baku, Azerbaijão, representantes do governo brasileiro se reuniram com membros da sociedade civil. Durante o evento, Marina Silva, Ministra do Meio Ambiente e Mudança
https://www.instagram.com/DCUdCO	G21	13/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situidos	Ferreira (herança africana) + Gonzalez (conscientização racial)	Organizações lançam documento no G20 Social sobre o empoderamento econômico	Nesta quinta-feira, 14, às 14h, durante a programação do G20 Social, no Rio, será oficialmente lançado o documento "Empoderamento Econômico da População Afrodescendente e o
https://www.instagram.com/DCXVD	G22	14/11/2024	Mediação Interseccional	Racismo Infantil/Reprodutivo	Crenshaw (rap-gênero-infância) + Crenshaw (política primeira)	Podcast essa geração: Oralidade	Você sabe a importância da oralidade para a construção cultural do povo brasileiro? No terceiro episódio do podcast 'Essa Geração' vamos falar sobre oralidade, que funciona como uma
https://www.instagram.com/DCWr7W	G23	14/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (crise saúde mental) + Almeida (pressão cotistas quenianos)	Pessoas negras estão em zonas de sacrifício racial	Na Conferência do Clima (COP), que está acontecendo em Baku, Azerbaijão, Leticia Leobet, assessora internacional do Geledés - Instituto da Mulher Negra, está na linha de frente das
https://www.instagram.com/DCXT0il	G24	14/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Racismo Estrutural Geral/ODS	Crenshaw (representação periferias) + Almeida (G20 fevelas)	Evento paralelo à Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2024 (COP29), com	evento paralelo à Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2024 (COP29), com o tema: 'Adaptação Antirracista às Mudanças Climáticas'. O evento de
https://www.instagram.com/DCXBvE	G25	14/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Infantil/Reprodutivo	Almeida (exploração sexual) + Crenshaw (vulnerabilidade crianças)	Organizações lançam o documento: Empoderamento econômico da população	Geledés - Instituto da Mulher Negra, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), os grupos de engajamento do G20, Civil 20 (C20), Think 20 (T20), Women 20 (W20) e a ONU
https://www.instagram.com/DCZQN	G26	15/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Educacional	Almeida (privatização escolas) + Almeida (desigualdade educacional)	Geledés lança recomendações sobre raça e gênero para as negociações climáticas na COP29.	Geledés - Instituto da Mulher Negra está presente na COP29, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, em Baku, Azerbaijão, acompanhando as principais agendas de
https://www.instagram.com/reel/DCZk	G27	15/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (repressão PM) + Almeida (protesto privatização)	Adaptação Antirracista às Mudanças Climáticas	o evento 'Adaptação Antirracista às Mudanças Climáticas' paralelamente à COP29. O painel teve como objetivo discutir a adaptação climática sob uma perspectiva antirracista, abordando

APÊNDICE B – AMOSTRA DE 34/177 POSTS COLETADOS DO INSTAGRAM DA ALMA PRETA JORNALISMO

https://www.instagram.com/p/DCzFEeE	G42	25/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Identidades raciais/identidade negra	Ferreira (consciência negra) + Gonzalez (movimento Palmasera)	COP29: Retrocessos e desafios para o combate ao racismo ambiental	O fim de 2024 e de COP29 marcam um ano de temperaturas recordes, marcado por desastres climáticos e incontáveis mortes em territórios negros das cidades. Tudo isso acontece enquanto
https://www.instagram.com/p/DCzNGw	G43	25/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situidos	Gonzalez (narrativas afro) + Ferreira (ancestralidade)	Nota Técnica Análise Interseccional de Dados Educacionais, com	Geledés Instituto da Mulher negra apresenta a nota técnica Análise interseccional de dados educacionais
https://www.instagram.com/p/DCyrt85	G44	25/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Identidades raciais/identidade negra	Gonzalez (identidade quilombola) + Ferreira (resistência)	Corpos matáveis: reflexões sobre a necropolítica e a violência estatal nas periferias de Vitória	Nos últimos anos, diversas denúncias sobre assassinatos e violências nas periferias de Vitória, Espírito Santo, têm ganhado visibilidade pelas redes sociais e mídia alternativa. Corpos de
https://www.instagram.com/p/DCzww	G45	25/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situidos	Ferreira (cultura oral) + Gonzalez (saberes periféricos)	Balanco crítico da COP29, realizada em Baku	Letícia Leobet, assessora internacional de Geledés - Instituto da Mulher Negra, fez um balanço crítico da COP29, realizada em Baku. Ela destacou que, apesar de ser apresentada como a
https://www.instagram.com/p/DC1lu_et	G46	26/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situidos	Ferreira (história movimento) + Gonzalez (Zumbi Dandara)	Racismo estrutural e preconceito implícito em tecnologias médicas: agora que sabemos, o que	As disparidades raciais em saúde comprometem de maneira sistêmica o direito de acesso à saúde garantido pela Constituição de 1988 e os princípios de justiça social no âmbito
https://www.instagram.com/p/DC6x	G47	27/11/2024	Mediação Interseccional	Interseccionalidade	Crenshaw (raça-gênero-clima) + Crenshaw (dados)	Suelaine Carneiro destacou a urgência de combater as desigualdades enfrentadas pelas	Ontem, 26 de novembro, durante Sessão Especial no Senado pelos 35 anos da Convenção sobre os Direitos da Criança, Suelaine Carneiro, Coordenadora de Educação e Pesquisa de
https://www.instagram.com/p/DC7KBF	G48	28/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico / Mercado de trabalho	Almeida (ODS racismo) + Almeida (desigualdades estruturais)	Avança agenda econômica para afrodescendentes	O debate sobre o empoderamento econômico da população afrodescendente avançou no último ano graças à persistente e destacada atuação de organizações do movimento negro, em
https://www.instagram.com/p/DC7IE8J	G49	28/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Estrutural Geral/ODS	Almeida (racismo sistêmico) + Almeida (agenda 2030)	Evento: Perspectivas afrodescendentes sobre o financiamento para o	No dia 4 de dezembro, o Geledés - Instituto da Mulher Negra realizará o evento "Perspectivas Afrodescendentes sobre o Financiamento para o Desenvolvimento Sustentável", com o
https://www.instagram.com/p/DB1XeF	A01	1/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Identidades raciais/identidade negra	Gonzalez (decodificação feminista) + Ferreira (saberes situados)	Visibilidade: UFMG cria banco de fontes de pesquisadores negros	O banco de fontes, que será lançado em 19 de novembro, pretende dar visibilidade a pesquisadores negros e facilitar o acesso a fontes acadêmicas em diversas áreas. O projeto é uma
https://www.instagram.com/p/DB2FCG	A02	01/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Interseccionalidade	Crenshaw (interseccionalidade global) + Crenshaw (intervenção)	Bancada feminista vai homenagear 55 entidades de movimentos de SP, incluindo a	O mandato coletivo da Bancada Feminista do PSOL vai realizar nesta sexta-feira (1º), às 20 horas, uma sessão solene na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP), em homenagem
https://www.instagram.com/p/DB2VLo	A03	01/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Saberes Raciais Situidos	Ferreira (tratamento racial crítico) + Ferreira (pedagógico)	Ícone da resistência negra, Ilê Aiyê celebra 50 anos de história	Reconhecido como o primeiro bloco afro do Brasil, o Ilê Aiyê celebra nesta sexta-feira (1º) seus 50 anos de história! O grupo é um ícone da resistência negra e um pilar na preservação e
https://www.instagram.com/p/DB4NzK	A04	01/11/2024	Crítica à Branquitude Normativa	Racismo da branquitude	Bento (racismo da branquitude) + Schucman (desconstrução)	Afro fashion Day celebra 10 anos com destaque na moda e música negra em Salvador	A Praça do Campo Grande, em Salvador, foi palco na última sexta-feira (1º) da 10ª edição do Afro Fashion Day (AFD), o maior evento de moda negra da Bahia. Com uma programação
https://www.instagram.com/p/DB12UJ	A05	01/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (desigualdades econômicas) + Almeida (estruturais)	Nath Finanças lança projeto de inserção de mulheres negras no mercado financeiro	Lançado nesta segunda-feira pela influenciadora Nathalia Rodrigues (@nathfinancas), o Instituto Mulheres no Mercado Financeiro (IMMF) (@instituto.immf) é uma iniciativa dedicada a
https://www.instagram.com/p/DB2K4	A06	01/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (discriminações econômicas) + Almeida (G20 empoderamento)	Quero transformar o mundo com a educação, diz Nath Finanças sobre Instituto para mulheres no	Nathalia Rodrigues (@nathfinancas) conta que a ideia do projeto surgiu após o desconforto em ser a única negra entre os maiores nomes do mercado financeiro. A empresária acredita

https://www.instagram.com/p/DB19Ez	A07	01/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (racismo policial) + Almeida (violência racializada)	Caso Marielle: Ministério Público vai analisar discrepância de penas de Elcio e Ronnie	Durante o julgamento, o Ministério Público defendeu penas de 84 anos para cada um dos acusados. O entendimento é que os dois deveriam ser responsabilizados igualmente pelos
https://www.instagram.com/p/DB2Raf	A08	01/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Neopolítica	Almeida (neopolítica) + Almeida (violência letal imigrantes)	Guerra perpétua: polícia mata cabo-verdiano em Portugal e acende debate sobre violência	Odir Moniz, de 43 anos, foi alvo de disparos da Polícia de Segurança Pública em Portugal no dia 21 de outubro. Além da violência letal, a vítima ainda teve sua honra e imagem violadas.
https://www.instagram.com/p/DB4h9eu	A09	02/11/2024	Crítica à Branquitude Normativa	Racismo da branquitude	Bento (racismo da branquitude) + Schucman (norma privilegiada)	Caminhos do sol: ilustradora Aline Bispo lança coleção celebrando o verão brasileiro	No dia 17 de outubro, ocorreu o evento de lançamento da nova coleção "Caminhos do Sol", uma parceria da ilustradora visual e multiartista Aline Bispo (@aalinbispo) com a Tok & Stok. A
https://www.instagram.com/p/DB4h9eu	A10	02/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (racismo estrutural) + Almeida (Marielle Franco mandantes)	Condenação dos assassinos de Marielle Franco: justa ou retaliacao tardia?	A condenação dos assassinos de Marielle Franco é um marco, mas também um alerta: enquanto estruturas racistas e a violência estatal persistem, a segurança de líderes sociais
https://www.instagram.com/p/DB65Dz	A11	03/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Identidades raciais/identidade negra	Gonzalez (identidade negra) + Ferreira (narrativas culturais)	Além de novembro: a urgência de reconhecer a luta das pessoas pretas	As celebrações em novembro muitas vezes se limitam a eventos que visam "educar" a população sobre o racismo, mas esquecem de destacar as vitórias e as expressões artísticas que
https://www.instagram.com/p/DB6dZ0	A12	03/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (desmonte educação) + Almeida (disputa ideológica)	Esquerda precisa voltar a disputar ideias, diz Thiago Torres, o chavoso da USP.	A Alma Preta conversou com o sociólogo e youtuber Thiago Torres (@chavosodausp.02), mais conhecido como "Chavoso da USP". Segundo ele, a adesão da população mais pobre a
https://www.instagram.com/p/DB9ahF	A13	04/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situaos	Ferreira (legado musical) + Gonzalez (influência africana)	Ícone do Jazz e Pop, Quincy Jones moldou música norte-americana e deixa legado de	Conhecido por sua versatilidade e habilidade em unir diferentes vertentes musicais, Quincy Jones foi um dos mais influentes produtores e arranjadores da música norte-americana. Ao longo
https://www.instagram.com/p/DB9SRW	A14	4/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Identidades raciais/identidade negra	Gonzalez (honraria cultural) + Ferreira (reconhecimento artístas)	Zezé Mota recebe o título de Doutora Honoris Causa da Fiocruz	Aprovada por unanimidade, Zezé Motta (@zezemotta) é a primeira artista a receber a honraria da instituição. Doutora Honoris Causa pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a maior
https://www.instagram.com/p/DB9hnd	A15	04/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (discriminação reversa) + Almeida (cotas residência médica)	Discriminação reversa: CFM aciona justiça contra cotas em concurso de residência médica	O Conselho Federal de Medicina (CFM) iniciou uma ação civil pública contra a reserva de 30% das vagas destinadas a grupos sociais vulneráveis. Segundo o CFM, as desigualdades
https://www.instagram.com/p/DB9oRS	A16	04/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situaos	Ferreira (resistência histórica) + Gonzalez (Marighella herói)	Mil faces de um homem leal: 55 anos da morte de Marighella	Carlos Marighella, considerado o inimigo número um da ditadura, é hoje celebrado como um herói nacional que defende a democracia e a soberania popular. Sua primeira prisão política
https://www.instagram.com/p/DB9rktq	A17	04/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (violência jovens negros) + Almeida (estigma drogas K)	O estigma das drogas K e a violência contra jovens negros	Video, registrado por assistente social, mostra momento em que jovem, sob efeito das drogas K, é abordado e agredido por segurança do centro comercial. Drogas K têm sido utilizadas
https://www.instagram.com/p/DB9v	A18	4/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (agressão segurança) + Almeida (jovem negro vulnerável)	Reportagem: O estigma das drogas K e a violência contra jovens negros	Kenanda Nery presenciou uma abordagem violenta de um segurança do Shopping Itaquera, na zona leste de São Paulo, contra um jovem negro que estava sob efeito de drogas
https://www.instagram.com/p/DB9vZi9t	A19	4/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (caso Marielle) + Almeida (justiça executores/mandantes)	Os próximos passos do caso Marielle e Anderson	As famílias de Marielle Franco e Anderson Gomes confiam na justiça e aguardam a condenação tanto dos executores quanto dos mandantes de seus assassinatos. Esperam que o
https://www.instagram.com/p/DB9v00v	A20	5/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situaos	Ferreira (black music) + Gonzalez (celebração cultural)	Baile celebra 50 anos de black music no Brasil sob comando de DJ Corello e Dom Filó	Celebrando os 50 anos da chegada da black music no Brasil, a Cultre (@cultre) e o Teatro Rival Petrópolis (@teatrorivalpetropolis) promovem a primeira edição do baile

https://www.instagram.com/p/DCAGF/	A21	5/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situaados	Ferreirs (herança africana) + Gonzalez (conscientização racial)	Racismo pode ser convertido com conscientização da herança africana - diz sócia da escola	Maju Passos (@majupassos), sócia da Escola Afro-brasileira Maria Felipa, destaca a relevância do tema da redação. Em entrevista à Alma Preta, ela ressalta como esse reconhecimento
https://www.instagram.com/p/DCAT2W/	A22	5/11/2024	Mediação Interseccional	Racismo Infantil/Reprodutivo	Crenshaw (raça-gênero-infância) + Crenshaw (política primeira)	Entenda como a política nacional integrada para a primeira infância pode incluir crianças negras	A Alma Preta, a CEO da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Mariana Luz (@marianaluz_primeirainfancia), que integra o Comitê, explica que a política traz três eixos cujo foco é colocar
https://www.instagram.com/p/DCB6rxi/	A23	5/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (crise saúde mental) + Almeida (pressão atletas quenianos)	Sem apoio, atletas quenianos enfrentam crise de saúde mental	A situação dos atletas quenianos é agravada pela necessidade de sucesso esportivo para sustentar suas famílias, o que aumenta a pressão emocional e mental sobre esses
https://www.instagram.com/p/DCAhfkU/	A24	5/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Racismo Estrutural Geral/OOS	Crenshaw (representação periferias) + Almeida (G20 fevelas)	Líderes de periferias entregam relatório com ações prioritárias a autoridades do G20	Em 2024, a presidência da Conferência do G20 será de responsabilidade do Brasil, que sediará o evento em novembro. Para garantir que se tenha representação das populações
https://www.instagram.com/p/DB_4Yx/	A25	5/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Infantil/Reprodutivo	Almeida (exploração sexual) + Crenshaw (vulnerabilidade crianças)	Manas: o fim do silêncio	Filme da diretora Marianna Brennan, em seu novo documentário "Manas", relata a vivência de crianças e adolescentes em um ambiente de exploração sexual. "O filme
https://www.instagram.com/p/DB_eXi/	A26	5/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Educacional	Almeida (privatização escolas) + Almeida (desigualdade educacional)	Governo de São Paulo privatiza segundo lote de escolas da rede pública	Na segunda-feira (4), o Consórcio SP+ Escolas venceu o leilão da Parceria Pública Privada de Novas Escolas (PPP). O leilão de escolas da rede pública estadual ocorreu enquanto um
https://www.instagram.com/p/DCAM56/	A27	5/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (repressão PM) + Almeida (protesto privatização)	Deputados de São Paulo denunciam agressão policial e cortes de verba na educação	Na última segunda-feira (4), policiais militares reprimiram um protesto de professores e estudantes contrários ao leilão de privatização de escolas. As pessoas presentes no ato foram
https://www.instagram.com/p/DCB-Mu/	A28	6/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situaados	Gonzalez (oralidade cultural) + Ferreira (Mambembe cinema)	Mambembe: saudade não é nostalgia	Com um rico material de pesquisa e parte do filme captada, o diretor Fábio Meira transforma o projeto em uma fusão de documentário e ficção, resultando em uma obra provocativa.
https://www.instagram.com/p/DCCVIN/	A29	6/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Interseccionalidade	Crenshaw (cultura conscientização) + Crenshaw (G20 clima)	Ministra destaca papela da Bahia no G20: cultura como ferramenta de conscientização	Nesta terça-feira (5), a Ministra Margareth Menezes (@margarethmenezes), apresentou à imprensa baiana, os temas a serem debatidos nos cinco dias de programação do
https://www.instagram.com/p/DCCdG/	A30	6/11/2024	Mediação Interseccional	Interseccionalidade	Crenshaw (absorventes calamidade) + Crenshaw (mulheres vulneráveis)	Comissão da Câmara aprova distribuição de absorventes para mulheres em situação de	O Projeto de lei, de autoria da deputada federal Erika Hilton (@hilton_erika) (PSOL), propõe a distribuição de absorventes para mulheres afetadas por eventos climáticos extremos.
https://www.instagram.com/p/DCCLJG/	A31	6/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Neopolítica	Almeida (trabalho escravo) + Almeida (lista suja fazendeiro)	Fazendeiro que integra lista suja é reeleito como vereador no CE	O fazendeiro Eduardo Ribeiro Lima, que foi reeleito no norte do Ceará, com 1930 votos, entrou na "Lista Suja" de trabalho escravo, após uma fiscalização, em 2022, flarar 22
https://www.instagram.com/p/DCCLPa/	A32	6/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Estrutural Geral/OOS	Almeida (extrema-direita) + Almeida (ameaça imigração Trump)	vitória de Trump nos EUA consolida avanço da extrema-direita no mundo, dizem	Para parlamentares brasileiros, o possível retorno de Donald Trump à presidência dos EUA representa uma ameaça de expansão da ideologia de extrema-direita. Durante sua
https://www.instagram.com/p/DCCL2d/	A33	6/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (racismo publicitário) + Almeida (falta patrocínio Batekoo)	Batekoo adia festival por falta de patrocínio e denuncia racismo no meio publicitário	Segundo os organizadores da terceira edição do evento, que ocorreria em 23 de novembro em São Paulo, a decisão expõe o racismo estrutural que ainda guia o mercado publicitário.
https://www.instagram.com/p/DCCL43b/	A34	6/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (violência armada escolas) + Almeida (suspensão letivos)	Violência armada aumenta 81% no ano letivo das escolas públicas, diz estudo.	O levantamento, divulgado pelo Instituto Fogo Cruzado na última terça-feira (5), aponta para a média de 161 dias letivos suspensos em decorrência dos conflitos armados. O estudo

https://www.instagram.com/mp/DCC_ad	A35	6/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Estrutural Geral/ODS	Almeida (processos racismo) + Almeida (judiciário pendente)	Judiciário tem mais de 11 mil processos sobre racismo pendentes	O Conselho Nacional de Justiça (CNU) lançou, na terça-feira (5), um painel digital que possibilita acompanhar a tramitação de processos judiciais de racismo em todas as esferas do
https://www.instagram.com/mp/DCCDGR	A36	6/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Crenshaw (equidade racial) + Almeida (fundo Agbara)	Fundo Agbara realiza jantar para promover a equidade racial: projeto é uma afronta para o setor	Em entrevista à Alma Preta, que estava presente no evento, a diretora-executiva da organização, Aline Odara (@alineodara), celebrou a trajetória do Fundo e destacou a importância de
https://www.instagram.com/mp/DCEBW	A37	7/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Infantil/Reprodutivo	Almeida (crianças negras) + Crenshaw (saúde menstrual)	Pobreza e racismo agravam luta de crianças negras contra anemia falciforme	De acordo com a doutora em enfermagem e especialista em direitos humanos Daniela Tafner, a qualidade de vida das crianças negras diagnosticadas com anemia falciforme no Brasil
https://www.instagram.com/mp/DCE0PO	A38	7/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Racismo ambiental/Climático	Crenshaw (adaptação antirracista) + Almeida (mudanças climáticas)	G20: movimentos sociais querem efetivação de políticas públicas para populações vulneráveis	Durante o evento que aconteceu em Belém (PA), foi apresentada a Declaração Ministerial sobre Redução de Risco de Desastre, com 19 pontos que enfatizam o combate às
https://www.instagram.com/m/reel/DCFS	A39	7/11/2024	Mediação Intereccional	Racismo Infantil/Reprodutivo	Crenshaw (raça-gênero-infância) + Crenshaw (primeira)	4o episódio da série alma pretinha	Vivemos numa era onde as telas fazem parte do cotidiano, tanto para nós, adultos, quanto para os pequenos. Mas será que estamos atentos aos impactos dessa exposição tão precoce?
https://www.instagram.com/mp/DCEnlVF	A40	7/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo policial/violência racializada	Almeida (violência policial) + Almeida (jovens periferias)	Polícia mata 1 pessoa negra a cada 4 horas, diz relatório: média se repete há cinco anos	Publicado nesta quinta-feira (7), o relatório "Pele Alvo" da Rede de Observatórios da Segurança, mostra, mais uma vez, que muitos negros morrem pelas mãos da polícia. Só em 2023,
https://www.instagram.com/mp/DCFCUs	A41	7/11/2024	Racismo Estruturante Contemporâneo	Racismo Econômico/Mercado de trabalho	Almeida (6x1 negros) + Almeida (cotas serviço público)	Deputados do PL recusam assinar PEC contra escala 6x1 de trabalho	A Proposta de Emenda à Constituição (PEC), apresentada pela deputada federal Erika Hilton (@hilton_erika), do PSOL-SP, enfrenta resistência significativa. Deputados do Partido Liberal
https://www.instagram.com/mp/DCFFGy	A42	7/11/2024	Intervenção Antirracista Transformadora	Identidades raciais/identidade negra	Ferreira (consciência negra) + Gonzalez (movimento Palmares)	Nosso papel é cuidar do povo: MIR aposta em políticas continuadas para o novembro	A campanha Brasil pela Igualdade Racial, uma iniciativa do governo federal com o MIR, é o destaque de novembro e busca combater o racismo e promover a igualdade. Em entrevista à
https://www.instagram.com/mp/DCEjALe	A43	7/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situados	Gonzalez (narrativas afro) + Ferreira (ancestralidade)	Bahia regulamenta lei MOA do Katendê e cria projeto para incentivar capoeira nas escolas	O Governo da Bahia oficializou, nesta terça-feira (5), a regulamentação da Lei Moa do Katendê, que visa a proteção e o incentivo à prática da capoeira no estado. A Lei 14.341
https://www.instagram.com/m/reel/DCHH	A44	8/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Identidades raciais/identidade negra	Gonzalez (identidade quilombola) + Ferreira (resistência)	Chegou a vez das negronas contemporâneas	Personagens negros normalizados nas histórias que lemos trazem uma riqueza de diversidade que reflete o mundo real. Quando a presença negra na literatura é natural, sem
https://www.instagram.com/mp/DCKIDL	A45	08/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situados	Ferreira (cultura oral) + Gonzalez (saberes periféricos)	Musical Dom Casmurro tem temporada em São Paulo até o fim de novembro	Uma das obras-primas da literatura brasileira, "Dom Casmurro", de Machado de Assis, ganhou uma nova e ousada adaptação no formato de musical, em cartaz no Teatro Estúdio, em São
https://www.instagram.com/mp/DCKqOs	A46	08/11/2024	Epistemologia Racial Situada	Saberes Raciais Situados	Ferreira (história movimento) + Gonzalez (Zumbi Dandara)	Samba-Rock, malandragem e as tias do Brasil: como o samba-rock moldou a malandragem	Diferente do samba, que tem um alcance quase que nacional entre pessoas negras brasileiras, o samba-rock assume um caráter de regionalidade que nordeia toda a sua construção
https://www.instagram.com	A47	8/11/2024	Mediação Intereccional	Interseccionalidade	Crenshaw (raça-gênero-clima) +	Ativista negras querem antirracismo no centro da COP29	A participação do grupo Rede Vozes Negras pelo Clima na COP29 e no G20 visa destacar a importância de uma